

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**DISSERTAÇÃO**

**TRAJETÓRIA DE VIDA DE JOVENS DA FAVELA NOVA BRASÍLIA**  
**– CPX DO ALEMÃO/RJ: UMA ANÁLISE POR GRUPO FOCAL**

**ELOIR BRAVIM JUNIOR**

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**TRAJETÓRIA DE VIDA DE JOVENS DA FAVELA NOVA BRASÍLIA  
– CPX DO ALEMÃO/RJ: UMA ANÁLISE POR GRUPO FOCAL**

ELOIR BRAVIM JUNIOR

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Geografia**.

Sob a Orientador do Professor

**Dr. Marcio Rufino Silva**

SEROPÉDICA/RJ

2022

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B836t Bravim Junior, Eloir, 1979-  
Trajetória de vida de jovens da favela Nova Brasília  
- CPX do Alemão/RJ: uma análise por grupo focal /  
Eloir Bravim Junior. - RIO DE JANEIRO, 2022.  
117 f.

Orientador: Marcio Silva. Dissertação(Mestrado).  
- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,  
PPGGEO - Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2022.

1. Juventude. 2. Favela. 3. Complexo do Alemão. 4.  
Favela Nova Brasília. 5. Trajetórias. I. Silva, Marcio,  
1982-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro. PPGGEO - Programa de Pós-Graduação em  
Geografia III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**ELOIR BRAVIM JUNIOR**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 20/12/2022

Marcio Rufino Silva, Dr., UFRRJ  
(Orientador, presidente da banca)

Luciano Ximenes Aragão, Dr., UERJ  
(membro da banca)

Maurílio Lima Botelho, Dr., UFRRJ  
(membro da banca)



Emitido em 13/01/2023

**HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO N° 2/2023 - PPGGEO (12.28.01.00.00.00.35)**

(N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

*(Assinado digitalmente em 13/01/2023 11:30 )*

MARCIO RUFINO SILVA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeGEOIA (11.39.39)

Matrícula: ###412#7

*(Assinado digitalmente em 13/01/2023 14:00 )*

MAURILIO LIMA BOTELHO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeGEOIA (11.39.39)

Matrícula: ###854#7

*(Assinado digitalmente em 13/01/2023 17:08 )*

LUCIANO XIMENES ARAGAO

ASSINANTE EXTERNO

CPF: ###.###.157-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/documentos/> informando seu número: 2, ano: 2023, tipo:  
**HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: 13/01/2023 e o código de  
verificação: **c9c3d10cc8**

“A favela nunca foi um reduto de marginal. Ela só tem gente humilde marginalizada, e essa verdade não sai no jornal. A favela é um problema social”.

Bezerra da Silva (Noca da Portela & Sérgio Mosca) “Eu sou favela”. 1992.

**Dedico esse trabalho aos 13 jovens da Nova Brasília**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, professor Dr. Marcio Rufino Silva, por me acolher, me direcionar e, principalmente, não desistir de mim.

À banca de qualificação, composta pelos professores Dr. Luciano Aragão e o Dr. Maurilio Botelho, pelas valiosas dicas.

Aos incríveis amigos Dr. Rafael (UFC) e Dr. Guilherme (UFJF), pelas ideias e por todo apoio.

Aos Caios (Perdomo e Paz), às Jus (Juliana e Juliere) e à Jessica, por acenderem o braseiro sempre que ele estava apagando.

À Rita, por fazer o impossível.

Aos meus pais e aos meus filhos, pelo amor incondicional por não soltarem minha mão em nenhum momento.

Ao meu amor Joyce, por toda paciência e generosidade do mundo, aturando toda minha ausência e me motivando, para que tudo pudesse dar certo.

A Deus, que abriu as portas, organizou os caminhos e usou todas essas pessoas para que tudo pudesse acontecer no tempo certo. Nada aconteceu por acaso.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

## RESUMO

**BRAVIM JUNIOR, Eloir. Trajetória de vida de jovens da favela Nova Brasília – CPX do Alemão/RJ: uma análise por grupo focal.** 2022. 153p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Agronomia, Departamento de Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2022.

Este trabalho foi desenvolvido através da análise das trajetórias de vida de jovens moradores da favela Nova Brasília/Complexo do Alemão (RJ), utilizando-se de entrevistas em grupo focal, procurando sistematizar os aspectos presentes na vida cotidiana desses jovens e seus engajamentos políticos necessários frente às demandas do espaço. Apresenta as formas pelas quais se estabelecem os processos de alienação e suas manifestações, através da construção de suas trajetórias de vida, a partir de suas relações com a própria favela, com o Estado e os desafios para o futuro.

**Palavras-chaves:** favela, jovem, Complexo do Alemão, alienação, trajetórias, Nova Brasília

## ABSTRACT

BRAVIM JUNIOR, Eloir. **The life trajectories of Young residentes in the slum of the Nova Brasília – CPX do Alemão/RJ: interviews in focus groups.** 2022. 153p. Dissertation (Master in Geograpy). Instituto de Agronomia, Departamento de Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2022.

This study was conducted through the analysis of the life trajectories of young residents in the slum of the Nova Brasília/Complexo do Alemão (RJ), using interviews in focus groups, seeking to systematize the aspects present in the daily lives of these young people and their political engagement necessary to meet the demands of space. It presents the ways in which alienation processes are established and their manifestations, through the construction of their life trajectories, based on their relations with the slum itself, with the State, and the challenges for the future.

**Keywords:** slum, youth, Complexo do Alemão, alienation, trajectories, Nova Brasília

# **RELAÇÃO DE FIGURAS, IMAGENS, GRÁFICOS E TABELAS**

## **ANEXO DE FIGURAS/IMAGENS**

Figura 1: Praça do Conhecimento – favela Nova Brasília / Complexo do Alemão

Figura 2: APARU Serra da Misericórdia

Figura 3: Serra da Misericórdia (verde), bairros do entorno e localização das pedreiras (vermelho)

Figura 4: Visão panorâmica de uma das pedreiras com o Complexo do Alemão ao fundo

Figura 5: O Complexo do Alemão em relação à cidade

Figura 6: Mapa das favelas do Complexo do Alemão

Figura 7: Invasão de Nova Brasília, Correio da Manhã de 27/08/1957

Figura 8: Invasão de Nova Brasília, Correio da Manhã de 27/08/1957

Figura 9: Fuga do Complexo da Penha para o Complexo do Alemão quando da ocupação policial em 25 de novembro de 2010

Figura 10: Escola CAIC Theóphilo de Souza Pinto, com fachada cravejada de balas. Período em que a UPP da Nova Brasília dividia o mesmo espaço com a escola.

## **ANEXO DE TABELAS/GRÁFICOS**

Tabela/Gráfico 1: Planejamento dos encontros, temas e perguntas.

Tabela/Gráfico 2: População, Domicílios, Habitantes por Domicílio, Área e Densidade Demográfica segundo as Comunidades do Complexo do Alemão e Município do Rio de Janeiro

Tabela/Gráfico 3: Resumo do histórico fundiário e da urbanização do Complexo do Alemão a partir do século XVIII

Tabela/Gráfico 4: Comparativo de dados educacionais do Complexo do Alemão e do município do Rio de Janeiro

Tabela/Gráfico 5: Distribuição dos equipamentos de lazer na cidade do Rio de Janeiro. (2005)

Tabela/Gráfico 6: Taxa de homicídios de jovens, por grupo de 100 mil, por UF, 2019.

## SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	1
INTRODUÇÃO .....	3
CAPÍTULO I: A ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE VIDA DOS JOVENS PERIFÉRICOS ATRAVÉS DE GRUPO FOCAL .....	8
1.1 Desafios iniciais.....	8
1.2 Caminhos metodológicos: Pesquisa em Grupo Focal .....	10
1.3 Desafio do moderador de pesquisa em Grupo Focal .....	14
CAPÍTULO II: A JUVENTUDE E A FAVELA NOVA BRASÍLIA NO CPX DO ALEMÃO.....	20
2.1 Uma nova política de espacialidade.....	20
2.2 A favela Nova Brasília no CPX do Alemão: ocupação inicial.....	22
2.3 O estabelecimento das favelas no Rio de Janeiro na ótica do neoliberalismo e suas consequências para o jovem periférico.....	32
2.4 O PAC no CPX do Alemão e seus efeitos na favela Nova Brasília no debate dos jovens moderadores.....	46
2.5 O controle social e a metáfora de guerra enquanto política de segurança pública nas favelas do Rio de Janeiro e, em especial, no Complexo do Alemão.....	53
2.6 A pandemia de COVID-19 na visão dos jovens da favela Nova Brasília .....	65
2.7 Os jovens da Nova Brasília e a difícil ressignificação da favela.....	67
CAPÍTULO III: PERCEPÇÕES E DESAFIOS PARA A JUVENTUDE PERIFÉRICA.....	72
3.1 O jovem e a juventude ao longo da história.....	72
3.2 O jovem da favela: percepções e desafios.....	74
3.3 As redes sociais e a visibilidade para o jovem periférico.....	82

3.4 Drogas, tráfico e confinamento sob o olhar dos jovens da Nova Brasília.....	84
3.5 As dificuldades de inserção no mercado de trabalho e a falácia do empreendedorismo individual.....	89
3.6 O jovem periférico e os caminhos para o futuro.....	94
CAPÍTULO IV: ANÁLISE DE RESULTADOS.....	99
4.1 Na perspectiva do jovem e a favela.....	101
4.2 Na perspectiva do jovem e o Estado.....	102
4.3 Na perspectiva do jovem e o futuro.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	106
ANEXOS.....	115



## PRÓLOGO

Demorei 20 anos para ingressar no Mestrado. Quando terminei a Licenciatura em Geografia, na Faculdade de Formação de Professores da UERJ em 2003, acabei me afastando da academia e seguindo para a sala de aula. Me tornei pai de três meninos e tive que adiar mais um pouco a realização deste sonho.

Durante todo esse tempo (e até mesmo antes disso), pude amadurecer a ideia do projeto. Por ser morador de Inhaúma, bairro limítrofe ao Complexo do Alemão (RJ), pude observar, em parte, a expansão de suas favelas pela serra da Misericórdia - o que eu observava da janela da minha casa. Pela curiosidade de entender um pouco mais sobre esse e outros processos que aconteciam, o recorte espacial já estaria estabelecido: o Complexo do Alemão e suas favelas.

Em 2011, assumi o cargo de professor em uma escola estadual dentro da favela Nova Brasília, uma das favelas do Complexo do Alemão. O convívio diário com os jovens estudantes e moradores da própria favela, fortaleceu ainda mais a ideia de escrever sobre essa relação, já definindo também, o objeto de pesquisa.

Em 2019, enfim, ingressei no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGGEO/UFRRJ) e pude iniciar, academicamente, a minha pesquisa.

Claro que nunca imaginei que seria simples: enfrentar todas as dificuldades de um acadêmico, tive que aprender a lidar com o desafio de ingressar em um programa de Pós-Graduação, lecionando Geografia para os Ensinos Fundamental e Médio em quatro escolas (públicas e particulares) da cidade do Rio de Janeiro e gerir uma família com três filhos menores, porém todas as lutas foram válidas e fui aprendendo a conciliar.

Entretanto, o maior desafio ainda estava por vir: uma pandemia através da propagação do vírus SARS-COV 19 no mundo todo. Desde março de 2020 todos nós tivemos que nos reinventar e passar por situações que não estavam previstas. Perdas de entes queridos, internações prolongadas de familiares, modelo de ensino remoto nas escolas com uma absurda sobrecarga de trabalho... e nenhum desses desafios dificultou tanto a realização desta pesquisa quanto o fato de não poder estar mais em contato com o meu objeto de pesquisa. Estar longe da escola em que leciono na favela Nova Brasília, me distanciou do meu grupo de análise e, conseqüentemente, da minha pesquisa.

Ao mesmo tempo em que eu estava estimulado a continuar a escrever, estive preso diante do prazo para execução da pesquisa e a ausência de dados reais para sua elaboração. Neste período de distanciamento, o meu grupo de coleta de dados se desfez e eu precisaria recomençar todo o processo.

A situação se estendeu até fevereiro de 2022 quando as aulas presenciais finalmente retornaram nas escolas estaduais do Rio de Janeiro. Ao retornar à escola, na favela Nova Brasília, pude sentir novamente toda a motivação, que até então estava adormecida, precisando de uma nova reviravolta.

E aconteceu! Desde fevereiro de 2022 até a entrega desta dissertação, pude reorganizar um novo grupo de coleta e voltar a debater com os jovens moradores da favela sobre suas trajetórias de vida através de entrevistas em grupo focal.

O organograma construído inicialmente com o projeto de pesquisa teve que ser refeito e adaptado à nova forma como a pesquisa precisaria ser conduzida. A conclusão dessa dissertação esteve condicionada à orientação e à paciência do meu orientador, o professor Dr. Marcio Rufino Silva e o colegiado da Pós Graduação da UFRRJ, já que houve a necessidade do pedido de extensão do prazo.

Porém, com todos esses desencontros e reencontros para a realização deste trabalho, nasce também a necessidade de observar os efeitos da pandemia na relação do jovem morador com a própria favela, o que não estava previsto no projeto inicial. O resultado vocês poderão apreciar a partir de agora.

## INTRODUÇÃO

Minha vida toda eu passei em Inhaúma. Para quem não conhece, é um bairro limítrofe ao atual bairro do Complexo do Alemão<sup>1</sup>, na zona norte do município do Rio de Janeiro - RJ. Nasci em 1979 e pude acompanhar um período da expansão de algumas favelas pela serra da Misericórdia<sup>2</sup>. Durante toda minha infância e adolescência, fui condicionado a me afastar de tudo o que tinha relação com essas favelas, de forma a não passar nem pelas vias próximas. Cresci com o olhar preconceituoso de que tudo que tinha oriundo dessas (e em outras) favelas não tinha mínima a chance de ser bom.

Não consigo afirmar com exatidão, quando e nem como essa minha visão experimentada, a partir de uma vivência construída através de um modelo segregador de análise do espaço urbano, começou a se transformar. Talvez pelas novas percepções vivenciadas na graduação em Geografia ou até mesmo por um estreitamento de laços com essas favelas a partir dos anos finais da década de 1990. Provavelmente uma mistura de ambos.

De forma mais exata, as inquietações que motivaram, de forma decisiva, as investigações para a concretização desta pesquisa, estavam relacionadas aos acontecimentos a partir de 2011, quando, já como docente de Geografia, comecei a lecionar no CAIC Theóphilo de Souza Pinto - um colégio estadual de Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, na Favela Nova Brasília, uma das favelas do Complexo do Alemão. Todo esse tempo lecionando nesta escola, me aproximou mais ainda da realidade de jovens e de suas famílias da Nova Brasília e também de outras favelas do Complexo do Alemão.

A partir de toda a vivência experimentada, surge a proposta de estudar o comportamento da trajetória de vida de jovens moradores da favela Nova Brasília, em consonância com o estabelecimento das favelas a partir do modelo neoliberal e diante das consequências da crise do sistema capitalista.

Esse estudo, então, propõe uma análise dos processos do estabelecimento das favelas no Rio de Janeiro e suas percepções através do modelo neoliberal, sobre as quais, de certa forma, criam-se estereótipos que influenciam a trajetória desses jovens. Novos contornos são constituídos através das relações de poder estabelecidas e na concepção do imaginário social sobre as favelas nas diferentes camadas da sociedade ou em seu amplo sentido.

Para a realização desta pesquisa, três desafios precisavam ser superados: o primeiro, baseado na dificuldade, enfrentada por mim, de não romantizar a favela. Nas primeiras conversas com o meu orientador, ele me alertou sobre a importância de reconhecer a favela como “espaços de ausência”. Ausência do poder público, ausência de serviços básicos de saneamento, fornecimento de energia, coleta regular de lixo, escolas, ausência de segurança

---

<sup>1</sup> O Complexo do Alemão é um dos bairros mais jovens do Rio. Localizado na Zona Norte, na Serra da Misericórdia, subúrbio da Leopoldina, foi criado, em 1993, pela lei nº 2055, que alterou os limites dos bairros de Olaria, Ramos, Bonsucesso, Inhaúma e Higienópolis.

<sup>2</sup> A Serra da Misericórdia é um maciço rochoso que mede 43,9 quilômetros quadrados, situada na Zona Norte do Rio de Janeiro, apresentada de forma mais completa no segundo capítulo desta pesquisa.

pública nos espaços marcados com a violência... Ao mesmo tempo em que as favelas podem (e devem) ser reconhecidas e então valorizadas por suas relações sociais e movimentos, culturais e políticos, não deixa de ser um espaço de lutas por visibilidade e igualdade.

Como locais de concentração da informalidade e desemprego, da pobreza e miséria, as favelas sofreram, desde suas origens, na virada para o século XX, com a estigmatização, sendo tachadas de áreas violentas, moradias de “malfeitores” e “vagabundos”. Junto com o estigma surgiu a segregação. Produzidas como uma forma urbana particular, elas foram segregadas em virtude de suas peculiaridades étnicas: composta em sua maioria por negros, foram ainda locais de acolhimento das populações migrantes que chegavam aos grandes centros sem destino, propriedade ou ocupação. (NESIMI; BOTELHO, 2020)

O trecho acima citado, extraído do artigo publicado por Mariana Nesimi e Maurilio Botelho em 2020, enfatizam as ausências que perduram nas favelas até os dias de hoje, além de enfatizar que, a partir dessas ausências, seus moradores sofrem, desde as suas origens na virada do século XIX para o século XX, com sua intensa estigmatização.

A proposta desta pesquisa se estabelece, justamente, no debate dos entraves da construção das trajetórias de vida de jovens moradores periféricos, que esbarram tanto nas fragilidades das ausências firmadas nesses territórios, como também nos estigmas constituídos em suas relações.

O segundo desafio seria como estabelecer uma maior comunicação com a ciência geográfica, e não apenas fazer uma análise através de outros campos das Ciências Sociais, como a Antropologia, Educação, Sociologia, por mais que todos esses campos se conectem na produção de um trabalho científico. A geógrafa e cientista política Doreen Massey, que nos deixou em 2016, propõe, através do seu livro “Pelo espaço: uma nova política da espacialidade”, de 2008, construir uma nova imaginação do espaço, diferente daquelas construídas no pensamento Ocidental durante a modernidade – mas também agora na Pós-Modernidade -, que sempre o viram como morto, fixo, atemporal. Doreen apresentou uma alternativa para conceituar o espaço, em que ele é visto como produto de inter-relações e como esfera da possibilidade de existência da multiplicidade, e como sempre em construção e, portanto, aberto, inacabado. O espaço dialoga bem com uma política antiessencialista em questões de identidade de grupos sociais e de lugares, enfatizando sua construção relacional. Emerge daí a questão da Geografia das relações na construção dessas identidades, pois o espaço é produto de inter-relações e elas só podem existir num espaço de multiplicidade, onde não há nada dado de forma definitiva.

Massey enfatiza que reconhecer a heterogeneidade e a multiplicidade a sério só é possível pela consideração da espacialidade, que é a esfera que permite a contemporaneidade radical da diversidade e as suas relações. Trata-se de reconhecer a coexistência de outros, com trajetórias históricas próprias; trajetórias que se cruzam, se conectam e se desconectam, formando assim o espaço a partir dessas relações.

[...] conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política” (MASSEY, 2008, p. 95).

Há uma “pluralidade de trajetórias, uma simultaneidade de estórias-até-agora” (MASSEY, 2008, p. 33), cujas conexões são sempre transformando e retransformando, o que faz com que o próprio lugar se forme como um feixe dessas articulações, um momento atual em que se encontram diversas trajetórias. O lugar seria, assim, também uma eventualidade, sempre aberto a novas conexões, desconexões...

O lugar, assim, é compreendido como um encontro de trajetórias em processo (naturais e humanas). Um encontro que não é definitivo, mas conjuntural e que o movimento pode conduzir à dispersão, a novas conexões e desconexões. As trajetórias em processo que se encontram nesta ocasião, vão se contaminar, uma passando a fazer parte da constituição da outra, mas nunca vão chegar a formar um todo coerente e estável, mesmo porque o lugar nunca é fechado ao que vem da sua relação com outros lugares. A abertura para a política não poderia ser mais explícita, no sentido em que somos forçados a reconhecer que o momento atual é sem precedentes na história e está totalmente aberto ao futuro.

Para a autora,

[...] todas as negociações de lugar acontecem no movimento entre identidades que estão se movendo. Significa, também, [...] que qualquer política que apreenda as trajetórias em pontos diferentes está tentando articular ritmos que pulsam em diferentes compassos. Este é outro aspecto do caráter elusivo do lugar que torna a política tão difícil (MASSEY, 2008, p. 225).

A partir dos novos desdobramentos sobre o espaço propostos por Doreen Marssey, e mesmo que essa proposta talvez ainda sofra alguma resistência devido à densidade do debate proposto, o desdobrar desta pesquisa se estabelece justamente em uma análise do espaço não como uma superfície plana, pontual, e sim por esse encontro de múltiplas trajetórias. Assim, para alcançar o objetivo traçado neste estudo, pensou-se o espaço como, iminentemente, a produção e reprodução do homem em sociedade, (re)produção essa que se realiza por meio do movimento histórico e na contradição capital-trabalho. Para isso, faz-se necessário uma construção de pensamento de forma reflexiva. Entende-se que é através da análise do real concreto que se compreende um estudo da sociedade.

O terceiro desafio inicialmente estabelecido na produção desta pesquisa, visando analisar a trajetória de vida de jovens moradores da favela Nova Brasília, foi a escolha da metodologia e seus métodos de pesquisa a serem utilizados. Dessa forma, o método que norteará a pesquisa será o materialismo histórico dialético. Nesse método, a relação entre sujeito e objeto se dá de forma contraditória, não ocorrendo a soberania de nenhum deles no decorrer da pesquisa. Dessa maneira, o materialismo histórico dialético é aquele método que busca romper com as aparências sensíveis do objeto, e demonstrar, por meio do vivido e da análise do concreto, realidades intangíveis.

No método materialismo histórico dialético, o sujeito se constrói e se transforma vis-à-vis com o objeto e vice-versa. Nesse caso, teremos as antíteses e as teses em constante contradição e movimento. Sposito (2004, p. 47) reforça o ponto da seguinte maneira:

[...] os trabalhos que se utilizam desse método se caracterizam por serem mais críticos da realidade por sua concretude e pelo fato de mostrarem as contradições existentes no objeto pesquisado”.

No campo empírico, a perspectiva utilizada para a realização da pesquisa é a abordagem qualitativa, ou seja, considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o objeto, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade na interpretação dos fenômenos, a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013).

No plano metodológico, a pesquisa se desdobrou: a escolha por Entrevista em Grupo Focal foi estratégica. Foi importante refletir, preliminarmente, sobre as possibilidades de conhecimento, questão epistemológica básica do qual emergiram diferentes concepções de ciência e procedimentos metodológicos e, a partir deste ponto, a escolha da investigação da trajetória de jovens periféricos através das Entrevistas em Grupo Focal, apesar de suas limitações, aparece como uma excelente alternativa para atingir de forma satisfatória as questões e assim também atingir os objetivos propostos.

A construção da estrutura do texto desta dissertação está organizada, em três etapas, da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, discutiremos a metodologia de pesquisa. O debate perpassará pela análise de suas limitações e potencialidades e, responderá aos questionamentos, justificando sua escolha como metodologia base deste trabalho. Também serão esclarecidas nessa etapa a aplicação desta metodologia para a produção desta pesquisa e esmiuçando o seu planejamento, seus desafios e suas conquistas na análise da trajetória dos jovens da favela Nova Brasília.

O segundo capítulo abordará o cotidiano da favela com temas relacionados à juventude neste cotidiano, além de um levantamento histórico da formação de favelas no Rio de Janeiro, com ênfase na ocupação humana da serra da Misericórdia e na formação do complexo de favelas do Alemão.

A partir das análises desta etapa, discutiremos as influências do estabelecimento do modelo econômico neoliberal na vida de jovens periféricos, em especial da favela Nova Brasília, e as consequências da crise do modelo capitalista nos desafios atravessados na vivência de jovens moradores. Influências e consequências deste modelo econômico condicionam as escolhas e o modo de vida dos jovens em geral, incluindo os moradores de favelas.

O sociólogo polonês e autor do conceito de Modernidade Líquida, Zygmunt Bauman, escreveu extensivamente denunciando as constantes mudanças causadas pelo consumo desenfreado em todo o mundo. Bauman alerta sobre os perigos notáveis de uma sociedade bestializada pelo fetichismo giram em torno da busca da abundância através do consumo. Essa busca frenética tem causado, segundo ele, uma consciência de vida instantânea, planos curtos e insegurança diária, frutos de uma sociedade onde nada é feito para durar e tudo é passageiro (BAUMAN, 2001)

A sociedade líquida moderna transforma o consumo de mercadorias no ideal de felicidade e de projetos de vida. A lógica de quantificar a felicidade em função da felicidade produzida pela compra de bens mostrou-se ineficaz e exacerbou os problemas colocados pela exploração do trabalho pelo mercado. Os indivíduos envolvidos na ideologia do bem-estar burguês não sabem, ou simplesmente preferem fechar os olhos às condições de exploração que sofrem e buscam refúgio no ato de consumo. A mercadoria, com seu caráter fetichista, esconde as desigualdades em sua fabricação e ganha vida própria, oferecida como bálsamo para todo tipo de problema. Consoma a felicidade, essa é a lógica do capitalismo de hoje, muito observado na vida dos jovens de hoje em dia, independente se sua classe social.

No terceiro capítulo, serão abordados as percepções e desafios da juventude periférica. Esta etapa tem como objetivo central defender que há de se conhecer e compreender, a partir dos próprios jovens moradores de favelas, seu verbo e práticas, saindo de estigmas e codificações sociais para ir além das violências e ‘ilegalidades’ que lhes são atribuídas.

Os jovens periféricos são jovens que, historicamente, convivem com exclusões, vulnerabilidades sociais de diversos tipos e, em especial, com violência de várias ordens, como as de cunho institucional. O debate das percepções e desafios dos jovens da favela Nova Brasília perpassa também pelo diálogo do futuro e o trabalho, os estigmas decorrentes do jovem morador de favela e o imaginário dos jovens quanto às violências e o ideário sobre a política pública estatal, destacando seus limites, principalmente no que diz respeito aos jovens de favelas, enfatizando a difícil relação da juventude pobre, negra, favelada, estigmatizada por uma série de preconceitos. Em suma, destaco os debates sobre os limites de políticas públicas onde os jovens não se sentem sujeitos de suas histórias, ainda que muitas dessas políticas visem “ao bem-estar da população”, inclusive dos jovens.

E por fim, no quarto capítulo serão apresentados os resultados das entrevistas em grupo focal realizados com esses jovens durante os encontros realizados entre os meses de julho e outubro de 2022. As análises dos dados não ocorrem apenas durante esta etapa, ou seja, elas aparecem também durante as outras etapas desta pesquisa, reafirmando, através das experiências vividas em suas trajetórias, se comunicam e, de certa forma, respondem às questões elaboradas norteadoras deste trabalho.

Nos desdobramentos desta pesquisa, as questões que a orientam são assim qualificadas:

- 1- Como ocorre a produção do espaço na favela Nova Brasília, a partir da análise de relatos sobre as trajetórias de vida de jovens moradores?
- 2- De quais formas essa juventude se reconhece na contraposição do ideário de “cidade partida<sup>3</sup>” e de quais formas essa estrutura se apresenta na consolidação do dia a dia?
- 3- Quais os termos de alienação, considerando a crescente dilaceração do ser humano, observados a partir dos relatos das trajetórias de vida de jovens moradores da Nova Brasília?
- 4- Quais as perspectivas futuras da relação entre ‘juventude e favela’ que apresentam a partir da crise do sistema capitalista, presentes nos relatos obtidos através dos encontros de grupo focal?

Assim, para alcançar o objetivo traçado neste estudo, pensou-se o espaço como, iminentemente, a produção e reprodução do homem em sociedade, (re)produção essa que se realiza por meio do movimento histórico e na contradição capital-trabalho. Para isso faz-se necessário uma construção de pensamento de forma reflexiva. Entende-se que é através da análise do real concreto que se compreende um estudo da sociedade.

---

<sup>3</sup> Isto é, dilacerada pelas contradições e conflitos entre as favelas, entendidas como os territórios da violência e das ilegalidades, e o restante da cidade, espaço da ordem estatal e da cidadania. Ideia apresentada no livro de mesmo nome de Zuenir Ventura (1994). Ventura apresenta o Rio de Janeiro, como cenário de uma verdadeira guerra: a da sociedade contra os bandidos. Durante dez meses, ele frequentou a favela de Vigário Geral (tristemente famosa pela chacina de 21 pessoas em agosto de 1993), convivendo com o outro lado da cidade, onde a vida não vale nada e a violência é a linguagem do cotidiano. Ao mesmo tempo, acompanhava ativamente a mobilização da sociedade civil contra a violência, que resultou no movimento Viva Rio.

# **CAPÍTULO I: A ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE VIDA DOS JOVENS PERIFÉRICOS ATRAVÉS DE GRUPO FOCAL**

## **1.1 Caminho Metodológico**

Depois de alguns desencontros metodológicos para a elaboração desta pesquisa, começo esses escritos esclarecendo os caminhos que decidi traçar para sua melhor elaboração.

Quando me propus a pensar metodologias de pesquisa que pudessem buscar as informações que responderiam a problemática construída no âmbito do projeto, inevitavelmente uma questão emergiu: seria possível conhecer a verdade dos fatos ou apenas construiria uma interpretação em relação a eles, de forma limitada, parcial e contestável?

Talvez estivesse diante do maior desafio sobre os discursos científicos. Silva (2003 p.14) argumenta que a existência de um objeto [de pesquisa] é inseparável da trama linguística do que se descreve. Nesta percepção, o que o discurso científico diz sobre algum aspecto da realidade está envolvido no processo de produção dessa própria realidade, não apenas como tal, mas como objeto científico. Portanto, seria errado pensar que teorias científicas e conceitos derivados “descobrem” o que é real e “descobrem” a realidade como uma entidade independente do sujeito que a descreve.

Da mesma forma, segundo a afirmação de Turra Neto (2011 p. 343), os discursos que construímos sobre as coisas do mundo não desvendam de uma vez por todas o real, lançando sobre ele um foco de luz, que o faz mostrar-se tal como é.

[...] os discursos que produzimos não são definitivos, mas tão somente aqueles que ganharam condições de emergência no percurso da pesquisa. São mais contingentes e parciais do que pensava certa concepção de ciência, que buscava a objetividade científica. Portanto, a forma como a pesquisa de campo é realizada indica e influencia os dados disponíveis e a forma da escrita. Então, o que se tem como resultado de uma pesquisa é fruto de um processo contingente e contextualizado de investigação, no qual são determinantes as opções do/a pesquisador/a. (TURRA NETO, 2011)

Para solucionar esse questionamento inicial sobre uma possível proposta metodológica a ser aplicada nesta pesquisa, foi importante reconhecer tais limitações dentro das perspectivas em que os discursos que a pesquisa constrói sobre a realidade, esbarram nos limites estabelecidos pela forma de conduzi-la, permitindo a emergência de certas informações do que outras. Somente após esse reconhecimento foi possível a organização de caminhos investigativos conscientemente construídos e claramente explicados, propositalmente expostos aqui neste capítulo inicial, permitindo aos leitores fazer seu próprio julgamento ao final.

Por outro lado, ao produzir uma pesquisa com esse formato metodológico, deve-se tomar o cuidado para que ela não se torne um relativismo sem fim e nem com desprezo à teoria. Apenas uma adoção de uma postura mais modesta, reconhecendo os limites, a

subjetividade, problematizando o papel da teoria no processo de construção da própria pesquisa.

Outro questionamento que também deve ser esclarecido inicialmente está relacionado ao ‘desvendar a juventude e suas trajetórias de vida’. Em todas as sociedades, a juventude foi construída como “objeto de atenção ambígua” (LEVI E SCHMITT, 1996, p 08), ou seja, carregada de significados simbólicos, de promessas, de ameaças, de fragilidades. O olhar para a juventude não deixa de ser um olhar de expectativa, pois sobre ela recai a tarefa de construir o futuro.

A análise da trajetória de vida dos jovens não pode e nem deve ser encarada de forma simplista: ela sempre nos projeta para a necessidade do aprofundamento. Os jovens também são sujeitos atores que não querem ser sujeitados. Constituem solidariedades, são criadores de linguagens produtoras de um plano socioespacial próprio. São dinâmicas e percursos que solicitam o mergulho do pesquisador e transparecem a aventura que instiga a curiosidade. (GAMACHO E HEIDRICH, 2012)

Muitas vezes, a juventude é compreendida como um período de conflitos e questionamentos, já que estão se adaptando às regras estabelecidas ao mundo ‘adulto’, tendendo a desafiá-las.

Enquanto as gerações mais velhas orientam a sua vida por caminhos e valores de segurança e rotina, os jovens escolhem, muitas vezes, as rotas da ruptura, do desvio. Podemos dizer que as velhas gerações tendem a jogar com os valores de forma conservadora. Recorrendo à metáfora do xadrez, dir-se-ia que movimentam os valores no tabuleiro da vida, com passividade e prudência, seguindo a tática do “bispo mau”. Esta tática consiste em colocar o maior número de peões em casas da cor das diagonais por onde os bispos circulam, na suposição de que, desse modo, os peões se defendam mais facilmente. Em contrapartida, os jovens tentam assegurar objetivos de mobilidade e de ataque, mesmo pondo em risco a sobrevivência do bispo. (PAIS, 2006, p. 10-11).

Em contraposição ao que afirma anteriormente Pais (2006), no Brasil e no Mundo ocidental nos últimos anos, diante da atual onda ultraconservadora trumpista-bolsonarista, emergiu uma juventude ‘de direita’ ou ‘conservadora’, que também estão presentes nas favelas. Durante a elaboração desta dissertação, pude constatar que nessas áreas periféricas, e em especial pela análise dos jovens do grupo focal da favela Nova Brasília, esses movimentos, mesmo que pareçam contraditórios, se justificam na influência das gerações mais velhas. Vale lembrar que, além disso, esse posicionamento dos jovens, também está associado ao reflexo do imperialismo norte-americano que, de forma velada ou não, acaba influenciando alguns jovens que acatam a representatividade de um Estado categorizado desenvolvido e, também, por um envolvimento com igrejas neopentecostais, que exercem grande influência em jovens nesses territórios.

Frequentemente, a juventude é compreendida, tanto em textos acadêmicos quanto no senso comum, como um período de crises, conflitos, insegurança e indecisões. Os estudos recentes sobre os jovens cariocas têm, já há alguns anos, apresentado que os processos de construção das suas identidades ocorrem de forma fluída e despreendida, alternando momentos e combinando atividades, sem seguir os padrões de comportamento desempenhados por gerações anteriores. De acordo com Fernandes (2021), com relação aos jovens moradores de favelas, entretanto, são constantemente destacadas as vulnerabilidades

de suas trajetórias, determinadas pelas diversas contingências sociais em que estão inseridos, sem que haja margem para a autonomia individual.

Ao mesmo tempo, revelar as representações sociais elaboradas pelos jovens ou qualquer outro indivíduo, pluralidade e, ao mesmo tempo, a singularidade de sua produção espacial, material e simbólica, é um grande desafio para quem está pesquisando. Araujo (2010) afirma que considerar o indivíduo como uma noção de relação indica que em cada pessoa existe o registro de como as questões macrosociais, microsociais e sua interação se realizam. Apostar em um estudo que considera a escala individual não significa a negação dos estudos sobre a sociedade de forma mais ampliada. É uma questão de perspectiva, onde a análise começa na forma como os sujeitos internalizam e agem nesta sociedade. As pessoas estão no mundo, assim como o mundo está em cada uma delas.

## 1.2 Caminhos Metodológicos

Postos à mesa os dois desafios e questionamentos iniciais para a produção desta pesquisa, o passo seguinte objetiva-se no estabelecimento da metodologia que pudesse melhor alcançar os objetivos propostos. Após o aprofundamento em diversas metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociedade juvenil, a escolha foi desvendar as diferentes perspectivas em relação às trajetórias de vida de jovens, a partir de entrevistas em grupo focal feitas com jovens moradores da favela Nova Brasília, no Complexo do Alemão<sup>4</sup> – Rio de Janeiro/RJ, procurando evidenciar que, dentro de seus campos de possibilidades, esses jovens também constroem trajetórias múltiplas e diversas.

A escolha de entrevista em grupo focal para investigar a trajetória de jovens periféricos, entre outras metodologias aplicáveis a esse estudo, foi calcada no objetivo da interação de um grupo de jovens para gerar dados, ou seja, os participantes são encorajados a falar uns com os outros, a se perguntarem, a trocarem experiências e não interagir com o pesquisador, que apenas tem um papel de mediador do debate (ROSA, 2004).

Tratarei então, a partir de agora, a construção do caminho investigativo em entrevistas de grupo focal na trajetória de jovens periféricos, apresentando aqui o desvendar das análises produzidas pela discussão de suas potencialidades e restrições, através do debate e de seu estabelecimento nas pesquisas em Geografia.

A elaboração de um grupo focal<sup>5</sup> foi, então, a metodologia pensada para melhor atender aos estudos das trajetórias dos jovens da favela Nova Brasília no CPX do Alemão.

---

<sup>4</sup> Aqui neste trabalho (inclusive em seu título), também usarei a abreviação para complexo, no caso CPX do Alemão. CPX é a abreviação de Complexo, palavra utilizada para referir-se a comunidades do Rio de Janeiro, a exemplo do Complexo do Alemão, Complexo da Penha, Complexo Lemos de Brito, Complexo do São Carlos, dentre outros. A abreviação tornou-se notória quando, no contexto do segundo turno das Eleições presidenciais de 2022, o candidato Luís Inácio Lula da Silva (PT) foi presenteado, durante o ato de campanha realizado no Complexo do Alemão em 13 de outubro de 2022, com um boné que transcrevia a sigla. Após a aparição de Lula com o acessório, a abreviação foi usada por Jair Bolsonaro (PL) e apoiadores de maneira política, através de notícias falsas, para associar o ex-presidente e os moradores das comunidades ao tráfico e ao crime organizado. Em 24 de outubro de 2022 foi expedida decisão do Tribunal Superior de Justiça (TSE) que determinou a remoção de postagens das redes sociais que relacionavam o significado distorcido do termo a Lula (PT).

<sup>5</sup> Alguns autores pesquisados usam o termo “entrevistas de grupo focal”. Outros usam apenas “grupo focal” ou GF. Usarei, nesta pesquisa, ambos os termos como sinônimos.

Ao mesmo tempo, surge o questionamento sobre essa metodologia, se ela seria um percurso possível para pesquisa em Geografia.

Sobre o debate de sua origem, sua aplicação e seus resultados, encontram-se no meio acadêmico diversos autores que trazem luz ao debate. Gamacho e Heidrich (2012) descrevem grupo focal como uma técnica que se originou nos trabalhos com grupos; sua premissa inicial é a discussão de um tema proposto, como juventude e lugar. Assim, procede-se à reunião de um grupo – entre 6 e 12 participantes – que deverá ser conduzido por um mediador cuja função é instigar/provocar as discussões sobre os temas propostos. Alguns grupos focais são filmados, o áudio gravado e contam com observadores, que são os responsáveis pela descrição densa do evento, tais como posturas, olhares, tom de voz, etc.

Kitzinger e Barbour (1999) apresentam que os grupos focais são grupos de discussão que dialogam sobre um tema em particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate. Essa técnica distingue-se por suas características próprias, principalmente pelo processo de interação grupal, que é uma resultante da procura de dados.

Em uma vivência de aproximação, permite que o processo de interação grupal se desenvolva, favorecendo trocas, descobertas e participações comprometidas. Também proporciona descontração para os participantes responderem as questões em grupo, em vez de individualmente, contribui Dall’Agnol e Trench (1999).

Ressel (2003) também afirma que essa técnica facilita a formação de ideias novas e originais. Gera possibilidades contextualizadas pelo próprio grupo de estudo. Oportuniza a interpretação de crenças, valores, conceitos, conflitos, confrontos e pontos de vista. E ainda possibilita entender o estreitamento em relação ao tema, no cotidiano.

Cabe enfatizar que o GF permite ao pesquisador não só examinar as diferentes análises das pessoas em relação a um tema. Ele também proporciona explorar como os fatos são articulados, censurados, confrontados e alterados por meio da interação grupal e, ainda, como isto se relaciona à comunicação de pares e às normas grupais. (KITZINGER e BARBOUR, 1999)

Sobre a origem das análises em grupos focais, Ressel (2008) explica que a técnica de pesquisa com o GF foi descrita e publicada no ano de 1926, em um trabalho de Bogartus, nas Ciências Sociais, como entrevistas grupais. Depois, em 1946, durante a 2ª Guerra Mundial, foi usada por Merton & Kendall, para investigar o potencial de persuasão da propaganda de guerra para as tropas. E, em 1952, Thompson & Demerath estudaram sobre fatores que afetavam a produtividade de trabalhos em grupo. Na área de marketing, a mídia utiliza largamente a mesma técnica, valorizando-a pelas condições de baixo custo para sua operacionalização e pela rapidez em obter dados confiáveis e válidos.

O GF, apesar de ter sido criado e utilizado pelas Ciências Sociais, ficou à margem dessa ciência por vários anos. Nesse período havia uma preferência, em pesquisas qualitativas da área, pela observação participante e pela entrevista semiestruturada. Contudo, na academia, essa técnica atraiu a atenção de pesquisadores da Antropologia Social, que a utilizam em estudos culturais e pesquisas em saúde. Mais recentemente, a partir do final da década de [19]80, vem sendo retomada por seus próprios precursores, que triplicaram o número de trabalhos com aplicação do GF. (KITZINGER e BARBOUR, 1999)

Morgan (1998) define grupos focais como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais. Para Kitzinger (2000), o grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços.

A formação de um grupo focal obedece a critérios previamente determinados pelo pesquisador, de acordo com os objetivos da investigação, cabendo a este a criação de um ambiente favorável à discussão, que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista (PATTON, 1990; MINAYO, 2000 apud TRAD 2009).

Dias (2000), quando escreve sobre grupos focais e pesquisas mercadológicas, afirma que os grupos focais, ou entrevistas de grupo focal têm sido empregados em pesquisas mercadológicas desde os anos 1950 e, a partir dos anos 1980, começaram a despertar o interesse dos pesquisadores em outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, a Ergonomia, as Ciências Médicas, a Ciência da Informação, entre outras. Pela crescente aplicação dessa técnica, inclusive em pesquisas acadêmicas, e por ter sido ainda pouco explorada na literatura científica, seria oportuno analisá-la como alternativa às técnicas de coleta de dados mais tradicionais, tais como questionários e entrevistas individuais.

Sobre as pesquisas qualitativas e quantitativas na literatura científica, as quantitativas se mostram mais apropriadas quando há possibilidades de medidas quantificáveis, como variáveis e interferências a partir de uma amostra da população. Geralmente quando há busca de padrões numéricos relacionados aos conceitos cotidianos, para testar construções científicas e hipóteses. Já a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, principalmente. Examina aspectos mais profundo e subjetivo do tema do tema. O grupo focal se apresenta como uma das técnicas bastante utilizada em pesquisa qualitativa.

Para aprender métodos qualitativos, é preciso aprender a observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas, e entre pessoas e sistemas. (CALDES apud DIAS, 2000). Dias (2000) afirma que o grupo focal, desde sua concepção, há mais de 40 anos, tem apresentado ciclos de popularidade. Atualmente parece ter conquistado níveis de alta popularidade, despertando o interesse não só dos profissionais de Marketing, área que primeiro explorou essa técnica, como também de sociólogos, engenheiros e outros pesquisadores acadêmicos. É uma técnica perfeitamente adaptável a qualquer tipo de abordagem – exploratória, fenomenológica ou clínica.

Gaskell (2002, p. 79) considera que os grupos focais propiciam um debate aberto e acessível em torno de um tema de interesse comum aos participantes. Um debate que se fundamenta numa discussão racional na qual as diferenças de *status* entre os participantes não são levadas em consideração.

Após o exposto aqui referente aos debates de alguns autores e, baseado nas suas publicações sobre os benefícios do estudo de grupo focal para pesquisa qualitativa, a metodologia de pesquisa em grupo focal foi assim escolhida, principalmente por se

enquadrar melhor na concretização do objetivo principal desta dissertação e em todos os seus objetivos secundários, na análise da trajetória de vida dos jovens moradores da favela Nova Brasília e proximidades.

A escolha dos participantes do grupo focal para essa pesquisa levou em consideração alguns recortes preestabelecidos:

- 1) Idade. Todos os participantes deveriam estar entre 18 e 28 anos;
- 2) Local de moradia: todos deveriam ser moradores da favela Nova Brasília, no bairro do CPX do Alemão ou proximidades;
- 3) Todos deveriam ser estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual CAIC Theóphilo de Souza Pinto

Não foi tão difícil a escolha dos participantes do grupo focal, já que as conversas sobre ser jovem do Complexo do Alemão são mais antigas que a formação do próprio grupo. A maior parte dos participantes já são alunos da escola desde 2020, ano da pandemia de corona vírus que assolou o mundo. Com o retorno presencial das aulas na retomada das atividades do governo do Estado no final de 2020 e no ano de 2021, os debates iniciais, de maneira informal, já aconteciam<sup>6</sup>. Através desses debates, pude organizar uma infinidade de informações do dia a dia, trabalho e perspectiva de futuro para melhor organizar as questões da mediação do grupo focal.

A escolha foi baseada em um grupo heterogêneo<sup>7</sup>, e ao mesmo tempo com muitas características em comum, por serem jovens, moradores de favela e por passaram por diversas privações e provações dentro e fora delas, temas importantes para as percepções dos assuntos em foco. Barbour e Kitzinger (1999) recomendam que os participantes sejam selecionados dentro de um grupo de indivíduos que convivam com o assunto a ser discutido e que tenham profundo conhecimento dos fatores que afetam os dados mais pertinentes.

Com relação ao número de participantes de um grupo focal, não há um consenso entre os autores pesquisados. Foram encontrados na literatura uma variação entre 6 e 15. Segundo Pizzol (2004) o tamanho ótimo para um grupo focal é aquele que permita a participação efetiva dos participantes e a discussão adequada dos temas.

Dias (2000) sugere que o grupo focal se inicie com a reunião de 6 a 10 pessoas selecionadas com base em suas características, homogêneas ou heterogêneas, em relação ao assunto a ser discutido. O número de pessoas deve ser tal que estimule a participação e a interação de todos, de forma relativamente ordenada, o que também se apresentou um grande desafio nas reuniões de grupo, visto que estava lidando com jovens e, a grande maioria do grupo se sentiu bastante à vontade para falar, o que posso classificar como bastante positivo para a pesquisa. Em práticas das dinâmicas de grupo, pode-se considerar que 6 pessoas são suficientes para promover uma discussão. Com menos de seis pessoas, as ideias e interações tendem a ser mais esparsas. Grupos com mais de 10 pessoas, por outro lado, são mais difíceis de serem gerenciados quanto ao foco da discussão e à distribuição do tempo disponível para a participação efetiva de todos.

Para a decisão da quantidade de jovens na formação do grupo focal, considerei as experiências levantadas por Trad (2009), que em suas pesquisas, comprovou a dificuldade

---

<sup>6</sup> É válido lembrar que foi durante esses e outros debates anteriores sobre a condição de ser jovem na favela, que surgiu a proposta de aprofundar a pesquisa sobre trajetória de vida dos jovens que moram na favela Nova Brasília.

<sup>7</sup> De acordo com o sexo biológico, identidade de gênero, perspectiva de vida, estrutura econômica, composição familiar, além da observação da atuação desses jovens como protagonistas ou não em sala de aula.

de garantir a participação de todos, ainda mais quando os encontros ocorriam em diversas reuniões. A estratégia adotada com base nessas experiências anteriores era usar de um número maior que o ideal. Mesmo com a criação de um grupo em um aplicativo de conversas no qual poderíamos combinar melhor os encontros, a ausência de participantes em data e horário combinados para o grupo, é, sem dúvida, um aspecto negativo a ser considerado no planejamento da atividade. Em nenhum dos encontros propostos, o número total de participantes esteve presente.

Baseado então nas propostas teóricas da aplicação de grupos focais e da vivência como professor do CAIC Theophilo de Souza Pinto, a construção do grupo focal para a elaboração desta pesquisa foi assim estabelecida:

- Quantidade total de jovens: 13, sendo 6 do sexo masculino e 7 do sexo feminino;
- Idade: Entre 18 e 28 anos – a maioria em vulnerabilidade social;
- Todos moradores da favela Nova Brasília, no Complexo do Alemão, ou proximidades e estudantes do Ensino Médio, na Escola Estadual CAIC Theophilo de Souza Pinto.

Com relação ao tempo estabelecido para as reuniões do grupo, para Dias (2000), a discussão ocorre durante aproximadamente duas horas, sendo conduzida por um moderador que utiliza dinâmicas de grupo a fim de compreender os sentimentos expressos pelos participantes. Sob o ponto de vista do participante, a reunião é completamente flexível e não estruturada, dando margem à discussão sobre qualquer assunto. Entretanto, sob a perspectiva do moderador, a técnica não é tão flexível assim. Antes da reunião propriamente dita, há um planejamento sobre o que deve ser discutido e quais são os objetivos específicos da pesquisa.

Para Trad (2009), o número de participantes no grupo focal incidirá, sem dúvida, na sua duração. A complexidade do tema ou o grau de polêmica em torno das questões que se apresentam são outros fatores que podem interferir neste ponto. Contudo, uma variação entre 90 (tempo mínimo) e 110 minutos (tempo máximo) deve ser considerada para um bom emprego da técnica.

No planejamento dos encontros dos grupos focais elaborado para essa pesquisa, as reuniões aconteceram entre julho e outubro de 2022, em duas reuniões por mês. O tempo médio das reuniões era de 90 minutos e a participação média foi de 9 jovens por encontro. O último encontro contou com 12 participantes.

Veiga e Gondim (2001) chamam a atenção para uma problemática envolvendo a escolha do grupo e o tema. Sustenta que é preciso determinar também o número total de grupos necessários para explorar a temática em questão. Além de considerar a complexidade do tema abordado, o critério de saturação, comumente utilizado em estudos qualitativos, também é aplicável neste caso. Ou seja, os grupos se esgotam quando não apresentam novidades em termos de conteúdo e argumentos, os depoimentos tornam-se repetitivos e previsíveis; ou seja, acredita-se que a estrutura de significados tenha sido apreendida. No caso do estudo das trajetórias desses jovens, não houve a necessidade de outra escolha de grupo.

### **1.3 Desafios Do Moderador De Pesquisa Em Grupo Focal**

Indubitavelmente, o maior desafio dos grupos focais é sua mediação. Pela experiência vivida na prática da metodologia, divido em duas dificuldades encontradas: a mediação das conversas de acordo com o planejamento estabelecido e a análise e transcrição dos resultados. Vou trazer aqui para o debate como se concretizou a pesquisa diante desses dois desafios:

Na primeira dificuldade, a mediação das conversas, organizei um planejamento de seis encontros presenciais, que depois aumentaram para oito. Dias (2000) afirma que, em geral, o moderador atua no grupo de maneira a redirecionar a discussão, caso haja dispersão ou desvio do tema pesquisado, sem, no entanto, interromper bruscamente a interação entre os participantes.

Confesso que tive bastante dificuldade, principalmente nas conversas iniciais do grupo. Não é uma tarefa fácil, ainda mais para um professor, não querer participar e contribuir para o debate. No final dos primeiros encontros me senti bastante angustiado: ora por discordar dos caminhos levados pelo debate, caminhando por percursos que não tinha previsto e ora por não poder participar para endossar o que partilhávamos opinião ou emitir também a minha visão sobre o assunto. Em alguns encontros, os participantes também perguntavam se eu concordava com o que eles estavam relatando. Não é uma tarefa fácil para um moderador na qualidade de organizador de uma pesquisa em grupo focal se manter neutro e apenas como mediador. Com o passar das reuniões de grupo, essa tarefa foi ficando mais corriqueira e pude me sentir mais à vontade em apenas mediar e transcrever.

A primeira etapa do grupo focal é o seu planejamento. Dias (2000) orienta que nessa etapa deve ser definido o objetivo da pesquisa, isto é, o que se pretende e quais as metas específicas a serem alcançadas. A partir dos objetivos, é selecionado um moderador e elaborada uma lista de questões para discussão, compondo um guia de entrevista. Na maior parte das vezes, mesmo com uma condução pré-estabelecida, os assuntos seguiam para outros rumos. Em muitos casos, esses outros rumos deixavam ainda mais interessante os encontros e os alunos se sentiam ainda mais pertencentes aos debates.

Convém ressaltar que essa lista não era utilizada como se fosse uma lista de perguntas, típica de entrevistas individuais. Ela realmente serviu apenas como guia para a mediação em cada encontro. Em muitos momentos os assuntos se desviavam para pontos mais interessantes sobre as trajetórias de vida desses jovens, inclusive com a criação de outros dois encontros e o aprofundamento da questão do trabalho e emprego em todos os encontros, mesmo não estando planejado.

O moderador é uma peça bastante importante do grupo focal. Para que realize um bom trabalho, deve conhecer muito bem os objetivos da pesquisa, porém mantendo-se neutro e evitando introduzir qualquer ideia preconcebida na discussão. (DIAS, 2000)

**Tabela 1: Planejamento dos encontros, temas e perguntas**

Mês	Encontro	Tema principal e perguntas norteadoras
Jul/22	1	Quem é você na favela? - Há quanto tempo mora na Nova Brasília? - O que conhece da história e memória do Complexo do Alemão e da Nova Brasília? - O que marca sua vida na favela? - Qual o melhor de morar no Complexo do Alemão? E o pior?
Jul/22	2	Sua trajetória na favela - Com quem mora e qual a relação da sua família com a favela? - Como é sua relação com os outros moradores da favela? - Alguma personalidade da favela chama sua atenção por algum motivo? - Como se constrói o estereótipo do morador da favela?
Ago/22	3	Imaginários da favela sobre quem vê de fora e de dentro Como você acha que as pessoas de fora veem a favela? - Já precisou mentir sobre morar na favela quando esteve fora dela? Por quê? - Como você vê a construção do estereótipo do morador de favela? Concorda? - Já sofreu racismo/discriminação por ser morador da favela?
Ago/22	4	Antepassados - Quem foram seus antepassados que você conheceu? - Qual a relação deles com essa ou outras favelas? - Como classifica a trajetória dos seus antepassados? - Como a vida dos seus antepassados influencia na sua?
Set/22	5	O Estado e a favela - Como vê a participação do Estado no Complexo do Alemão e na Nova Brasília? Comente sobre as obras do PAC no Complexo. Qual sua opinião sobre a UPP? Já sofreu abusos policiais?
Set/22	6	A presença do tráfico - Quando a presença do tráfico no Complexo esbarra na sua vida? - Quando o tráfico aparece como uma opção ao jovem? - Já sofreu abusos? - Medo ou segurança?
Out/22	7	Os dias de hoje Como foi a pandemia de COVID para você? Como é a sua relação com as redes sociais? Como é seu acesso à internet e telefone celular? Qual o melhor e o pior do mundo digital?
Out/22	8	Futuro O que pensa para após o Ensino Médio? Como você se imagina com 40 anos? Como você vê o futuro de um morador da favela quando comparado a outro morador de fora dela? Avalie as reuniões do grupo.

Dias (2000) recomenda que o moderador seja uma pessoa flexível e que tenha boa experiência em dinâmicas de grupo para que possa conduzir a discussão sem inibir o fluxo livre de ideias, promovendo a participação de todos e evitando que certas pessoas monopolizem a discussão. Recomenda também que o moderador não esteja diretamente envolvido com o problema em foco, justamente para não direcionar a discussão. Em geral, o moderador é responsável pela elaboração do guia de entrevista, a condução da discussão, a análise e o relato de seus resultados.

Cabe também ao moderador, no caso o organizador da pesquisa, a escolha do local para as reuniões. As reuniões para a organização desta pesquisa foram realizadas hora nas

salas de aula da Escola Estadual CAIC Theóphilo de Souza Pinto ou no espaço da biblioteca (quando estava vazia) da mesma escola, onde leciono desde 2011, localizada na Praça do Conhecimento (antiga Praça do Terço) na favela da Nova Brasília, no bairro do Complexo do Alemão. Em 2022, a escola funciona apenas com as modalidades de Ensino Médio (Regular e NEJA<sup>8</sup>). A escolha foi previamente autorizada pela direção da escola, atualmente a na pessoa da Sra. Christiane Marques da Silva Lira, conforme modelo do ANEXO 1. A escolha da sala de aula ou da biblioteca da escola foi proposital, já que os participantes do grupo focal são alunos do Ensino Médio regular da noite, cursando a segunda e a terceira série no ano de 2022 e se sentem bastante à vontade nos espaços da escola.

De acordo com Dias (2000), a escolha do local é de extrema importância, sendo recomendável um ambiente agradável, tranquilo, sem quaisquer objetos que possam desviar a atenção do grupo ou interromper a discussão, como telefones, por exemplo. A localização das pessoas na sala deve facilitar o contato visual entre todos. Para isso, é comum a disposição de cadeiras em círculo ou em torno de uma grande mesa redonda.

Trad (2009) também recomenda disponibilizar água, café e lanche para os participantes, o que foi muito bem recebido pelo grupo nos encontros. Os áudios das conversas foram gravados, com a prévia autorização de todo grupo<sup>9</sup>. Os participantes do grupo também assinaram o termo de referência livre e esclarecido (TCLE), de acordo com as exigências da UFRRJ e em conformidade com a Lei Geral da Proteção de Dados – LGPD<sup>10</sup>, no qual está incluída a referência da autorização da gravação das conversas, conforme ANEXO 2.

Na intenção de colaborar com a análise e aprofundamento sobre a trajetória de vida de cada participante, também organizei um questionário (ANEXO 3) para entrevista individual, com perguntas mais pessoais, como renda familiar (origem e valor), composição familiar, formação escolar do fundamental e médio, identidade de gênero. Sobre essa complementação por questionário, Trad (2009) concorda, afirmando que para potencializar a técnica, cuja finalidade é captar impressões dos informantes, valorizando, portanto, dimensões simbólicas e/ou subjetivas, não é conveniente incorporar no roteiro questões objetivas que poderiam ser obtidas através de outras fontes. Desta forma, o tempo do grupo será aproveitado para o debate de questões mais complexas, cuja apreensão seria mais limitada através, por exemplo, de questionários.

Minha segunda dificuldade como moderador, diz respeito ao desafio da transcrição dos dados gravados e a da análise dos resultados para a concretização da pesquisa. A quantidade de material e as infinitas possibilidades de expor os dados coletados necessitam de grande planejamento, cuidado e atenção. No material disponível, além das considerações feitas em um “diário de bordo” nas reuniões do grupo focal, as mais de 15 horas de gravação dos debates desprendem uma grande quantidade de tempo para processá-las e organizá-las.

Ao longo dos encontros, percebeu-se o empenho de cada colaboradora em participar, pois cada uma entrou no grupo por interesses próprios e singulares, pelo desejo de auxiliar

---

<sup>8</sup> Sigla de Nova Educação de Jovens e Adultos, adotada pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro em referência ao EJA (Educação de Jovens e Adultos).

<sup>9</sup> Foi feito um acordo com os jovens do grupo, que ao final de cada encontro, se alguém estivesse inseguro com sua informação gravada, avisaria, para que o áudio fosse apagado e sua privacidade preservada – o que não foi necessário em nenhum encontro. Também foi combinado que se caso o que eles fossem relatar não tivesse a autorização de gravar, avisariam. Assim, a gravação era interrompida – o que também não aconteceu.

<sup>10</sup> A Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei Federal nº 13.709/2018, foi promulgada para proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e a livre formação da personalidade de cada indivíduo.

e de apoiar o trabalho, de adquirir novos conhecimentos e de realizar trocas. No desenvolvimento de cada encontro, observou-se o clima de respeito, de acolhimento e de receptividade em quase todos os encontros, e isso foi um aspecto essencial para a boa convivência no grupo. Evidenciou-se que os grupos mantinham espontaneamente discussões produtivas, gerando um volume considerável de informação. Os participantes puderam sentir as qualidades de um espaço de abertura, autoconhecimento e compartilhamento das ideias e esclarecimentos de fatos dentro de suas trajetórias de vida. Em muitos momentos, os próprios participantes aprenderam a ver realidade através de um outro olhar, pelas experiências dos outros participantes. Sobre isso, no último dia de nossos encontros, JOÃO e ANDRÉ<sup>11</sup> agradeceram:

*“Eu achei legal ver o ponto de vista de todo mundo e as conversas”.* ANDRÉ

*“Filhão, a cada conversa eu via a favela de outra forma”.* JOÃO

Apesar das dificuldades enfrentadas, as entrevistas em grupo focal apresentam inúmeras vantagens, muitas aqui já apresentadas. Evidencio aqui uma dessas vantagens, no tocante a pluralidade de assuntos debatidos. Trad (2009) afirma que os grupos demonstraram ser espaços privilegiados de discussão e de trocas de experiências em torno de determinada temática. Seu formato estimulava o debate entre os participantes, permitindo que os temas abordados fossem mais problematizados que numa situação de entrevista individual, o que de fato aconteceu.

Para Catti (2005), a principal característica distintiva desse método é a possibilidade da interação entre os participantes, oportunizando a emergência de diferentes pontos de vista, que podem coincidir ou discordar. Na mesma linha, Gamacho e Heidrich (2012) afirmam que é relevante o que o ator pensa, como pensa e porque pensa dessa forma. Assim, é essencial criar condições para que o grupo se sinta à vontade para se expressar. O espaço deve ser adequado, deve propiciar contato visual entre os participantes e o mediador deve gerar condições favoráveis a participação de todos.

Para concluir as explicações sobre as formas em que a metodologia de desenvolvimento desta pesquisa foi construída e aplicada, vale ressaltar que durante o início da elaboração do planejamento dos encontros e entrevistas em grupo focal e nas conversas iniciais do grupo, a primeira impressão foi a de que o método não funcionaria. Talvez a arrogância e o medo da frustração de achar que tudo sempre deve correr como planejado. Com o andamento dos encontros, percebi que seria um grande erro desqualificar esses encontros já que analisá-los como possibilidade de compreensão das trajetórias dos jovens é um grande avanço. Pensar que a maioria dos jovens do grupo passa por grande vulnerabilidade social e exigir que eles falassem de um tema tão abstrato como juventude e futuro não pode ser encarado de forma tão engessada. E a geração de dados com esses atores

---

<sup>11</sup> Na intenção de preservar a identidade dos jovens, foi combinado no decorrer dos encontros que suas identidades seriam preservadas no que se refere aos relatos. Muitos se sentiram bastante à vontade de expor opiniões referentes a assuntos polêmicos como tráfico e abusos policiais. No TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) assinado pelos voluntários também estabelece que “a informação que é acessada no contexto profissional e de pesquisa deve ser mantida confidencial”. Por esse motivo, usaremos nomes fictícios para apresentar os relatos obtidos por esses jovens.

e protagonistas deve ser de forma mais respeitosa e libertária, configurando como possibilidade de compreensão do fenômeno estudado.

[...] as juventudes presentes são atores desse momento histórico, atravessado por crises de ordem econômica, social e cultural. Nesse trânsito, os jovens transpassam as fronteiras do social e do cultural e só vivendo muito próximo deles e com eles poderemos enxergar as pistas dessa cartografia juvenil contemporânea. (BARBINI, 2007, p. 146)

A apresentação do resultado das conversas do grupo focal será explorada nas próximas etapas desta pesquisa, dentro dos diálogos do **CAPÍTULO SEGUNDO**, intitulado **A JUVENTUDE E A FAVELA NOVA BRASÍLIA NO CPX DO ALEMÃO**, também no **CAPÍTULO TERCEIRO**, tratando sobre as **PERCEPÇÕES E DESAFIOS PARA A JUVENTUDE PERIFÉRICA**, além dos expostos nas **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, mesmo sabendo que elas não serão uma finalizadora do processo. Digo isso já que diante do nosso último encontro para a conclusão do trabalho, que ocorreu no fim de outubro, as propostas de conversas em grupo focal deixaram a sensação que não terminariam por ali, abrindo espaço para outras temáticas como relacionamentos, religião, política<sup>12</sup>, esportes, protagonismo juvenil em favelas, entre outros. Evidencia-se assim, uma outra característica de grupo focal que não pode ser ignorada: suas provocações tendem levar um tempo maior para serem encerradas, mesmo após a conclusão dos trabalhos. Ousando a falar que seus impactos, de forma individual, serão para sempre na vida do participante.

---

<sup>12</sup> Vale lembrar que as últimas conversas aconteceram nas últimas semanas antes das do segundo turno das eleições presidenciais de 2022.

## CAPÍTULO II: A JUVENTUDE E A FAVELA NOVA BRASÍLIA NO CPX DO ALEMÃO

### 2.1 Uma Nova Política De Espacialidade

Toda sexta-feira à noite é a mesma coisa: ao sair da escola CAIC Theophilo de Souza Pinto, a Praça do Conhecimento, que fica em frente à escola, na favela Nova Brasília, no Complexo do Alemão, sempre está fervilhando em suas relações entre os jovens. Música de diversos gêneros, esportes, relacionamentos amorosos, conversas nos bares e nas calçadas... uma miscelânea de tribos e cores. Por vezes parei para observar e conversar com alunos que, ao sair da escola, usam a praça como ponto de encontro e convívio.



**Figura 1: Praça do Conhecimento – favela Nova Brasília / Complexo do Alemão**

Fonte: <https://www.vozdascomunidades.com.br/comunidades/nave-do-conhecimento-da-nova-brasilia-pode-ser-reaberta-no-final-do-ano/> Acesso em 23/04/2022.

A presença atual do tráfico de drogas sempre foi iminente e parece não intimidar os jovens ocupantes da praça, talvez pelo costume da presença marcante de décadas. Apenas entre 2012 e 2017, durante o período em que uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP)<sup>13</sup>, um projeto das obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento)<sup>14</sup> se encontrava nesta mesma praça, a presença dos traficantes, mesmo não estando visível aos olhos, mantinham presente sua territorialidade. Com a saída da UPP em 2017, ocorre o retorno visível de traficantes na miscelânea de encontros e desencontros da praça nas noites de sexta.

Desde 2011, quando comecei a lecionar Geografia nesta escola estadual, venho observando a relação dos jovens com a favela e, com isso, acabei lidando diretamente com suas angustias do presente e perspectivas para o futuro.

Partindo do pressuposto de que o espaço é o produto das relações sociais, formando-se ao mesmo tempo e com sua cobertura tecida de incontáveis épocas e lugares diferentes, é nítido perceber que os jovens e até a própria favela Nova Brasília já não são mais os mesmos. Massey (2008) conceitua o espaço como aberto, múltiplo e racional, não acabado sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta, e assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política. (p. 95).

Massey (2008) discute que há uma “pluralidade de trajetórias, uma simultaneidade de estórias-até-agora” (2008, p. 33), cuja conexões são sempre cambiantes e conjunturais, o que faz com que o próprio lugar se forme como um feixe dessas articulações, um aqui-agora em que se encontram diversas trajetórias. O lugar seria, assim, também uma eventualidade, sempre aberto a novas conexões, desconexões. Por esse motivo, é conveniente, como passo inicial, construir aqui, neste capítulo, uma espécie de memória e história do CPX do Alemão, conjunto de favelas que surge na ocupação da serra da Misericórdia, na zona norte do município do Rio de Janeiro/RJ. Para melhor compreender o desenvolvimento da favela Nova Brasília, no CPX do Alemão, foi preciso também resgatar o surgimento das favelas no estado do Rio de Janeiro e, em especial, em todo complexo de favelas do morro do Alemão.

Além disso, é importante apresentar as formas em que o Estado se fez presente na favela e em todo CPX do Alemão, e qual a análise que os jovens do grupo focal, organizado para esta pesquisa, se relacionam com as últimas intervenções produzidas no território.

O espaço em Massey é pensado a partir de um outro conjunto de ideias, como inter-relação, contemporaneidade dinâmica, abertura radical, heterogeneidade, sem cair na apologia discursiva de que tudo hoje é espacial e na inevitabilidade da globalização neoliberal, sedenta por novos lugares. Então, é oportuno aproveitar para debater a construção do ideário da favela neste mesmo modelo neoliberal e como os jovens da favela Nova Brasília se conectam a construção e a imposição deste modelo econômico no seu dia a dia. A partir disso, avaliar como as decisões tomadas por esses jovens influenciam diretamente suas trajetórias de vida e na (re)significação da própria favela.

---

<sup>13</sup> O Programa de Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) foi implantado no Rio de Janeiro em 2008, como uma estratégia de ocupação de favelas para o combate ao domínio do tráfico de drogas e à violência, mas também para estabelecer uma nova relação com as comunidades. O tema será aprofundado no capítulo terceiro.

<sup>14</sup> O Programa de Aceleração do Crescimento (mais conhecido como PAC), lançado em 28 de janeiro de 2007, foi um programa do governo federal brasileiro que englobava um conjunto de políticas econômicas, planejadas para os quatro anos seguintes, e que teve como objetivo acelerar o crescimento econômico do Brasil, sendo uma de suas prioridades o investimento em infraestrutura, em áreas como saneamento, habitação, transporte, energia e recursos hídricos, entre outros.

## 2.2 A Nova Brasília No Cpx Do Alemão: Ocupação Inicial

Situado no Brasil, no Estado do Rio de Janeiro, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, vide FIGURA 5, que segue, o Complexo do Alemão é fronteiro com os bairros de Bonsucesso, Ramos, Olaria, Penha e Inhaúma. Hoje é um bairro oficial, criado pela Lei Municipal nº 2.055, de 9 de dezembro de 1993. O bairro foi erguido sobre a Serra da Misericórdia.

A Serra da Misericórdia<sup>15</sup> (FIGURA 3) abrange cerca de 43,9 km<sup>2</sup> no município do Rio de Janeiro, e está localizada após uma faixa de baixada de aproximadamente 6 km a norte do Maciço da Tijuca e 3 km da costa oeste da Baía de Guanabara. O maciço da Misericórdia chega a aproximados 260 metros de altitude em seu pico culminante a Serra do Juramento<sup>16</sup>.

O nome Serra da Misericórdia pode estar ligado a duas hipóteses: a primeira, a um conto popular sobre a construção da icônica Igreja da Penha<sup>17</sup> e a segunda, de acordo com o historiador Adinalzir Pereira Lamego (2014), o nome Serra da Misericórdia foi dado pela Santa Casa de Misericórdia, pois no início da exploração das terras da região da Penha, acabou adquirindo terras no local, assim dando o nome a serra. Ela estende-se por 27 bairros do subúrbio carioca: Abolição, Bonsucesso, Brás de Pina, Cavalcante, Cascadura, Complexo do Alemão, Del Castilho, Engenho da Rainha, Higienópolis, Honório Gurgel, Inhaúma, Irajá, Madureira, Olaria, Penha, Penha Circular, Piedade, Pilares, Ramos, Rocha Miranda, Tomas Coelho, Turiaçu, Vaz Lobo, Vicente de Carvalho, Vila Kosmos e Vista Alegre.

A riqueza geológica da área trouxe as empresas de mineração para desenvolverem pedreiras para produção de concreto no início dos anos 1940. Atualmente, três empresas continuam a operar na serra: o grupo francês Lafarge, a Sociedade Nacional de Engenharia e Construção, e a Anhanguera<sup>18</sup>. O desenvolvimento urbano e industrial da região, no entanto, teve pouca misericórdia para com a Serra da Misericórdia. O posicionamento único do maciço criou tensões entre a preservação ambiental, a urbanização, o crescimento do Complexo do Alemão e atividades industriais. Observe pelos dados do IPP (2010):

---

<sup>15</sup> A Serra da Misericórdia é um maciço rochoso situado na Zona Norte do Rio de Janeiro abrangendo diversos bairros, tendo o seu entorno intensivamente ocupado por áreas residenciais, indústrias, centros comerciais, ruas e avenidas, linhas de trem e de metrô, entre outros equipamentos urbanos. Localiza-se entre as baixadas de Inhaúma e Irajá. Está cercado a Noroeste pelo maciço do Gericinó, a Sul pelo maciço da Tijuca, a Leste pela Baía de Guanabara e a Sudoeste pelo maciço da Pedra Branca, sendo o quarto maior maciço do município do Rio de Janeiro.

<sup>16</sup> Dados extraídos do Instituto Pereira Passos (2010) e do sítio eletrônico da ONG Verdejar, que atua ativamente nas questões ambientais e sociais na região.

<sup>17</sup> O conto popular remonta ao início do século XVII, por volta do ano de 1635, quando o Capitão Baltazar de Abreu Cardoso ia subindo o Penhasco (grande pedra) para ver as suas plantações, uma vez que era proprietário de toda a área no entorno do atual Santuário. De repente foi atacado por uma enorme serpente. Baltazar, que era devoto de Nossa Senhora, quando se viu só e incapaz de se defender, pediu socorro a Nossa Senhora gritando: “Minha Nossa Senhora, valei-me!”. Nesse preciso momento surgiu um lagarto inimigo das serpentes, e travou-se uma luta mortífera entre os dois animais. Baltazar por sua vez, não perdeu tempo e fugiu. Depois de se recuperar do susto, Baltazar reconheceu que o lagarto apareceu precisamente no momento em que ele pediu a proteção da Virgem Maria. Agradecido, por tão importante MISERICÓRDIA, Baltazar construiu uma pequena capela onde pôs uma imagem de Nossa Senhora. Se antes o Capitão Baltazar subia o penhasco para ver as suas plantações, a partir daí passou a subir também para agradecer tão primoroso gesto de carinho que a Mãe do Céu teve para com ele. Por esse motivo, a região ficou conhecida como pedra da Misericórdia.

<sup>18</sup> De acordo com dados extraídos no sítio da ONG VERDEJAR.

As formações rochosas da Serra são compostas por um tipo de granito que é raro. Originalmente teria sido revestida por uma densa cobertura de mata atlântica e hoje se encontra em estado avançado de degradação e com alguns pequenos pontos de mata rasteira (...). A atividade mineradora causou a degradação da área, destruindo os topos de morros, eliminando nascentes e a vegetação. Foram poucas as formações naturais peculiares da Serra da Misericórdia que resistiram à destruição. Somado a esse problema, a ocupação residencial dizima pouco a pouco as pequenas áreas verdes restantes, principalmente na expansão das favelas do Complexo do Alemão, Complexo da Penha e Complexo do Juramento (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2010).

Os dados históricos sobre a Serra da Misericórdia remontam ao primeiro ciclo agrícola. Entre os séculos XVII e XIX, servia como fronteira entre as importantes freguesias rurais de Inhaúma e Irajá, que mais tarde se converteram em freguesias urbanas e finalmente em bairros suburbanos da cidade do Rio de Janeiro.

Em dezembro de 2010, o então prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes assinou o Decreto 33.280 criando o Parque Municipal Urbano (APARU) da Serra da Misericórdia (FIGURA 2), sob o pretexto de conservação ambiental e desenvolvimento social na região.



**Figura 2: APARU Serra da Misericórdia**

Fonte: <https://www.verdejar.org/o-macico>



**Figura 3:**  
**Serra da Misericórdia (verde), bairros do entorno e localização das pedreiras (vermelho)**

Fonte: <https://www.verdejar.org/o-macico>

Com o processo de urbanização da cidade, esta região do subúrbio e toda sua adjacência tiveram uma ocupação extremamente desordenada<sup>19</sup>, resultando, hoje, nos cinco grandes complexos de favelas que circundam a Serra da Misericórdia (Alemão, Penha, Serrinha, Juramento e Sapê). (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2010).

---

<sup>19</sup> Importante ressaltar que o conceito de subúrbio no Rio de Janeiro sofreu um raptó ideológico, conforme explica Nelson da Nobrega Fernandes sua dissertação “O Raptó Ideológico da Categoria Subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)” (1995). Fernandes demonstrou que a categoria subúrbio sofreu um “raptó ideológico” em princípios do século XX no Rio de Janeiro. Soares foi a primeira autora a evidenciar o que ela chamou de “conceito carioca de subúrbio”, um conceito que difere do significado que esta palavra tem historicamente em outras cidades, qual seja, o de área periférica à cidade, e de baixas densidades. No Rio de Janeiro, o termo “subúrbio”, a partir daquele período, passou a denominar apenas “os bairros ferroviários e populares desprestigiados tanto do ponto de vista social quanto pelo poder público” (1995, p. 1-2). Importante também esclarecer que e a noção de “crescimento desordenado” na perspectiva marxista-lefebvriana, reconhecemos que não há exatamente uma “desordem” urbana, porque mesmo essa aparência de caos na urbanização SEMPRE obedece a uma ou múltiplas ordens, e não é o planejamento que vai “resolver” os problemas urbanos.



**Figura 4:**  
**Visão panorâmica de uma das pedreiras com o Complexo do Alemão ao fundo**

Fonte: <https://www.verdejar.org/o-macico>



**Figura 5: O Complexo do Alemão em relação à cidade**

Fonte: [http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/mapasefotos/bairro\\_alemao.jpg](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/mapasefotos/bairro_alemao.jpg)

Segundo Rodrigues (2014)<sup>20</sup>, a historiografia mostra que as primeiras favelas da cidade surgiram entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Segundo Abreu (1994) e Vaz (2002), a origem das favelas está relacionada com as campanhas higienistas e as reformas urbanas que demoliram um grande número de cortiços e estalagens no centro da cidade, notadamente no período do então prefeito Pereira Passos (1902-1906), e levaram à ocupação de morros dos arredores pela população desabrigada. Há registros de “ocupações autorizadas” em morros pertencentes à União, para abrigar soldados, e autorizações para a construção de barracões para os operários nos arredores de algumas fábricas (SILVA, 2005).

---

<sup>20</sup> RODRIGUES, Rute. Os parques proletários e os subúrbios do Rio de Janeiro: aspectos da política governamental para as favelas entre as décadas de 1930 e 1960. IPEA. 2014.

Há também favelas surgidas em terrenos alagados, em áreas da Marinha, como no caso da Lagoa Rodrigo de Freitas (MOURA, 1940; DISTRITO FEDERAL, 1930). Um número expressivo de registros refere-se a favelas criadas por empreendedores privados, muitas vezes proprietários de terrenos, que alugavam barracos ou mesmo o “chão” (SILVA, 2005; MOURA, 1943; IPEA, 2012). Como mostrou Silva (2005), a partir de meados da década de 1950, a identificação das favelas como “invasões”, pela imprensa, intensificou-se e praticamente se generalizou.

O Complexo do Alemão é um conjunto de 12 favelas<sup>21</sup>, construídas sobre a Serra da Misericórdia, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Morro da Baiana, Morro do Alemão, Itararé/Alvorada, Morro do Adeus, Morro da Esperança, Morro dos Mineiros, Nova Brasília, Palmeiras, Fazendinha, Grota, Reservatório de Ramos e Casinhas fazem parte do Complexo, assim chamado devido à grande quantidade de favelas ali concentradas.

Sobre a utilização do conceito de complexo de favelas, Barros (2012) critica seu uso que, do ponto de vista sociológico, a denominação genérica de “Complexo do Alemão” tende a homogeneizar a constelação de relações e identidades sociais presente nessas favelas e ofuscar a análise. Com efeito, há que se considerar que as condições e interesses de quem vive no “Morro do Adeus”, por exemplo, não são as mesmas que aqueles que moram na “Vila Cruzeiro”, na “Grota” ou no “Morro da Baiana”. Além disso, é preciso considerar que cada localidade tem sua história, seu mito de origem, seus valores, que não são necessariamente os mesmos que as demais, pode até haver valores compartilhados, processos parecidos ou até contemporâneo, mas ainda sim terão identidades distintas. Por outro lado, a mídia, além de homogeneizar, ainda constrói visões diferentes para o genérico “Complexo do Alemão” ofuscando ainda mais a compreensão. (BARROS, 2012)

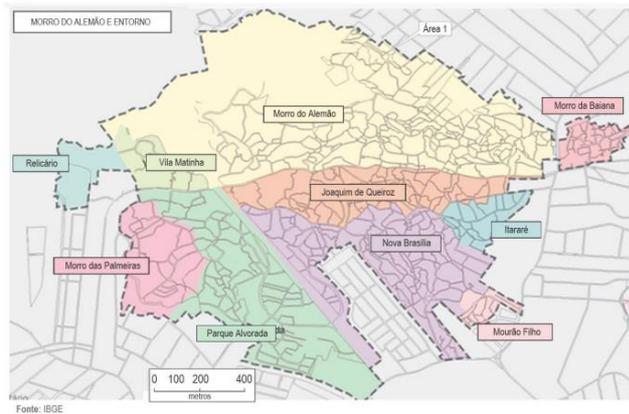
Quando foi reconhecido oficialmente como bairro, em 1993, o território envolvia uma área de 186 hectares, ocupados por 56 mil pessoas, com densidade de 302 habitantes por hectare, seis vezes superior à densidade média do município do Rio de Janeiro, de 49 habitantes por hectare, segundo o Instituto IPEA (2012).

O CPX do Alemão hoje é conhecido nacional e internacionalmente devido à violência de seus conflitos, mas história das favelas da região começa no início do século XX. A primeira que surgiu foi a Grota (ou Joaquim de Queiróz), em 1928 – conforme mapa apresentado na figura 5 a seguir. A região recebeu o nome atual em alusão às características físicas do proprietário de parte das terras, Leonard Kaczmarkiewicz, que na década de 1950 dividiu o terreno em lotes, dando início à ocupação do morro. Uma curiosidade: Kaczmarkiewicz não era alemão, mas sim polonês.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Quanto a delimitações físicas do recorte espacial, há controvérsias; os limites do Complexo não são consensuais, existem diferenças significativas entre: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto Pereira Passos (IPP) da prefeitura da cidade e os moradores. O Morro do Alemão identificado pelo IPP, para os moradores corresponde a: Morro do Alemão, Morro dos Mineiros e Pedra do Sapo. O Relicário e Vila Matinha, identificados pelo IBGE, para os moradores é apenas a Vila Matinha; também no caso da Fazendinha, no IPP há uma área considerada “formal” que não é incluída, mas é aceita pelos moradores como fazendo parte. O órgão oficial da prefeitura (IPP) dá como pertencentes ao Complexo 15 comunidades. O PAC reconhece 13. Os atores sociais locais, como as Associações de Moradores, trabalham com o número de 12 comunidades.

<sup>22</sup> IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. História das favelas do Complexo do Morro do Alemão. Relatório final de pesquisa. Rio de Janeiro: Ipea/FAPERJ, 2012.



**Figura 6: Mapa das favelas do Complexo do Alemão**

Fonte: IBGE (2010)<sup>23</sup>

O Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado no ano 2010, registrou que 60.555 pessoas vivem nos 18.226 domicílios do complexo de favelas, de acordo com o IPP (Instituto Pereira Passos). As estimativas para 2019 contabilizaram 71.943 pessoas, de acordo com IBGE.

<sup>23</sup> Disponível em [<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14152-asi-censo-2010-aprimorou-a-identificacao-dos-aglomerados-subnormais>]. Acesso em 27/11/2022.

**Tabela 2:**  
**População, Domicílios, Habitantes por Domicílio, Área e Densidade Demográfica**  
**segundo as Comunidades do Complexo do Alemão e Município do Rio de Janeiro**

<b>Comunidades</b>	<b>População (<sup>1</sup>)</b>	<b>Domicílios (<sup>1</sup>)</b>	<b>Habitantes por Domicílio</b>	<b>Área (m<sup>2</sup>) (<sup>2</sup>)</b>	<b>Densidade demográfica (hab/ha)</b>
Estrada do Itararé	75	22	3,41	2.370	316,5
Itararé	1.568	505	3,10	43.759	358,3
Joaquim de Queiróz	6.995	2.090	3,35	157.628	443,8
Morro da Baiana	2.086	669	3,12	40.766	511,7
Morro das Palmeiras	2.138	688	3,11	105.361	202,9
Morro do Adeus	1.102	345	3,19	49.081	224,5
Morro do Alemão	14.413	4.138	3,48	514.191	280,3
Rua Armando Sodré	676	194	3,48	17.373	389,1
Morro do Piancó	1.166	344	3,39	48.354	241,1
Mourão Filho	1.336	443	3,02	18.082	738,8
Nova Brasília (RA - Alemão)	18.744	5.750	3,26	333.842	561,5
Parque Alvorada	8.912	2.641	3,37	322.107	276,7
Relicário	83	24	3,46	44.393	18,7
Rua 1 pela Ademas	40	14	2,86	4.857	82,4
Vila Matinha	1.221	359	3,40	69.137	176,6
<b>Total</b>	<b>60.555</b>	<b>18.226</b>	<b>3,32</b>	<b>1.771.301</b>	<b>341,9</b>
<b>Rio de Janeiro</b> ( <sup>3</sup> )	<b>6.320.446</b>	<b>2.146.340</b>	<b>2,94</b>	<b>570.917.463</b>	<b>110,7</b>

Fonte: (1) Instituto Pereira Passos, com base em IBGE, Censo Demográfico (2010), (2) Instituto Pereira Passos (2012), (3) Censo Demográfico IBGE (2010). Elaborado por SILVA, 2015.

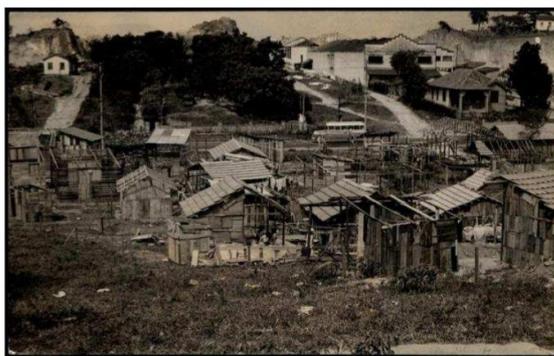
A favela Nova Brasília, onde residem os jovens selecionados para participar desta pesquisa, se localiza na vertente sul do Complexo do Alemão (FIGURA 6). Sua ocupação remete ao ano de 1941, quando três oitavos da Fazenda Camarinha foram vendidos por herdeiros de Martinho Correia da Veiga ao IAPC (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes). Estas glebas localizavam-se nas áreas que hoje correspondem à favela de Nova Brasília – inclusive as localidades Alvorada e Reservatório –, e parte das favelas Morro do Alemão e Grota. Entre 1940 e 1950, identificam-se algumas formas de fixação de moradia praticadas nas terras do IAPC, portanto, do Estado, como ocupações consentidas<sup>24</sup>. A fixação

<sup>24</sup> Segundo pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea), o povoamento urbano da Serra da Misericórdia foi iniciado a partir de várias formas de ocupação: de loteamentos informais ao aluguel de terrenos (também chamado de “aluguel de chão”); da ocupação consentida à invasão coletiva. Os hectares comprados pelo IAPC também foram objeto de ocupações informais. Seus primeiros moradores eram pessoas que tomavam conta das terras do Instituto e que tiveram permissão para construir suas casas nas áreas mais

de moradias em terras do Estado de forma consentida revela um vínculo entre as políticas governamentais para as favelas à época e o processo de formação das primeiras favelas do Complexo do Alemão<sup>25</sup>.

No caso dos terrenos do IAPC, na área hoje ocupada pela favela de Nova Brasília, o povoamento “consentido”, ainda que rarefeito, propiciou condições para que se criasse um movimento popular de “invasão” em meados da década de 1950 (COUTO E RODRIGUES, 2015).

Durante alguns anos, os moradores resistiram às ações da Guarda Municipal, que derrubava os barracos construídos durante a noite, os quais paulatinamente ampliavam as construções do local. Em 1953, 1954, a ocupação já tinha tomado toda a parte alta do Morro do Alemão, e em 1957 a ocupação de Nova Brasília já era visível da avenida Itaoca, quando foi registrada pela imprensa<sup>26</sup>.



**Figura 7: Ocupação de Nova Brasília, Correio da Manhã de 27/08/1957**

Fonte: IPEA (2013, p. 51)

---

altas. Esses moradores acabaram consentindo que outras famílias se instalassem no local, desde que as moradias fossem erguidas na parte alta do morro, em meio ao capim alto, para que não fossem vistos. Com o passar do tempo e com a ausência de uma política habitacional que respondesse às necessidades de moradia da população, o próprio IAPC passou a permitir, por meio de cartas informais, que seus funcionários e comerciários construíssem casas nas terras da antiga Fazenda Camarinha.

<sup>25</sup> RODRIGUES, Rute. COUTO, Patrícia, *A gramática da moradia no Complexo do Alemão: história, documentos e narrativas*. Ipea, 2016.

<sup>26</sup> RODRIGUES, Rute. *Do Morro da Misericórdia ao Complexo do Alemão: notas sobre o papel do governo na construção das favelas*. IPEA, 2016.



Figura 8: Ocupação de Nova Brasília, Correio da Manhã de 27/08/1957

Fonte: IPEA (2013, p. 51)

Tabela 3:

**Resumo do histórico fundiário e da urbanização do Complexo do Alemão a partir do século XVIII**

Fases	Período	Área
Agrícola	Antes do séc. XVIII	Território de uma tribo da nação dos índios tamoios
	Início do séc. XVIII	Estabelecimento dos padres jesuítas, dando origem à Fazenda Inhaúma
	1760	Expulsão dos jesuítas e desmembramento da Inhaúma originando diversas fazendas, origem dos bairros de Ramos e Bonsucesso
	Início do séc. XIX	Ocupação da Serra da Misericórdia (onde se localiza o Complexo do Alemão) pelo Sr. Francisco José Ferreira Rego
	1910	Com a morte do Sr. Francisco José Ferreira Rego seus herdeiros venderam suas terras para o Sr. Joaquim Leandro da Motta; este, através de loteamento criou o bairro de Olaria
	Década de 1910	O Sr. Joaquim Leandro da Motta vende um grande lote para o Sr. Leonard Kacsmakiewicz, apelidado de Alemão, iniciando assim a designação Morro do Alemão
	1920	Início da ocupação do Morro do Alemão
Industrial	1924	Instalação da Companhia Nacional de Tecidos Nova América, em Del Castilho, e do Curtume Carioca
	Final da década de 1920	1ª. Intervenção urbanística na região, com saneamento, retificação de rios e aterros de mangues
	1928	Sr. Leonard promoveu o primeiro loteamento em parte das suas terras
	1928	Início da ocupação da Favela Joaquim Queiroz;
	1938	A Light instala a linha de transmissão que cruza o Complexo
	1940	Início da ocupação da Favela da Fazendinha
	1941	Início da ocupação do Morro do Piancó
	1942	Início da ocupação das partes baixas da Nova Brasília
	1944	Início do loteamento do Morro da Baiana
	1946	Ocupação das margens da Estrada do Itararé
	Final dos anos 40	Início da ocupação do Morro do Adeus
	1951	Ocupação dos Morros da Esperança, dos Mineiros e Relicário
	1955	Chegada dos reassentados da Favela do Esqueleto
	1961	Aceleração da ocupação do Morro da Baiana e partes altas da Nova Brasília
	1977	Início do loteamento do Morro das Palmeiras
1979	Ocupação do entorno do Reservatório de Ramos	
1979	Início da ocupação Mourão Filho	
1982	Início da ocupação do Parque Alvorada	
Declínio	1986	Decreto transformando em Região Administrativa as favelas do Alemão, Rocinha, Jacarezinho e Maré;
	2008	Início das obras do PAC do Complexo do Alemão
	2012	Criação da 1ª. UPP no Complexo do Alemão

Fontes: Secretaria de Habitação (2004); ABREU (2005) e INAE (2013); Elaboração: SILVA, 2015.

Durante os primeiros encontros realizados para as entrevistas de grupo focal, o objetivo, de acordo com o questionário planejado antecipadamente, era justamente adquirir dados sobre as relações desses jovens com a favela, na transitoriedade de seu espaço, através das transformações históricas, sociais e econômicas e, através do conteúdo de suas bagagens sobre o lugar onde moram, como essas transformações influenciaram nas suas trajetórias de vida.

Mesmo já tendo esclarecido esse sentimento inicial anteriormente, acredito que este é o momento para justificar, sem parecer repetitivo, as sensações que experimentei e as primeiras conclusões sobre a metodologia aplicada para elaboração desta pesquisa. Dois aspectos me incomodaram bastante nesta fase investigativa:

O primeiro diz respeito às questões que elaborei para mediar esses primeiros encontros de grupo focal, com a sensação que tudo sairia exatamente da forma em que foi planejado e, definitivamente, não foi assim que aconteceu. Nesses primeiros encontros, as sugestões de questões por mim elaboradas não se desenvolveram nos debates conforme planejei. Como mediador, tinha o objetivo de relacionar a história do Complexo do Alemão e da Nova Brasília na trajetória de vida dos jovens e eles estavam mais à vontade em falar sobre oportunidades e dificuldades para o mercado de trabalho. Os temas que medie sobre suas relações com a história e geografia da Nova Brasília e o CPX do Alemão não resultaram em grandes debates.

Importante mencionar que esses jovens possuíam uma boa relação com essa história e geografia da serra da Misericórdia e também com a ocupação inicial do conjunto de favelas do CPX do Alemão, ora observado pelo relato dos jovens sobre conversas desenvolvidas com parentes e vizinhos mais antigos no local e hora por mencionar as aulas de história nos colégios municipais da região que eles frequentaram. Ao serem questionados sobre as memórias (ou histórias) mais antigas da favela, apresento alguns relatos:

*“Minha família foi uma das primeiras a ocupar a Nova Brasília, ainda lá embaixo”  
Meu avô falava que não tinha nada. Só mato. CARLA*

*“O seu Zé fala que a Grota foi a primeira favela aqui”.* JOÃO

*“Na Gustavo (GUSTAVO ARMBRUST - escola municipal da região), o professor de Geografia pediu pra gente fazer um trabalho sobre a serra da Misericórdia”.* MARIA

Um outro incômodo que se apresentou, e este faz parte dos resultados e conclusões da pesquisa, é que minhas expectativas estavam altas para ver uma maior participação das favelas nas vidas dos jovens do grupo, e não foi tão bem correspondido. Nos primeiros encontros, na visão dos jovens do grupo, a maioria não incluiu a favela e seus aspectos dentro da construção de suas trajetórias. Na realidade, muitos deles tentaram negar essa participação. Certamente, isso ocorre por toda construção do estereótipo do morador de favela na sociedade. Percebi que, de forma voluntária ou involuntária, eles se esquivavam dos efeitos de suas origens nos relatos de trajetórias de vida. Acrescento aqui também que,

de forma antagônica, nos encontros que seguiram, a exposição dos jovens sobre a relação de suas vidas com a favela ficou mais perceptível nos debates, provavelmente por se sentirem mais ‘à vontade’ nos debates que seguiram, o que também é uma característica de encontro de grupos focais.

Geralmente, a atuação das pessoas em um grupo obedece a certa progressão de níveis. O moderador tem a difícil tarefa de conduzir a reunião de forma a ultrapassar o nível superficial e defensivo, normal em qualquer interação entre pessoas desconhecidas, com intuito de alcançar o lado autêntico de cada participante. (DIAS, 2000)

A justificativa para esses incômodos já apresentei aqui no capítulo anterior e vale repetir neste momento:

[...] talvez a arrogância e frustração de tudo sempre deve correr como planejado. Com o andamento dos encontros percebi que seria um grande erro desqualificar esses encontros já que os analisar como possibilidade de compreensão das trajetórias dos jovens é um grande avanço. Pensar que a maioria dos jovens do grupo passam por grande vulnerabilidade social e exigir que eles falassem de um tema tão abstrato como juventude e futuro não pode ser encarado de forma tão engessada. (p. 34)

Para justificar tamanho ‘apagão’ que esses jovens apresentaram, principalmente nos primeiros encontros, sobre a relação da favela com suas trajetórias, achei oportuno estabelecer, também nesta pesquisa, como a construção das favelas no modelo econômico neoliberal justifica, em parte, esses posicionamentos.

### **2.3 O Estabelecimento Das Favelas No Rio De Janeiro Em Sua Ótica No Modelo Econômico Neoliberal E As Consequências Para O Jovem Periférico**

Definição de favelas, na lógica da valorização dos capitais, até mesmo suas ações, estão ligadas ao cunho burguês de remissão e repressão. Para o IBGE<sup>27</sup>, a definição é a seguinte “Aglomerado subnormal (favelas e similares) é um conjunto constituído de no mínimo 51 unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) dispostas, em geral, de forma desordenada e densa, bem como carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais.”

Durante muito tempo, as favelas eram (e muitas vezes, ainda são) reconhecidas, de acordo com uma visão elitista, como parte não pertencente às cidades. O histórico de seu estabelecimento no Rio de Janeiro não foi diferente. As favelas foram marcadas pelas ocupações de áreas irregulares e estabelecidas no discurso das ausências, independente do conceito utilizado, seja aglomerado urbano, ocupações irregulares, assentamento urbano ou

---

<sup>27</sup> Dados encontrados no sítio eletrônico do IBGE, acessado em 27/08/2021.

aglomerados subnormais. Na visão de muitos estudiosos, as favelas não devem ser excluídas dessa grande contradição que são as cidades.

Durante os diferentes períodos de favelização da cidade do Rio de Janeiro, os grupos dominantes e os gestores das ciências política e econômica abordaram as favelas de diversas formas, sempre reafirmando os seus interesses dominantes e suas abordagens. Valladares (2000), em seus escritos, acrescenta:

(...) nem a idéia hoje amplamente generalizada de as favelas resultarem da invasão de terrenos, nem a hipótese da favela como solução de moradia barata para os pobres urbanos estavam presentes nesse período fundador. Assim como também não havia a idéia de os favelados serem maciçamente oriundos das correntes migratórias que trouxeram os nordestinos para o Rio. Os habitantes de inúmeras favelas desse período inicial eram imigrantes estrangeiros pobres — portugueses, espanhóis, italianos — que precisaram enfrentar a crise da moradia no começo do século. Ou correspondiam a uma população que havia povoado inicialmente o cortiço mas que, de fato, era fruto da reprodução da pobreza originária do Rio de Janeiro. (VALLADARES, 2000)

Muitos autores se arriscam em discutir a gênese das favelas do Rio de Janeiro. O que Valladares afirma na citação anterior é que não se deve desvincular a formação inicial das favelas do Rio de Janeiro à crise da moradia do início do século XX, independente das pessoas que estavam envolvidas no processo. A favela se apresentou como a solução de moradia barata para os pobres urbanos.

Faz-se necessário então a apresentação desses territórios dentro da própria lógica de contradição do modo de produção capitalista e como ele se desenvolve no território brasileiro, concentrando terras urbanas e rurais, além de concentrar renda e (re)produzir as diversas classes sociais no espaço urbano. Vale lembrar que a própria favela, desde quando surge nas paisagens cariocas, já se apresenta dentro de um modelo de valorização. A aglomeração percebida como temporária, transitória, é, no entanto, logo reconhecida pelos primeiros observadores como detentora de valor econômico e, como tal, explorada mediante a cobrança de aluguel do “chão” ou dos barracos. (VALLADARES, 2000). Este fenômeno também aconteceu na favela formação do Complexo do Alemão, com o aluguel de chão nas ocupações consentidas.

De acordo com Nesimi e Botelho (2020), desde o seu nascimento, a favela sempre sofreu com a violência e a repressão estatal. De início, as justificativas eram de ordem sanitária: assim como os cortiços — e por terem sido produzidas parcialmente a partir da destruição destes — as favelas da área central da cidade do Rio de Janeiro foram vistas como locais insalubres, focos de doenças e origem das principais epidemias que acometiam o resto da cidade. A polícia foi uma força auxiliar para os agentes de saúde que, principalmente durante o processo de combate às epidemias, na administração Pereira Passos (1902-1906), subiam os morros para higienizar as moradias e vacinar forçadamente seus ocupantes.

Entendendo que as paisagens do Rio de Janeiro são o produto da cultura de uma sociedade composta por diferentes classes sociais hierarquizadas em suas possibilidades econômicas, o que acaba se difundindo das favelas é que elas são os espaços da ilegalidade, da marginalidade, da insalubridade, da criminalidade. Justamente esta forma de compreender as favelas estão relacionadas ao próprio modo de produção. Certamente a apresentação de todos os aspectos negativos, dentro desta perspectiva, é inevitável. O que ocorre é uma outra

forma de se enxergar as favelas, principalmente dentro do estabelecimento do modelo neoliberal, que também se confunde com a história do Brasil.

A leitura das sociedades através das estruturas ideológicas possibilita a manipulação do objeto real por uma compreensão limitada dos objetos e fenômenos, dificultando seu entendimento perante a sociedade. Desta forma, o próprio real se torna uma construção social em determinado contexto histórico. Sobre isso, Brito e Rennó (2009) afirmam que:

O conceito é fomentado a partir do real, tomando o real como uma construção social em determinado contexto histórico, entendendo este então como uma redução da realidade criada que sofre mutações no espaço/tempo. Deste modo os processos e os fenômenos derivam das possibilidades e necessidades de entendimento sobre as coisas segundo os instrumentos técnicos dos quais os grupos dominam. (BRITO e RENNÓ, 2009)

Colabora para essa leitura a forma como os veículos de comunicação e as notícias são difundidas agem diretamente no plano da consciência sobre a rotulação da própria favela. De certa forma, eles corroboram com a construção de uma ideia da favela que se generaliza para o conjunto de todas as outras. Isso acarreta na redução deste fenômeno urbano, não evidenciando suas particularidades e as diferenciando de outras localidades. Assim, toda vez que a favela é colocada em evidência, uma enxurrada de relações sociais iria implicar subjetivamente sobre esse conceito com a realidade.

De alguma forma, esses conceitos firmados através de uma leitura superficial e generalizada, acabam guardando alguma familiaridade com o que as próprias favelas representam nas vidas dos jovens nos dias de hoje, observado na análise de suas trajetórias de vida dos voluntários no grupo focal. Talvez, por eles mesmos estarem mergulhados dentro dessas perspectivas, apresentem esta visão global e midiática, mesmo sendo moradores. Muitas vezes eu os percebi vendados para além desta perspectiva. Observe na fala aqui destacadas, quando debatíamos as dificuldades do morador da Nova Brasília em se estabelecer nesta ótica:

*“(...) cara, vale o esforço. Tem que acordar cedo e ir pra luta. Não se consegue nada sem luta”* JOÃO

*“Só é difícil pra quem quer. Se correr atrás, consegue. Não é só por que mora aqui que não conquista os objetivos”.* MARIA

*“Tem muita gente na favela que não quer nada. Fica fazendo bico e não busca melhorar. Vai morrer ganhando pouco.”* AMANDA

*“Tem varias pessoas aqui que persistiram nos sonhos e conseguiram mudar de vida e saíram da favela. Hoje estão ricos. Só vejo foto viajando. Qualquer um se correr atrás consegue”.* LUIZA

Esses relatos apenas certificam que, muitas vezes, alguns jovens moradores de áreas periféricas no Rio de Janeiro não identificam que suas trajetórias se enquadram dentro de um modelo de perpetuação das desigualdades onde, além da segregação territorial imposta, também não evidenciam as estruturas enraizadas que dificultam até mesmo essa compreensão.

Além disso, nas favelas e fora delas, é evidente que há uma visão bipartida da relação ‘favela x cidade’ dentro desta mesma ótica. Os conceitos particularizados resultam em uma fragmentação do real, não permitindo um conhecimento totalizante do mundo, muitas vezes demonstrando hierarquias totalmente aceitas e reproduzidas no cotidiano. Exatamente assim ocorre na produção dos espaços das favelas na produção do espaço urbano: surgem como uma representação de atraso. Se ela é a própria cidade, não pode ser considerada fragmentadora do espaço urbano. É de suma importância a apresentação de uma proposta de análise e outros conceitos relacionados aos aglomerados urbanos, ocupações irregulares, assentamentos urbanos, aglomerados subnormais, definitivamente não os excluindo da grande contradição que é a cidade.

Em uma análise histórica, a novidade das favelas nas áreas urbanas no fim do século XIX e, principalmente, no início do século XX não fazia nenhum paralelo com nenhum outro fenômeno conhecido, levou aos intelectuais do início do século XX a fazer constantes analogias à ocupação do arraial de Belo Monte, ou como ficou conhecida a resistência de Canudos<sup>28</sup>. Desta forma, desde já, difundia-se uma dicotomia entre a favela e a cidade.

[...] construindo a imagem dos habitantes das favelas uma analogia dos jagunços e sertanejos, originando o conceito do favelado como “o outro”, distante culturalmente, diferenciando quem é o cidadão e quem é o sertanejo ou quem é o cidadão e quem é o favelado. (BRITO E RENNÓ, 2009)

Uma outra relação subjetiva que, anos depois, ainda estaria presente no imaginário popular sobre a ocupação das favelas com base no arraial de Belo Monte é a resistência. Antes de serem derrubados, os sertanejos de Canudos venceram três exércitos enviados pela república<sup>29</sup>. Qualquer comparação das favelas aos resistentes de Canudos seria reforçar a questão das favelas não pertencentes à cidade.

---

<sup>28</sup> De acordo com Calasans (1959), a Guerra de Canudos ou Campanha de Canudos foi um conflito armado que envolveu o Exército Brasileiro e membros da comunidade sócio religiosa liderada por Antônio Conselheiro, em Canudos, no interior do estado da Bahia. Os confrontos ocorreram entre 1896 e 1897, com a destruição da comunidade e a morte da maior parte dos 25.000 mil habitantes de Canudos. A região, historicamente caracterizada por latifúndios improdutivos, secas cíclicas e desemprego crônico, passava por uma grave crise econômica e social. Milhares de sertanejos partiram para Canudos, cidadela liderada pelo peregrino Antônio Conselheiro, unidos na crença numa salvação milagrosa que pouparia os humildes habitantes do sertão dos flagelos do clima e da exclusão econômica e social.

<sup>29</sup> Calasans (1959) afirma que os grandes fazendeiros da região, unindo-se à Igreja, iniciaram um forte grupo de pressão junto à República recém-instaurada, pedindo que fossem tomadas providências contra Antônio Conselheiro e seus seguidores. Criaram-se rumores de que Canudos se armava para atacar cidades vizinhas e partir em direção à capital para depor o governo republicano e reinstalar a Monarquia. Apesar de não haver nenhuma prova para estes rumores, o Exército foi mandado para Canudos. Três expedições militares contra Canudos saíram derrotadas, o que apavorou a opinião pública, que acabou exigindo a destruição do arraial, dando legitimidade ao massacre de até vinte mil sertanejos. Além disso, estima-se que cinco mil militares

Essa construção, do final do século XIX, ainda perdura nos dias de hoje, principalmente quando o assunto é a favela entre alguns segmentos pertencente às classes dominantes do estado do Rio de Janeiro. Ao questionar o grupo focal sobre a existência de uma dicotomia ‘cidade x favela’, ficou ainda muito claro a sensação de ‘cidade partida’. Nas conversas, esse questionamento foi recebido de forma bastante questionadora em alguns dos encontros do grupo. Alguns integrantes apresentaram relatos sobre pessoas não residentes em favela que, sem ter nunca entrado em uma, afirmaram que pessoas que moravam em favelas, faziam parte de uma resistência ao poder do Estado (por fazer críticas à entrada de policiais em favelas) ou que seus moradores faziam motins para, propositalmente, não fazer parte da própria cidade, além de questionar a idoneidade de quem mora em favelas. Trabalhar esse questionamento no grupo fez surgir o debate da dicotomia do “nós e eles”.

*“O engraçado é que justamente esses riquinhos que sobem o morro para comprar drogas ou mesmo ir no baile”.* LUIZA.

No mesmo contexto, os outros começaram a criar diversos impedimentos que os diferenciavam e que os diminuía, deixando em evidência uma linha tênue de que não fazem parte da mesma cidade.

E ainda me cabe afirmar uma percepção sobre esse encontro ocorrido em agosto de 2022: o grupo relatou, de forma muito enfática, a necessidade de se provar e de não se permitir errar sendo morador de favela, para não reafirmar o julgamento feito pela sociedade, certificando, ainda mais, essa construção dicotômica dentro de um modelo de percepção elitizada.

O estabelecimento das favelas na cidade, de acordo com a maioria dos autores, remete ao final do século XIX e início do século XX, quando o Rio de Janeiro era a capital da república. Desde então, algumas situações colaboraram para reforçar esse imaginário das favelas e acabam, de certa forma, justificando seus efeitos nos dias de hoje.

O governo, neste período, estava encontrando dificuldades para alojar os soldados, permitindo a ocupação de um mosteiro abandonado no Morro de Santo Antônio, além da ocupação de suas encostas em barracões. Sobre esse episódio, Abreu (1994) afirma o seguinte:

[...] em 1987, antes do fim da campanha em Canudos, com o fim de sanar as irregularidades criadas com a própria questão de construir barracões, a Prefeitura, em uma vistoria já contava com mais de 41 barracões construídos irregularmente nas terras do governo. (ABREU, p. 36, 1994)

Ao mesmo tempo, áreas irregulares do morro da Providência são ocupadas. Valladares (2008) afirma que após a destruição do cortiço “Cabeça de Porco”, o proprietário

---

tenham morrido. A guerra terminou com a destruição total de Canudos, a degola de muitos prisioneiros de guerra, e o incêndio de todas as casas do arraial.

da habitação, também dono dos terrenos na encosta, autorizou<sup>30</sup> a ocupação das mesmas pelos antigos moradores do cortiço, cobrando desses pelas áreas ocupadas. Destaco aqui que, algumas vezes percebi, dentro do imaginário do grupo, que as favelas são locais apenas de invasão. Exatamente como ocorre em algumas favelas do Complexo do Alemão, as ocupações consentidas ou até mesmo o arrendamento das terras ocorrem em vários casos nas histórias das favelas.

*“Meu bisavô invadiu um terreno mais pra cima. Ele disse que embaixo a polícia estava retirando. Mas em cima ele disse que ninguém tirava”.* CARLA

Na ocupação inicial do Morro da Providência, destaca-se o fato de que, após o fim da campanha de Canudos, os combatentes regressados do Nordeste teriam ali se instalado, de modo a pressionar o Ministério da Guerra a pagar seus soldos atrasados (VALLADARES, 2008).

Cruz (1941) analisa que uma possível hipótese da origem ou disseminação do termo ‘favela’ também pode estar no clássico “Os sertões”, de Euclides da Cunha, publicado em 1902, sobre a guerra de Canudos (1896-1897). Ele descreve a região do sertão baiano em que tinham se assentado os fiéis do beato Antônio Conselheiro falando de uma “elítica curva fechada ao sul por um morro, o da Favela, em torno de larga planura ondeante onde se erigia o arraial de Canudos...”. O nome do morro, explica o autor, devia-se a uma planta comum por ali, as favelas, “anônimas ainda na ciência – ignoradas dos sábios, conhecidas demais pelos tabaréus...”. Euclides se referia à *Jatropha phyllacantha*, também conhecida como faveleira e mandioca-brava, de nome formado provavelmente como diminutivo de fava.

Quando os soldados da Guerra de Canudos retornaram ao Rio de Janeiro, deixaram de receber o soldo (salário). Sem condições financeiras instalaram-se em morros, assim esses morros ficaram conhecidos, pelos moradores do Rio de Janeiro, como Morro das Favelas.

A partir dos anos de 1920, as habitações de barracos que surgiam nos morros do Rio de Janeiro passaram a ser amplamente chamadas de favelas. Em uma extensão do estigma de favelas, o morro da Providência foi assim chamado, generalizando de forma pejorativas ocupações irregulares e aqueles que ocupavam essas áreas, classificados como facínoras, bandidos, mulheres sem família e toda gente desocupada. Desta forma se tornaria muito menos penoso ao governo a implantação de políticas de desapropriação a partir da redução e generalização de todos esses diferentes movimentos que se passava a cidade do Rio de Janeiro.

Para a República, os problemas representados por essas ocupações estavam mais próximos do seu ‘controle’. A busca pelo direito à terra, por justiça social e pela simples sobrevivência não estavam mais apenas no sertão: estavam também na capital. Vale lembrar que a construção das favelas no Rio de Janeiro também está relacionada com o fim da escravidão, no século XIX, quando muitos escravos libertos se deslocaram para a então capital federal e fixaram-se informalmente em locais sem infraestrutura. Nos séculos seguintes aumentou a quantidade de favelas devido à pobreza, déficit habitacional e migrações de regiões rurais do Nordeste.

---

<sup>30</sup> Importante também usar os termos de autorização, arrendamento, consentimento para se referir ao estabelecimento das favelas do Rio de Janeiro, em contraposição apenas a ideia amplamente divulgada de invasão.

De acordo com Rodrigues (2003), as primeiras aglomerações subnormais surgiram no Rio de Janeiro após a Guerra de Canudos e em São Paulo por volta da Segunda Guerra Mundial. Porém elas tornam-se mais “visíveis” a partir da expansão do processo de Industrialização-Urbanização e a partir da década de 1950 elas são vistas como “problema”.

Silva (2008, p. 100) destaca a que as políticas públicas, implementadas pelo Estado, para o equacionamento do déficit habitacional do país foram amplas, e mesmo criticadas ou não, pareceram não ser muito suficientes para suprirem o tão afamado déficit habitacional das cidades brasileiras, sobretudo nas maiores. A existência de moradias precárias nas metrópoles brasileiras parece uma chaga permanente, de solução quase impossível.

No século XIX, quando a pobreza urbana se transforma em preocupação das elites, tanto lá como cá, são os profissionais ligados à imprensa, literatura, engenharia, medicina, ao direito e à filantropia que passam a descrever e propor medidas de combate à pobreza e à miséria. Valladares (2000) afirma que na origem desse conhecimento impunha-se uma finalidade prática: conhecer para denunciar e intervir, conhecer para propor soluções, para melhor administrar e gerir a pobreza e seus personagens. A ciência a serviço da racionalidade e da ordem urbana, da saúde do país e de sua população.

Alguns estabelecem uma relação direta entre o “Cabeça de Porco” e o desenvolvimento inicial do morro da Providência, depois conhecido como morro da Favella. Isto porque, antes da chegada dos soldados de Canudos, e durante a destruição do maior cortiço do Rio de Janeiro, o prefeito Barata havia permitido a retirada de madeiras que poderiam ser aproveitadas em outras construções. Alguns moradores teriam então subido o morro por detrás da estalagem. (VALLADARES, 2000)

Sobre as favelas, também recaia o discurso médico-higienista que antes condenava as habitações anti-higiênicas; para ela se transfere a visão de que seus moradores são responsáveis pela sua própria sorte e também pelos males da cidade.

O pensar sobre as favelas de forma isolada da cidade acaba adiando a compreensão que elas eram a própria produção da cidade, onde as classes sociais estavam envolvidas nas decisões da produção do espaço urbano.

[...] desde os primórdios, embora a imagem geral da favela seja a de um espaço em desconcerto com as regras da civilidade e da lei, um espaço criminalizado, também moram nos morros e escarpas do centro do Rio as pessoas pobres, trabalhadoras, cujas dificuldades de sobrevivência e remuneração levaram à moradia precária. Assim, Agache (1930: 189) explica a formação das favelas não apenas pelo sem-teto, mas também pelo “operário pobre”. (NESIMI; BOTELHO, 2020)

Santos (2008) afirma que o poder público exerce um papel extremamente ativo na produção da cidade, pois através do capitalismo a cidade do capital concorrencial cede lugar ao monopólio, e que através das obras públicas beneficiam uma parcela considerável da população e muitas empresas. Porém ele se torna o principal criador dos problemas habitacionais, estimulando a especulação e diminuindo os espaços vazios dentro das cidades.

[...] incapaz de resolver o problema da habitação empurra a maioria da população para as periferias; e empobrece ainda mais os mais pobres, forçados a pagar caro pelos precários transportes coletivos e a comprar caro bens de consumo indispensáveis e serviços essenciais que o poder público não é capaz de oferecer. (SANTOS, 2008, p.123)

Nesimi e Botelho (2020) afirmam que uma mudança na forma da segregação urbana na cidade do Rio de Janeiro está em curso: algumas favelas cariocas deixam de ser funcionais, do ponto de vista do oferecimento de força de trabalho barata para o restante da cidade, e passam a ser alvo de um controle mais direto e ostensivo, que culmina no confinamento espacial de seus moradores.

A discussão sobre a construção do ideário das favelas no Rio de Janeiro foi bastante interessante na produção desta dissertação e, principalmente, nos relatos do grupo. Geralmente, nas escolas de educação básica do país, as favelas são comumente enquadradas como apenas “problemas urbanos” e os diferentes conceitos que circundam esse fenômeno acabam reduzindo este fenômeno como algo a ser solucionado onde poderia estar sendo levantado um debate mais focado, como aconteceu em nossos encontros. Contestar uma Geografia Urbana comprometida com o pensamento urbanístico dominante e que entende a favela como algo separado na produção do espaço urbano por uma Geografia das Favelas, pode levar a possibilidade de atuação junto a esses novos fenômenos, considerando sua evolução particular no espaço/tempo.

Gostaria de destacar que, também nos encontros de agosto, foi possível observar, no decorrer dos debates, como os jovens do grupo perceberam a construção das favelas dentro de uma ótica dominante neoliberal e o descortinar dos estigmas fez com que os integrantes do grupo pudessem abrir novos horizontes na percepção da construção da sua vida, do seu cotidiano. Entender a favela como parte da construção da cidade e como parte de um sistema que exclui e marginaliza uma parte considerável de sua sociedade certamente trouxe, durante aqueles debates, uma melhor consciência do que eles são, representam e quais seriam seus papéis para atuar e combater esse atual modelo vigente.

A participação de JOSÉ nos debates do grupo focal foi extremamente importante para que, mesmo de forma incipiente, reformular o conceito de construção das favelas com o restante do grupo. É importante compreender que não cabe ao mediador do grupo focal participar dos debates, para que não seja ele mesmo, um influenciador de opiniões. Minayio (2000) adverte que o mediador deve ter o cuidado de não induzir o grupo de forma consciente ou não, a partir do seu ponto de vista. Durante a mediação de algumas entrevistas e sem influenciar nos relatos de trajetória de vida, ele ressaltou a importância de estimular o debate sobre a temática das favelas em oposição ao modelo civilizatório imposto pelo discurso neoliberal suas bases no modo de produção capitalista, conforme Lander (2005) apresenta a seguir:

O neoliberalismo é debatido e combatido como uma teoria econômica, quando na realidade deve ser compreendido como o discurso hegemônico de um modelo civilizatório [...] Na sociedade moderna as relações sociais são naturalizadas, assim a atual configuração do mundo apresenta-se como única possível. (LANDER, p. 21 – 22, 2005)

Claramente, o modo que as favelas são estudadas no modelo neoliberal de produção do espaço urbano reduz sua interpretação e inferioriza a voz dos moradores de favela dentro de uma sociedade. O histórico da evolução do conceito de favela no Brasil reproduz a histórica consolidação do capital e exclusão do país. Não se deve negar que as favelas surgem dentro de um aspecto da reprodução de excluídos dos interesses hegemônicos. Nas conversas do grupo focal, me arrisco a falar aqui que essa descoberta, após uma provocação na mediação, talvez tenha sido foi o ponto alto de todos os debates observados. A partir dos encontros de agosto, após a abordagem dessa temática, senti confiança em que a metodologia era assertiva e que estava caminhando para de atingir os objetivos iniciais estabelecidos.

Sobre a dominação deste modo de vida, no início do século XX, Oliveira (2006) afirma que parecia ter chegado o momento, longamente esperado, da hegemonia burguesa no Brasil: uma sociabilidade marcada por um truncamento individualista feroz, fruto antes da profunda desigualdade que da disputa das oportunidades, descendo do alto da pirâmide social até os degraus mais baixos dos infernos das favelas: celebrava-se, então a vitória da burguesia e do capitalismo.

Para compreender melhor os impactos nas trajetórias de vida dos jovens moradores de favela, é de extrema relevância a análise desta e de outras esferas da expansão geográfica do capital e suas crises históricas é muito bem sintetizada por Harvey (2011 p. 104):

As inter-relações em conflito entre as necessidades de evolução técnica e social para a acumulação do capital e as estruturas de conhecimento e normas e crenças culturais compatíveis com a acumulação infinita têm desempenhado um papel fundamental na evolução do capitalismo. Para fins de simplificação, vou agrupar todos os últimos elementos sob a rubrica de “concepções mentais do mundo”. Essa forma de pensar nos leva a sete “esferas de atividade” distintas na trajetória evolutiva do capitalismo: tecnologias e formas de organização; relações sociais; arranjos institucionais e administrativos; processos de produção e de trabalho; relações com a natureza; reprodução da vida cotidiana e da espécie; e “concepções mentais do mundo”. Nenhuma das esferas é dominante, e nenhuma é independente das outras. Mas também nenhuma delas é determinada nem mesmo coletivamente pelas outras. Cada esfera evolui por conta própria, mas sempre em interação dinâmica com as outras. As mudanças tecnológicas e organizacionais surgem por qualquer motivo (por vezes, acidentais), enquanto a relação com a natureza é instável e muda perpetuamente apenas em parte por causa de mudanças induzidas pelo homem. Nossas concepções mentais do mundo, para dar outro exemplo, são geralmente instáveis, conflituosas, sujeitas a descobertas científicas assim como a caprichos, modas e crenças e desejos culturais e religiosos fortemente arraigados. Mudanças nas concepções mentais têm todos os tipos de consequências, intencionais e não intencionais, para as formas tecnológicas e organizacionais, as relações sociais, os processos de trabalho, as relações com a natureza e os arranjos institucionais aceitáveis. A dinâmica demográfica que surge da esfera da reprodução e da vida cotidiana é simultaneamente autônoma e profundamente afetada por suas relações com as outras esferas. (HARVEY, 2011, p. 104).

Desta forma Harvey argumenta, por meio de “arranjo espacial”, da reestruturação geográfica e do deslocamento das crises de acumulação do espaço, que tal determinação mútua de dinâmicas diversas, forma uma rede de pontos interligados a partir de vínculos de intensidade em constante variação. Assim seria a história, com uma trajetória marcada por

diferentes momentos onde se alternam a proeminência de cada esfera citada por ele, que geram efeitos sobre as outras e transformam-se no processo.

Também cabe falar de ideologia neste exemplo, onde existe abundância instrumental de ideários, signos e valores que partem do Estado e do capital com objetivos definidos – o que também está longe de significar que a esfera simbólica é dominada pelo que é ideológico. O espaço é formado por ideologias, mas também por um domínio mais amplo de significados socialmente construídos.

A partir de um desses pontos interligados entre Estado, capital e a esfera simbólica pode-se compreender como o neoliberalismo se torna real na produção do espaço, de forma mais ampliada e circulando pelos terrenos da micropolítica – fundamentais na produção do espaço social (MAGALHÃES, 2015, p. 14)

A conceituação da produção do espaço em Lefebvre (1974) opera por essa interação entre a centralidade da dimensão simbólica, a proeminência do Estado (na conformação do chamado “espaço abstrato”) e a crítica da economia política. Em Lefebvre, os signos e significados acerca do que consiste no espaço entram, de maneira decisiva, numa dialética com o concreto. O espaço do medo, a própria noção de que a cidade é um território de risco e violência, por exemplo, retroalimenta ciclos que reproduzem os fatos que criam essa percepção num dado momento inicial. Interpretar a cidade a partir desse pressuposto implica trabalhar com a ideia de que esses significados são constantemente reiterados e reproduzidos num processo contínuo de subjetivação em torno do espaço urbano, fundamental na construção do que a cidade se torna, dos seus devires. Tal aspecto é conhecido pelos estrategistas urbanos desde a emergência do city marketing na década de 1990, que procura atuar na alteração da imagem da cidade pela espetacularização de suas fachadas, projetadas, via publicidade, para o mundo, visando à inserção da cidade em circuitos globais de circulação de turistas e investidores, e, atualmente, de estudantes com fartos recursos financeiros e jovens profissionais de fácil mobilidade territorial, supostamente atraídos por um meio urbano “vibrante”. Desde os projetos voltados para a atração de mais turistas até os mais recentes, vinculados à estratégia da cidade criativa, ligada a um argumento de desenvolvimento econômico a partir da atração de capital humano pelos atributos do espaço urbano, objetiva-se atuar na alteração da imagem da cidade e na sua promoção/inserção em circuitos globais em formação e aprofundamento.” (MAGALHÃES, 2015 p. 14)

Por outro lado, perde-se a capacidade de se observar a cidade como um laboratório aberto de possibilidades e produção de processos em escalas diversas, onde qualquer cidade carrega em si a capacidade de se reinventar e estimular tarefas. O neoliberalismo perpassa as cidades, e concomitantemente as favelas também, através da construção de significados de seu próprio conteúdo simbólico, onde muitas dessas significações são valores e vetores simbólicos de agentes bem definidos do Estado e do capital.

Essa compreensão de que uma parte dos moradores das favelas são “gente de bem”, “trabalhadora”, entretanto, não é alheia à visão preconceituosa genérica daquele espaço como “pestilento” e “criminoso” — daí que o papel do Estado seja exatamente o de remover essas comunidades ou civilizá-las através da urbanização (é com o regime de Vargas que, pela primeira vez, surgem iniciativas de urbanização das favelas). O objetivo era exatamente o de trazer os seus moradores à civilidade, o que transparece até mesmo na mudança do estatuto da assistência social nesse período. (NESIMI; BOTELHO, 2020)

Nesta perspectiva, os estereótipos construídos sobre a favela nada mais são que o resultado da produção do urbano dentro do modo de produção capitalista. Silva (2008) esclarece que a produção total do urbano inclui o processo de exploração potencializado por uma segregação socioespacial, visível nos termos da produção alienada. A alienação, coluna vertebral de todo esse processo, se coloca espacialmente na separação entre o local da produção e local da moradia, além de imprimir uma clara separação e fragmentação da fisionomia socioeconômica da cidade. Silva (2008) afirma:

A classe burguesa constrói e reconstrói a cidade à sua maneira, ora como campo estratégico de luta de classes direta (a luta de barricadas, mencionada por Engels), ora como lócus de valorização e reprodução do capital, via especulação imobiliária. Dentro desta economia, não há uma solução para a questão da moradia, ocorre apenas uma transferência desta “questão” para outras localidades, longe demais dos olhos das classes dominantes. Além disso, no plano da vida cotidiana, o qualitativo se transforma, a cidade é outra, a apropriação, concepção e percepção do espaço pelos habitantes da cidade se modificam gradativamente. A cidade se torna, antes de tudo, o local de valorização do capital, muito mais que o lugar do encontro, do fluxo da vida. (SILVA, 2008)

Com base nas abordagens teóricas do processo de produção do espaço da favela, como mediador, pude observar – sem intervir – nas discussões sobre seus efeitos na trajetória de vida dos jovens. Houve um oportuno aproveitamento da fala de JOSÉ<sup>31</sup>, e, a partir dela, um verdadeiro descortinar de uma construção do senso comum para o restante do grupo. A base de seus relatos estabelece críticas e entra em discordância na construção observada na citação que segue:

Mas o fato fundamental, que permite acompanhar esse deslocamento das favelas de uma forma urbana segregada que servia como reservatório de força de trabalho precária em direção a um ambiente de isolamento de excluídos da sociedade do trabalho, é a desconexão econômica estabelecida entre setores urbanos socialmente muito distintos. Ao não ter mais vínculo direto com a “cidade formal”, algumas favelas tornam-se zonas de exclusão e, conseqüentemente, também de contenção e extermínio. (NESIMI; BOTELHO, 2020)

No calor do debate do grupo sobre os estereótipos da favela e fomentando a crítica sobre segregação imposta apresentada por Nesimi e Botelho (2020), JOSÉ apresentou o seguinte relato, colocado aqui na sua íntegra:

*“Gente, não tem nada de normal a gente continuar vendo o preto, pobre e favelado da mesma forma que quem tá fora vê. A elite vê a gente como algo que ela quer que suma do planeta. A ideia é matar mesmo. Toda vez que a polícia entra em qualquer favela matando, eles comemoram. Não querem saber da dor das famílias, não querem saber na*

---

<sup>31</sup> JOSÉ e os outros jovens serão apresentados no capítulo quarto desta dissertação, mas vale a pena enfatizar aqui que, a partir desse encontro, me fez percebê-lo como um jovem extremamente politizado e conhecedor de seu papel na sociedade. Nessa e em outras vezes, elevou o nível do debate para profundas reflexões sobre o processo de exclusão, reclusão e rotulação, na qual ele e os outros passam e devem combater.

*história de quem morreu. Pra eles todo mundo é bandido. E se qualquer pessoa da favela reclamar da operação ou protestar pelas pessoas que morreram, são bandidos também e não devem ser ouvidos ou tem que ser exterminados. Quantas vezes as mães dão entrevistas que perderam os filhos e a gente ouve as pessoas falando: agora ela tá preocupada. Na hora que virou bandido, cadê essa mãe? Nem tem a humanidade de imaginar a dor da mãe que perdeu o filho, gente. Se a gente entrar nessa, vamos ficar também culpando as pessoas que moram nas favelas por tudo que acontece, que nem todo mundo faz. Ninguém sabe o dia a dia do morador daqui da Brasília. Julgar depois é fácil demais. Não tem educação boa nas favelas, não tem apoio à família que trabalha, e não tem nem trabalho. Uma crise danada e um desemprego recorde. Quem sofre primeiro é o morador da favela que não tem nem estudo e fica logo desempregado. E não é porque não quis estudar, igual a eles falam e vocês estão falado. A gente não pode falar assim [que o morador da favela é culpado por tudo que acontece na sua vida]. Eu sei que tem gente que não quer nada com nada também, mas tem gente que não consegue mesmo. Somos baratos e descartáveis na visão de muita gente. Não temos qualquer valor.” JOSÉ*

Houve um relativo desconforto no grupo, com apoios e críticas. E ele completou:

*“A gente tem que olhar de forma da caixa, se não a gente segue o mesmo discurso das pessoas que nos odeiam. Fico indignado quando vejo gente da própria favela falando os mesmos preconceitos de pessoas que estão fora. Pelo amor de Deus, nós sabemos como ninguém as provações que todo dia o morador de favela passa. Ninguém sabe”. JOSÉ*

Classifico esse dia de debate em agosto como o divisor de águas da construção deste trabalho. A partir dele, muitas vezes as falas dos participantes em outros assuntos ainda reverberavam o efeito desta nova relação que JOSÉ apresentou. Os jovens que, no início, estavam seguindo o senso comum e midiático na reprodução dos espaços da favela, partiram para uma outra forma de perceber o lugar. O caso mais emblemático foi o do JOÃO, que no início das conversas apresentou uma visão altamente conservadora sobre a questão das favelas e dos favelados:

*“É isso, então. Até os nossos maiores sonhos aqui dentro (da favela) fazem parte de um plano. E a televisão que é a maior culpada disso. Se não houvesse esse controle das pessoas pelo que passa na tv, a gente poderia ver o mundo de outras formas. A gente fica como dentro de uma caixa que não consegue ver o que é maior que isso”. JOÃO.*

A fala de JOÃO fez com que JOSÉ relembresse o ‘Mito da Caverna<sup>32</sup>’ de Platão. Essa história foi lembrada em todos os encontros até o último, se tornando um “mantra”, repetido por vários participantes em diversos momentos. No encontro, JOSÉ explicou para os outros no que se baseava essa história:

---

<sup>32</sup> Por nunca terem visto outra coisa, os habitantes da caverna acreditavam que as sombras projetadas eram a única verdade, a própria realidade. E quando um dos habitantes consegue soltar as correntes, se volta para a luz e sobre em direção a entrada da caverna, se depara com uma outra realidade e assim pode perceber o quanto tudo que viu nas sombras parecia irreal.

*“Tem que fazer um esforço muito grande para ver de fora da caverna. Tem muita gente aqui na Brasília que vai ficar a vida toda dentro dela”*. JOÃO

*“Vale também para a construção de gênero e o papel das mulheres. Até mesmo a questão de casar, ter filhos, tudo é imposto. Difícil olhar de fora da caverna”*, completou JOSÉ.

A presença de JOSÉ nos encontros foi bastante enriquecedora. Por muitas vezes ele conduziu as temáticas de forma bastante politizada e consciente. Durante os debates sobre a produção da dicotomia ‘cidade x favela’ e as percepções da sociedade no modelo neoliberal, sua participação foi essencial (não apenas na minha visão como mediador, mas também na visão de todo o grupo) para o reconhecimento da construção de suas trajetórias.

Ainda foi possível observar nas conversas a reprodução dos jovens dentro desta sociedade de consumo. Também nos encontros de agosto com o grupo focal, nas conversas sobre os estereótipos do morador de favela, a grande maioria dos membros se sentia inferiorizada por não possuir um iphone. Os que possuíam, claramente se destacavam dos demais. Isso ficou muito presente na observação do Daniel:

*“Mentira que ele (em referência ao JOÃO) tem iphone? Menino rico da favela!”* MATHEUS.

Em vários momentos dos encontros, observou-se também a priorização do “ter” pelo “ser”, em que muitos deles se endividam na intenção de consumir. Desta forma, na visão deles, estariam se aproximando das pessoas de classes sociais mais elevadas. O mesmo também ocorre no fetichismo de roupas e tênis, o que me permite concluir sobre a dificuldade de ser um pensador crítico neste processo, o que não seria uma tarefa fácil, já que do mesmo lado dos interesses do capital também estão os veículos de disseminação midiáticas. Penso que o estímulo ao pensamento crítico é o maior desafio para os jovens do grupo, no qual o neoliberalismo urbano constitui-se de um mecanismo reprodutor de condições que diminuem o potencial desta manifestação.

Sob o neoliberalismo, o cidadão se torna o indivíduo maximizador de satisfações pessoais, sujeito a restrições orçamentárias e que faz cálculos de risco e retorno de acordo com cada situação específica, tornando-se um empreendedor de si mesmo e incorporando a empresa como um modo de condução (moral, inclusive) do pensamento e da ação, sem que exista espaço para uma ação coletiva que não seja ligada a estruturas de escolha racional com retornos em potencial envolvidos. O Estado e o mercado enviam sinais capazes de alterar estruturas de incentivo e desincentivo a determinadas ações e comportamentos; tal sujeito os interpreta e aprende a se adaptar às condições, criando a habilidade de enxergar oportunidades e posicionar-se de modo a aproveitá-las. O neoliberalismo envolve também uma alteração importante na relação Estado-sociedade, na natureza do contrato social e no formato de cidadania, com mudanças nos direitos de acordo com uma lógica de mercado. (MAGALHÃES, 2015)

Não se trata simplesmente de uma ideologia como o simbólico instrumentalizado, por mais que essa ideologia tenha sido dominante na estratégia de desmonte do aparato de bem-estar social, onde não há proteção, ou seja, não há proteção individual, não há serviços públicos ou estruturas previamente confiáveis. O neoliberalismo canaliza as potências do urbano para o mercado através do Estado e, neste processo ocorrem dois efeitos: uma exploração aumentada, em que, em função da precarização dos meios de consumo coletivo públicos, ocorre a necessidade inevitável do consumo e do endividamento; e uma valorização das potencialidades para o mercado: aquilo que não entra no mercado deixa de ser priorizado, ou seja, deixa de ser importante.

Importante ressaltar que a direção assumida nesta etapa da pesquisa, é inspirada na contribuição de Luciano Ximenes Aragão<sup>33</sup>, em sua pesquisa sobre a produção do espaço na favela da Rocinha em 2011.

Os moradores das favelas mantêm seu cotidiano sempre ameaçado desde sua origem. Nelas existem alguns elementos, cujos reflexos demonstram que, além da alienação em relação ao produto do trabalho, as duras condições da habitação reduzem o homem de sua *hominidade* e de seu *ser genérico* (MARX, 2004; MÉSZÁROS, 2006 apud ARAGÃO p 49)

A violência do dia a dia e a militarização também colaboram para esse estágio de alienação, conforme Aragão (2011) explicita sobre a favela da Rocinha, no Rio de Janeiro:

Assim, a militarização da questão urbana, embora não assumida, mas pressuposta acarreta esses terríveis acontecimentos, apontando para a radicalização do conceito de *alienação*: a ameaça sobre um dos *bens* mais preciosos, a vida. Esses momentos de tensão mudam o “clima” do lugar, pois diante da ameaça de “invasão” (conforme os moradores denominam as incursões policiais) da polícia militar, os passos dos moradores para o trabalho, para o lazer, para a escola e para as compras são mais apressados; os sons das ruas se modificam, um ritmo diferente dá o tom ao cotidiano ameaçado. Diante das ameaças de invasão, recomenda-se que os habitantes que trabalham à noite retornem para casa apenas quando o dia amanhecer; recomenda-se que as pessoas não permaneçam nos bares, nas ruas, não visitem seus parentes, enfim, evitem transitar no interior da Rocinha. (ARAGÃO, 2011, p 49)

Ao comparar com o CPX do Alemão, lembro bem do dia de uma incursão policial na favela da Nova Brasília em 2018: estávamos saindo da escola e tivemos que nos esconder entre as barracas de frutas. Neste dia, uma mãe perdeu seu filho no carrinho de bebê, atingido na cabeça por uma bala perdida. No dia seguinte tudo seguia normal. Lava-se o sangue e volta-se à vida.

As afinidades eletivas entre o narcotráfico e a favela estão, em primeiro lugar, no fato de que as favelas são o núcleo da ilegalidade do trabalho, do trabalho sem-formas e sem direitos. O narcotráfico busca localizar-se nas favelas, lugares da ilegalidade social e política

---

<sup>33</sup> ARAGÃO, Luciano Ximenes. Um prato bonito com beiradas quebradas – a produção do espaço na Rocinha (RJ). Tese de Doutorado – USP. 2011.

brasileira, ao invés da abordagem tradicional da imprensa de que o narcotráfico cria a ilegalidade para sobreviver.

Em sintonia com JOSÉ, que repudiou o grupo de debate sobre ações policiais, Aragão (2011) também ressaltou que se declarar abertamente a favor destes enfrentamentos, entra no campo da moralidade. Resta-lhes um lugar social de uma maioria permanentemente silenciada, porque se torna alvo constante da violência, prevalecendo certos códigos atravessados pelas contradições que lhes são estranhas, vivendo uma temporalidade e um lugar social que lhes são impostos cotidianamente. Estão, enfim, vivendo dentro de certa história que foge seu controle.

Vale lembrar que a fala esclarecida de JOSÉ abordada anteriormente, sucedeu o momento que o debate estava avaliando a importância ou inconsequência das incursões policiais na favela. Em resposta a MATHEUS, que afirmou:

*“É o trabalho deles entrar sim. Tem que enfrentar.”* MATHEUS

O pior é que incursões com muitas mortes estão banalizadas. Ainda assim a vida deve continuar. Ao que parece, a maioria dos moradores das favelas, jovens ou não, inclusive da favela Nova Brasília, já normalizaram todo esse processo. Essa afirmação não está apenas baseada nas minhas percepções, mas também nas percepções do grupo nos encontros. Talvez, as reuniões podem ter feito a diferença na forma de enxergar a favela dos 13 participantes do grupo, mas é pouco. Segundo Aragão (2011 p. 50), os moradores estão inseridos em uma lógica de mercado e retomam ao seu ritmo de consumo. Moradores de favelas também apresentam funcionalidade para o capital e, exatamente por isso, o processo de alienação retorna ao seu curso até que outra ameaça tome forma.

Percebe-se que a lógica da produção do espaço das favelas dentro do modelo neoliberal, esbarrando ainda nas crises do sistema capitalista, deixam profundas marcas nas vidas dos jovens moradores, quando se fala na alienação do consumo, da justificção de uma segregação imposta, da exclusão, do desrespeito, do preconceito, da manutenção das dificuldades, do abandono estatal e da perpetuação do abismo econômico que os cercam.

#### **2.4 O PAC<sup>34</sup> No Cpx Do Alemão, Seus Efeitos Na Favela Nova Brasília No Debate Dos Jovens Moradores**

Assim como outras comunidades do Rio de Janeiro e do Brasil, o Complexo do Alemão e suas favelas ocupam uma área que não foi planejada<sup>35</sup> e alcançou altos níveis de

---

<sup>34</sup> Como já informado, o PAC é um programa proposto pelo governo Federal em parceria com os governos do Estado e Município do Rio de Janeiro. O PAC/Social e Urbano, que ficou conhecido como PAC/Favelas, compõe uma pequena parte de um programa muito mais amplo, lançado em 22 de janeiro de 2007 pelo Governo Federal, programa este que engloba um conjunto de políticas econômicas, elaboradas para serem aplicadas em quatro anos, 2007 a 2010, nas mais variadas áreas.

<sup>35</sup> Vale ressaltar que esse “não planejamento” está relacionado ao seu crescimento desordenado fora dos padrões urbanísticos da cidade do Rio de Janeiro, visto que a ocupação inicial do Complexo do Alemão ocorre de forma consentida, inclusive com a participação de um braço do Estado como o IAPC, promotor de habitação social. A impiedosa especulação imobiliária é um dos fatores responsáveis pela expulsão de milhões de moradores pobres das cidades para as periferias e para as favelas, sujeitando-os a inundações, deslizamentos e a todo tipo de risco que acabam sujeitos, levando a graves doenças, inclusive ligadas a falta de saneamento básico. Além disso, doenças praticamente banidas dos países centrais crescem vertiginosamente nessas áreas.

violência. A ideia de retirar o Complexo do Alemão da página policial e incluir no exemplo de prática de intervenção sócio urbana em assentamentos instáveis é um desejo antigo dos moradores, governantes e lideranças comunitárias. Para aproximar o morro do “asfalto” e trazer infraestrutura urbana, como possibilidade para criar oportunidades para os moradores locais e uma melhor qualidade de vida, é necessário não só realizar trabalhos de intervenção urbana na favela, mas também avaliar, com precisão, o seu impacto na comunidade, para que este tipo de intervenção possa ser bem avaliado.

Várias ações de políticas públicas foram feitas no Complexo do Alemão nos últimos 40 anos. Até a década de 1970, os planos eram apenas de remoção<sup>36</sup>. A partir da década de 1980, o objetivo seria não remover e sim urbanizar, dar condições de vida para as pessoas locais. (RODRIGUES, 2014).

Segundo Oliveira (2011)<sup>37</sup>, na década de 1980, o conjunto de favelas do morro do Alemão foi contemplado com algumas intervenções e políticas públicas, inclusive com a participação de financiamento de organismos internacionais, como o Projeto de desenvolvimento social de favelas, financiamentos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Projeto Rio Banco Mundial, Projeto Mutirão da Unesco.

A partir da década de 1990, o PAC traz a presença de grandes projetos de desenvolvimentos urbanísticos como objetivo de ressignificação da cidade, transformação da vida das pessoas e reintegração/integração ao sistema neoliberal. Foi uma união inédita entre as três esferas<sup>38</sup>, que ainda contou, no início, com o aprofundamento no processo de participação popular para que as demandas fossem atendidas.

---

No Rio de Janeiro, a realidade não é diferente. Há um grande crescimento de favelas na cidade e dados oficiais (Instituto Pereira Passos – IPP) trazem a informação de que cerca de 20 por cento dos habitantes da cidade moram em favelas. Esse crescimento mais vertiginoso faz-se ainda mais visível a partir da década de 1980 – conhecida no Brasil como a década perdida, já que o crescimento foi irrisório frente aos anteriores – e está associado a todos os fatores enunciados anteriormente. Alto índice de desemprego, crescimento da informalidade, especulação imobiliária, falta de política habitacional para população de baixa renda e sistema de transportes coletivos precário são apenas alguns exemplos dos motivos para o crescimento das favelas no Brasil e especificamente no município do Rio de Janeiro. E, claro, não seria um “planejamento” em si que resolveria os problemas da urbanização do Rio de Janeiro. Lembremos que Brasília, Belo Horizonte, Goiânia, Teresina e outras capitais e demais cidades brasileiras foram planejadas desde sua fundação. Além disso, o planejamento urbano de Curitiba é um “modelo” bastante exportado Brasil e mundo afora e nenhuma delas se tornou justa e democrática com esse planejamento.

<sup>36</sup> De acordo com Bueno (2000), três tipos principais de políticas de intervenção têm sido adotados ao longo dos anos, desde que, entre os anos 1930 e 1940, a favela se tornou um assunto de política pública. Apesar de existirem anteriormente, nesse período elas começam a impor seu peso na política social e urbana: [1] Desfavelamento, remoção ou erradicação de favelas. Essa proposta já vem sendo cogitada desde os anos 1940, em diferentes cidades brasileiras, com sucesso nas áreas centrais e ainda é implementada em situações específicas relacionadas a grandes interesses imobiliários; [2] Aceitação da Favela enquanto fenômeno urbano, mas não aceitação da forma e da tipologia urbanística e habitacional que ela revelava, levando à demolição da favela e reconstituição de tudo no mesmo lugar, com um padrão urbanístico e arquitetônico semelhante à linguagem dominante. Esse tipo de intervenção, a que denominaremos reurbanização, também tem sido aplicado em favelas suscetíveis a marés e com problemas de inundação; e [3] Urbanização, ou seja, dotação de infraestrutura, serviços e equipamentos urbanos nas favelas, mantendo-se as características do parcelamento do solo e as unidades habitacionais, postura que tem sido adotada, mais amplamente a partir do começo dos anos 80. (BUENO, 2000, p. 162)

<sup>37</sup> OLIVEIRA, Bruno Coutinho S. Políticas públicas e participação popular na implementação do PAC Social no Complexo do Alemão, RJ. 2011. 114f. Dissertação (Mestrado em política social) – Departamento de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

<sup>38</sup> De acordo com Cardoso e Denaldi (2018), o Programa contou com duas fases: PAC1 (2007-2010) e PAC2 (2011-2014) e foi organizado em eixos de investimento, que continham modalidades específicas, que, por sua vez, eram compostas por Programas e Ações. O desenho programático adotado pelo PAC pressupunha o

Não tenho a pretensão de falar do PAC e de outros projetos de remodelação de favelas como a melhor opção, até porque esses projetos enfrentam diversas críticas, desde seu planejamento, implantação, execução e finalização das obras.

Em uma das intervenções do PAC, ocorre a reconstrução da Praça do Conhecimento, na Nova Brasília, com a implementação de um cinema e de uma biblioteca e com a restauração do seu entorno. A transformação da antiga praça muda a atmosfera da favela. Durante décadas, a Praça do Terço foi palco de grandes problemáticas envolvendo a lei do tráfico. Sua resignificação, após as obras, a transformou no local de encontros, como citado no início deste capítulo.

A escolha do Complexo do Alemão para receber o PAC estava relacionada às dimensões demográficas e físicas do Complexo, com aproximadamente 80 mil habitantes. Foi iniciado em abril de 2008, a partir de um convênio que envolvia os governos (federal, estadual e municipal) com investimentos previstos de R\$ 495 milhões. (SILVA, 2015)

Na sua tese “Política e estruturação do território: PAC e UPPs no Complexo do Alemão”, SILVA (2015)<sup>39</sup> apresenta as transformações do Complexo do Alemão entre 2008 e 2014. Ele avaliou os efeitos da política pública no tecido social, em particular no cotidiano dos moradores do Complexo do Alemão. As intervenções analisadas são as obras do PAC e das UPPs; e para alcançar o seu impacto no cotidiano, observamos a participação da população.

O autor avaliou os efeitos da política pública no tecido social, em particular no cotidiano dos moradores do Complexo do Alemão. As transformações são fruto do impacto conjunto das obras do PAC, das UPPs e da participação da população. As duas intervenções mais a ação dos moradores se propunham a solucionar ou minimizar vários problemas. O PAC foi direcionado para acessibilidade, habitação, saneamento, educação, cultura, esporte, lazer, geração de empregos e meio ambiente. As UPPs foram dirigidas para segurança e cidadania. A ação dos moradores se dirigiu à garantia da adequação e qualidade das obras, no caso do PAC; a garantia de qualidade na segurança pública local e o respeito aos direitos humanos, na atuação das UPPs.

A justificativa para ver o PAC e as UPPs no Complexo do Alemão como uma totalidade advém do fato de serem partes de um projeto de reestruturação urbana em curso na cidade do Rio de Janeiro, no qual as áreas de favelas são atingidas por dois componentes: por um lado, obras destinadas a requalificar as favelas; no outro polo, a percepção por parte do governo do estado de que os índices de criminalidade desta cidade estavam diretamente

---

protagonismo dos Governos Municipais e Estaduais, responsáveis pela definição dos projetos de intervenção e pela gestão das obras, de acordo com a normativa dos programas, e contando com acompanhamento e fiscalização sob a responsabilidade da Caixa Econômica Federal (CAIXA). Os recursos investidos pelo PAC em urbanização de favelas compuseram-se a partir de diversas fontes, onerosas - Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) – e não onerosas, como o Orçamento Geral da União (OGU) e o FNHIS, com larga predominância dos recursos não onerosos, o que viabilizava de forma bastante importante a atuação dos entes subnacionais. (CARDOSO e DENALDI, 2018)

<sup>39</sup> Heitor Ney Mathias da Silva é Doutor em Planejamento Urbano e Regional, pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua tese foi apresentada em 2015.

relacionados ao comércio de drogas ilícitas e que o mesmo está, na sua parte mais violenta, baseado nas favelas. (SILVA, 2015).

O PAC foi iniciado em 28 de janeiro de 2007, porém o PAC do Alemão começou em abril de 2008; e as UPPs foram iniciadas em 19 de dezembro de 2008, no morro Santa Marta, sendo que as primeiras inauguradas no Complexo do Alemão foram as da Nova Brasília e da Fazendinha, inauguradas no dia 18 de abril de 2012. (SILVA, 2015)

No debate em torno do PAC, os defensores, de acordo com Silva (2015), destacaram aspectos da melhoria da qualidade de vida nas comunidades atingidas e destacaram um aspecto relacionado à UPP, pois as obras de acessibilidade têm sido descritas como facilitadoras da penetração policial nesses locais. No caso específico do Alemão, proponentes do projeto elevam uma obra como símbolo da grande conquista das favelas - o teleférico - por vários motivos: primeiro, os habitantes das áreas mais altas eram inacessíveis; segundo, a visibilidade dessas estruturas remete à composição simbólica dos marcos.

Quanto ao discurso crítico, ele é centrado na qualidade de vida, que por ser um conceito que envolve várias áreas o torna multifacetado. Uma das facetas abordada por Silva (2015) é a denúncia da insuficiência de obras e políticas públicas nas favelas. Localmente o discurso se materializa na queixa de que o número de obras do PAC seria insuficiente para reverter o histórico abandono do local. O campo de disputa estabelecido pelo discurso crítico tem dois eixos: no primeiro, a forma como o projeto foi elaborado e implantado; e, no segundo, os resultados obtidos. No caso da forma como o projeto foi concebido e executado, a crítica aponta a escolha das intervenções sem consulta aos futuros usuários. Quanto aos resultados, a crítica se ampara nas inúmeras falhas e na falta de abrangência e, aliás, este é o quadro geral das críticas referentes a todos os PACs da cidade. (SILVA, 2015).

Antes do PAC e UPPs, outro discurso crítico já acusava o Estado de acessar as favelas apenas em ações policiais. Também afirmava que a atividade policial era incidental, ocorria apenas em operações policiais e não constituía policiamento contínuo. O outro lado do discurso crítico centra-se no respeito aos direitos humanos, que são continuamente violados em termos dos direitos à vida, ao acesso e à inviolabilidade da família nessas favelas. Neste ponto, o discurso da entrada das UPPs se fazia positivo.

No propósito da intervenção cultural do PAC na Nova Brasília, foram incluídos dois equipamentos: a Praça do Conhecimento e o Cinema Carioca, situados em uma parte mais larga da rua onde antes era a Praça do Terço. A localização desses equipamentos na praça e no entorno, nitidamente tem dois motivos: o primeiro é puramente técnico – a visível falta de espaço na comunidade levaria à necessidade de desapropriações de monta para estabelecer os equipamentos, logo utilizar um espaço público era uma opção natural; e o segundo é que essa praça era onde se estabelecia o comércio ilegal de drogas e a quadra de esportes adjacente era onde eles promoviam os “bailes” (SILVA, 2015).

A Praça do Conhecimento, a qual relato no início deste capítulo, está localizada na parte baixa da Nova Brasília, a cerca de 500m da entrada da Avenida Itaóca, na antiga Praça do Terço no Complexo do Alemão, próxima à quadra de esporte e ao Cine Carioca da Nova Brasília. Seu acesso é pela Rua Nova Brasília, Avenida Itaóca 1919, Inhaúma. Foi inaugurada em 23 de dezembro de 2011. O equipamento foi um projeto da Secretaria de Habitação.

Quanto ao sucesso podemos medir o poder simbólico da Praça do Conhecimento através da aplicação de questionário em 60 moradores: na pergunta nº 9, item 19, a soma de “ótimo” (30) e “bom” (24) foi de 90%. A justificativa está tanto na beleza arquitetônica das instalações como também pelo fato de um espaço antes segregado ter se tornado dos moradores, como podemos constatar na fala de uma entrevistada: “Isso daqui era horrível, eu voltava da faculdade às 10 horas da noite e era fuzil e gente gritando pó de cinco, pó de dez”. Quanto aos problemas nas entrevistas com os funcionários, nos foi dito que o espaço é subutilizado, e há pessoas que não entram, pois acham que o espaço é pago; também há horários em que o espaço fica ocioso. Segundo uma funcionária “quem não é da Nova Brasília não frequenta”. Uma explicação para isso é que os moradores preferem transitar nos trechos em que moram, muitas vezes até evitam outras partes da favela. (SILVA, 2015)

O Cine Carioca Nova Brasília fica ao lado da Praça do Conhecimento. Foi inaugurado em dezembro de 2011 e é a primeira sala de cinema construída em uma favela.

Nas quatro entrevistas feitas na fila do cinema, este ponto foi visto como positivo, e a fala de um dos entrevistados é bem emblemática de como muitos moradores veem a programação: “(...) é na favela, mas passa os mesmos filmes que no shopping”. Pareceu-nos que uma parte dos moradores enxerga essa programação como uma conquista e se fosse outra programação talvez a autoestima que funciona como antiestigma não seria tão eficaz. (SILVA, 2015)

Nos dias de hoje, a Praça do Conhecimento e o Cine Carioca são pontos de encontro de gerações, tanto dos moradores da própria favela da Nova Brasília, quanto para os moradores de outras favelas e até mesmo de locais de fora do Complexo do Alemão. O local é conhecido por seus bares e festas, movimentado as noites na região. Hoje também é reconhecido pela presença constante do tráfego.

Não romantizar a favela foi o meu maior desafio desta etapa da pesquisa. Digo isso por estar envolvido com muitos pontos positivos nos encontros, desencontros e inspirações da favela Nova Brasília que, possivelmente, não estabeleça as avarias do morar na favela. Sabe-se de todas as dificuldades do viver a/na favela em qualquer lugar do mundo. Na favela Nova Brasília não é diferente. O espaço de ausência, além de estar presente na paisagem, se torna ainda mais grave na análise dos indicadores sociais.

Para apresentar os dados sociais da Nova Brasília, levarei em consideração a pesquisa da dimensão de Cidadania Percebida do Sistema de Indicadores – Incid, aplicado ao Complexo do Alemão, que foi realizada nos meses de março e abril de 2019 nas favelas do território, no projeto Juventudes em Movimento realizado pelo Ibase<sup>40</sup>, em parceria com o Instituto Raízes em Movimento e com o apoio do IDRC (International Development Research Centre). A favela Nova Brasília contava, em 2019, com cerca de 15.000 moradores acima de 15 anos. A pesquisa revelou que 74% dos moradores acima de 15 anos de todo o

---

<sup>40</sup> O Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) é uma organização de cidadania ativa, sem fins lucrativos. Efetiva a partir de 1981, foi fundada após anistia política por Herbert de Souza, o Betinho, e os companheiros de exílio Carlos Afonso e Marcos Arruda.

complexo de favelas se consideram pretos ou pardos - um número 27% maior que o da cidade do Rio de Janeiro.

Sobre os dados educacionais, 36% dos moradores não possuem o Ensino Fundamental completo. Apenas 2% deles possuem graduação completa. Um número expressivo, 4% da população maior que 15 anos, nunca estudou. Especificamente sobre educação, o estudo do Ibase aponta que 71% dos jovens entre 15 e 29 anos da região acreditam que a oferta de ensino na comunidade não atende às necessidades. Dados do Censo Demográfico de 2010 revelam que 27% dos jovens entre 15 e 17 anos que moram no Alemão estão fora das escolas. Observe a tabela comparativa com referência nos dados do município do Rio de Janeiro:

**Tabela 4:**  
**Comparativo de dados educacionais do Complexo do Alemão e do município do Rio de Janeiro**

	Complexo do Alemão (2019)	Município do Rio de Janeiro (2019)
Porcentagem de moradores sem Ensino Fundamental Completo	36%	25%
Porcentagem de moradores com Ensino Superior (graduação) completo	2%	10,91%
Jovens com mais de 15 aos que nunca estudaram	4%	2,7%
Jovens fora da escola	27%	11%

Fonte: Anuário da Educação Básica do Rio de Janeiro (2019), Censo da Educação Superior (2019) e Secretaria Estadual de Educação (2019) e Cidadania Percebida do Sistema de Indicadores – Incid (2019).

Também de acordo com a pesquisa, 69% dos jovens do CPX do Alemão já sofreram ou conhecem quem sofreu violência de agentes do estado, e 60% dos moradores entre 15 e 29 anos afirmaram que já sofreram ou conhecem quem tenha sofrido discriminação em virtude de sua raça/cor, condição financeira, religião ou por questões de gênero (pelo fato de ser mulher ou trans). Do nosso grupo de debate, todos os que se declaravam pretos e pardos afirmaram que já haviam sofrido algum tipo de discriminação por sua cor da pele.

Os dados também mostram que 21% da população de 15 a 17 anos já trabalham e, do total dos trabalhadores, 45% são autônomos (trabalham por conta-própria, têm negócio próprio e/ou são empreendedores). Vale ressaltar que 44% das pessoas trabalham no próprio Complexo do Alemão e no seu entorno. Sobre a renda mensal dos moradores, 24% não possuem qualquer renda e 39% vivem com até 1 salário mínimo mensal. Outro dado apresentado na pesquisa se refere às religiões: 35% se afirmam evangélicos e 34%, católicos. As outras religiões, ateus e agnósticos, que representam 31% dos entrevistados, não foram desmembradas nesta pesquisa. Do nosso grupo, todos trabalham ou já trabalharam alguma vez na vida.

Local onde foi realizada a maior operação contra o narcotráfico da história do Rio de Janeiro em 2010 o bairro do Complexo do Alemão também apresenta uma das piores médias do Índice de Desenvolvimento Social (IDS) da cidade. O índice, calculado pelo Instituto Pereira Passos (IPP), da prefeitura, mede o acesso a saneamento básico, a qualidade habitacional, o grau de escolaridade e a renda da população carioca. (RODRIGUES; COUTO, 2016)

Após a invasão (agora sim o termo invasão está melhor inserido no contexto) dos policiais e das forças armadas em 2010, episódio marcante na história do Complexo do Alemão, a participação popular perde relevância e mudam-se os atores na implementação das obras do PAC. Há uma consolidação das máquinas públicas governamentais, interferência política e não reconhecimento da participação popular. Os diálogos se tornaram monólogos e o governo fazia o que queria, sem a participação popular nas políticas públicas propostas pelo PAC e antes implementadas em consenso com as associações de moradores. (OLIVEIRA, 2011).



**Figura 9:**  
**Fuga do Complexo da Penha para o Complexo do Alemão**  
**quando da ocupação policial em 25 de novembro de 2010**

Fonte: site G1. Disponível em: < <http://www.forte.jor.br/2010/11/25/tv-globo-mostra-fugame-massa-detrificantes-armados/> > Acesso em: julho de 2014.

Segundo Oliveira (2011), a gestão participativa proposta pelos ideais iniciais do PAC no Complexo do Alemão não se concretiza a partir de um determinado momento. Muitas lideranças comunitárias da região percebem uma gestão de imposição de políticas urbanísticas, principalmente a partir de 2010. Um exemplo clássico foi a construção do teleférico no conjunto de favela. Qualquer pesquisa popular saberia que o transporte mais utilizado em todo Complexo são os pontos de mototáxi. Neste momento o planejamento e a gestão pública se afastam das lideranças comunitárias e dos interesses da comunidade local. Esse também foi um questionamento debatido entre os integrantes do grupo focal. Alguns integrantes valorizaram a ideia do teleférico, principalmente por apresentar uma opção de lazer que as estações proporcionavam. Aos que foram críticos, vou destacar o relato do LUCAS.

*“Todo mundo sabe que o transporte mais usado no Complexo é a moto ou a kombi<sup>41</sup>. O morador não usa teleférico no dia a dia”.* LUCAS

---

<sup>41</sup> Os serviços de motos-táxi e kombis são muito comuns dentro das favelas do Rio de Janeiro.

Nos encontros de setembro, os temas por mim propostos como mediador se estabeleceram em dois caminhos: a presença do Estado e a influência do tráfico na favela Nova Brasília e em outras áreas do Complexo do Alemão. Temas esses que estarei abordando no tópico a seguir.

## **2.5 O Controle Social E A Metáfora De Guerra Enquanto Política De Segurança Pública Nas Favelas Do Rio De Janeiro E, Em Especial, No Complexo Do Alemão**

Muito além de como o Estado, durante todo o histórico da Nova Brasília, conduziu as intervenções na favela, na visão dos jovens, os agentes de segurança pública – na presença da polícia militar, civil, federal e das forças armadas – promoveram muito mais repulsa do que segurança. Ao questionar se essas intervenções de segurança ou as incursões da polícia na favela levavam medo ou insegurança, o grupo foi unânime: medo.

*“Nem volto pra casa se tiver operação quando estou fora”.* LUCAS

*“Não dá pra ir trabalhar, pra escola, nada. Rezar para não ser atingido, como no caso da Solange<sup>42</sup>, lembra?”* BRUNA

Fazendo um levantamento histórico sobre o estabelecimento das chamadas “classes perigosas”, como são muitas vezes vistos os moradores de favela, segundo Nesimi e Botelho (2020), essa ideia se formou no século XIX, na Europa, e associa a pobreza crescente ao risco das sublevações em ambientes urbanos insalubres. No Brasil, eles destacam:

No Brasil, expressões correlatas, como os “pobres perigosos” e a “maldade dos pobres”, já davam conta no século XIX de uma presumida violência atávica às camadas populares (Coimbra, 2001: 82-94). No século XX, ela seria de uso corrente para a criminalização da pobreza. Além de seu conteúdo, a expressão é formalmente imprecisa, pois entre os pobres que suscitavam temor nas elites havia uma infinidade de grupos sociais distintos, trabalhadores ou desempregados, sem-tetos, moradores da cidade formal ou favelados, portanto, não configuravam de modo algum uma “classe social”, abarcando posições sociais heterogêneas e principalmente indivíduos socialmente desclassificados. (NESIMI; BOTELHO, 2020)

Uma outra forma de alienação aparece pela função do Estado, o que se observa em torno da polícia que protege a propriedade em detrimento da proteção as pessoas. Sobre isso, Aragão (2011) afirma:

O Estado deixa de ser abstração (real) para se tornar, concretamente, o elo que

---

<sup>42</sup> A moradora Solange Mendes, de 49 anos, foi baleada e morta na incursão policial dos dias 21 e 22 de julho de 2022, onde as forças de segurança pública mobilizaram cerca de 400 homens, resultando no extermínio de 17 moradores.

aproxima o cotidiano do terror, Trata-se de outro metamorfismo que não deve ser desprezado, já que a perspectiva que se observa em torno da polícia é a histórica proteção da propriedade e não da cidadania; mais recentemente, é evidenciado o seu caráter de extorsão e, é necessário reforçar, da violência. Talvez aqui possamos sinalizar para a produção da militarização da questão urbana. Manifesta-se, desse modo, um dos metamorfismos a que os moradores da Rocinha *não* são submetidos: o de cidadãos. A cidadania, quando pode ser vislumbrada, parece ser de forma seletiva, através das mencionadas lacunas, porque é apenas residual. Não chega a ser nem mesmo uma cidadania assistida, mas incompleta; faz-se necessário atentar que sua completude será atingida tão somente através da *consciência de si*, a qual será efetivamente capaz de transformar as práticas sociais e estas devem estar mediatizadas no âmbito do espaço vivido. (ARAGAO, 2011, p. 51)

Recentemente, no Rio de Janeiro, oscilam as medidas explicitamente repressivas e projetos que, em tese, buscam integrar as favelas, a depender do contexto político de sua existência. A verdade é que essas mudanças nunca envolveram, de forma significativa, na gestão dos conflitos sociais na cidade, onde a violência urbana aparece de forma desvinculada das suas dinâmicas estruturais.

O que se exprime em todo esse processo de militarização que se aprofunda, a ponto de levar ao confinamento espacial da pobreza e da exclusão, é a mudança no status social dos moradores de favelas, que agora são tomados como elementos descartáveis do ponto de vista econômico. (NESIMI; BOTELHO, 2020)

De acordo com Nesimi e Botelho (2020), a militarização do espaço urbano no Rio de Janeiro, com uso contínuo e sistemático de forças militares, com o domínio direto realizado por forças paramilitares (milícias) e, por fim, a implementação de uma lógica policial de “retomada territorial” dos espaços criminalizados, transformou progressivamente as favelas em espaços de confinamento, para além da mera segregação já realizada através de controle policial regular. Como não se trata mais de controlar populações pobres integradas aos circuitos econômicos do restante da cidade, nos locais onde residem os “descartáveis” de uma sociedade de trabalho cada vez mais restrita impõe-se um confinamento espacial assemelhado ao aprisionamento em espaços abertos, uma espécie de encarceramento urbano, ou seja, o isolamento como grau máximo da segregação. Exatamente como Bauman (1999) afirma a seguir:

O isolamento é a função essencial da separação espacial. O isolamento reduz, diminui e comprime a visão do outro: as qualidades e circunstâncias individuais que tendem a se tornar bem visíveis graças à experiência acumulada no relacionamento diária raramente são vistas quando o intercâmbio define ou é proibido. (BAUMAN, 1999, p. 114).

A violência urbana é tida como um conceito previamente dado, dentro da noção quase que exclusiva de condutas incriminadas contra valores que foram universalizados pela modernidade ocidental, como a vida e a propriedade. (SILVA, 2010 p. 286). Essa percepção faz parte do ideal maior da preservação da ordem no sistema capitalista global, que depende da disciplina e do controle dos excluídos dos processos de acumulação.

Buscarei apresentar a partir de agora, a construção das ações estatais recentes no estado do Rio de Janeiro a partir de 1964, e como elas se fazem importante para entender a construção do território das favelas na cidade e o imaginário de seus moradores e a construção de suas histórias. Essa análise é capaz de esclarecer o que também aconteceu no Complexo do Alemão e na Nova Brasília.

Uma das interpretações possíveis ao Golpe Civil-Militar de 1964<sup>43</sup> no Brasil é a de que se tratou de uma reação do imperialismo norte-americano à ameaça de reforma social. A promoção de reintegração ao mercado mundial e (re)concentração de renda e de poder nas mãos dos monopólios transnacionais se deu através do controle social sistemático operado pelos dispositivos de terror, nos quais se insere a militarização do cotidiano. No período, a Polícia Militar passou a ter atribuição exclusiva do policiamento rotineiro, sequestrando as funções da Polícia Civil. Isso permitiu que o combate habitual ao crime comum fosse tratado como questão relativa à segurança do Estado, em uma separação entre cidadania e segurança pública que outorgou mais autonomia aos aparelhos repressivos (SOUZA, 2015).

Durante a redemocratização [pós 1985], o debate político-eleitoral no Rio de Janeiro foi polarizado entre demandas por repressão institucional como resposta à violência urbana e a proposta brizolista de imprimir mais legitimidade à atuação policial mediante o policiamento comunitário, a fim de afastar a imagem de uma polícia arbitrária que tinha a função de reprimir os opositores do governo (RIBEIRO, 2014).

A gestão do Governador Leonel Brizola (1983 e 1986) no Estado do Rio de Janeiro, foi marcada, principalmente, contra a intensificação do controle social das favelas, gerando indignação das classes dominantes da cidade com apoio da mídia, que Brizola beneficiava “marginais” em detrimento aos cidadãos. Notoriamente essa conduta desassocia as causas econômicas e vincula exclusivamente as consequências ao sujeito infrator, sustentando a crença na qual a pobreza ou o fracasso são escolhas e não resultado de uma estrutura social.

O governo de Moreira Franco (1987 e 1991) chega com a promessa de acabar com a violência em seis meses, ainda com a ideia de manter o policiamento comunitário com a intenção declarada de minimizar as torturas e execuções sumárias nas favelas. A nova Constituição em 1988 manteve a contraditória militarização da polícia, não resgatando totalmente as reduzidas atribuições da Polícia Civil. A Polícia Militar passou a figurar como auxiliar e reserva das Forças Armadas, com a função essencial de policiamento ostensivo a fim de garantir a preservação da ordem pública. Essa ausência de mecanismos de transição resultou em uma resistência das polícias contra as medidas de policiamento de proximidade, responsabilizando a defesa dos direitos humanos pelo crescimento nos índices de violência. Por conseguinte, a lógica política de combate aos subversivos concretizou-se em desfavor de novos inimigos internos — os criminosos “favelados”. A disciplina das comunidades naquela época e ainda hoje tem como condição prévia e necessária a invasão violenta para estabelecimento da ordem e do controle (RIBEIRO, 2014).

---

<sup>43</sup> O Golpe de 1964, também conhecido como Golpe Civil-Militar de 1964, foi realizado pelas Forças Armadas do Brasil contra o então presidente João Goulart. Esse golpe contou com o apoio de uma parcela dos quadros civis do país e foi articulado entre 31 de março, quando se iniciou a rebelião militar, e 9 de abril, quando foi publicado o Ato Institucional nº 1 (AI-1).

A demanda por repressão à criminalidade e as propostas de reconquistar os territórios dominados pelo crime dominou os debates políticos, as propostas e as escolhas eleitorais posteriores. No retorno de Brizola e Nilo Batista (1991 e 1994) foi criado o BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais), de caráter oficialmente repressivo. A polícia comunitária ainda era responsável pela estabilização preventiva da ordem.

O uso da metáfora guerra entre criminosos e cidadãos se torna mais comum quando começa a ocorrer uma desarticulação da vida urbana ordenada na cidade. (LEITE, 2012), ainda mais com o aumento dos confrontos entre traficantes de drogas e policiais e a disputa do controle dos territórios da cidade, sobretudo das favelas. A opinião pública passa a sustentar a ideia de uma alternativa militar, também apoiado pela mídia, basicamente a ideia de que o exército poderia suprir a ineficiência da polícia. Têm início então as grandes operações policiais e invasões de favelas, com a declaração de asfixiar as vendas de drogas.

Durante o governo de Marcelo Alencar (1995 e 1999), policiais que demonstrassem “especial bravura” eram premiados. O número de homicídios dolosos aumenta expressivamente já em 1996. Essas mortes passaram a ser encobertas pelos autos de resistência, já que a sensação de segurança estava vinculada ao combate violento contra o “poder marginal” exercido nas favelas (RIBEIRO, 2014, p. 297).

É importante salientar que a década de 1990 foi marcada pela tentativa de promover o Rio de Janeiro como cidade metrópole internacional, com discursos voltados ao marketing urbano e a imposição da ordem para inserção no mercado mundial, sobretudo na expectativa da candidatura para sede das Olimpíadas de 2004. O enfrentamento à criminalidade se insere dentro dos fatores que levaram o projeto neoliberal a sucessivas vitórias político-eleitorais, como a fragilidade do associativismo entre moradores e dos movimentos sindicais (CALDEIRA, 1997).

Também neste mesmo período, o Brasil se inseria em uma experiência de abertura econômica unilateral ao mercado global. Prevaleceram as concepções oriundas da doutrina militar, como cercos, ocupações e tomadas de favelas, para o estabelecimento da soberania. Reafirmando a metáfora de guerra representada na grande mídia pela divulgação sensacionalista de episódios violentos praticados por infratores moradores de periferias e a difusão do discurso de insegurança, a população foi levada a escolher um dos lados da “cidade partida” (LEITE, 2012, p. 380).

Este modelo de estratégia de conter a violência da cidade, em especial nas favelas, passa a ser questionado por sua ineficácia por diferentes atores que se afirmavam na cena política na década de 1990. A exemplo, podemos citar o “Reage Rio”. Observe a reportagem do jornal Folha de São Paulo de 28 de novembro de 1995:

Os cariocas têm hoje a oportunidade de participar de uma manifestação singular: a passeata contra a violência do movimento Reage, Rio. A idéia é bastante simples. Conseguir envolver população e empresas na necessidade de reformar a polícia e de integrar as favelas como a melhor forma de diminuir a violência na cidade. A idéia parece correta. Nem tanto na linha do "bandido se enfrenta é com a polícia", nem do "toda a violência é consequência da miséria", o movimento reconhece o quanto de verdade têm ambas as linhas de pensamento e vai assim procurar desenvolvê-las.

Ninguém tem dúvidas de que uma polícia corrupta e mal preparada é um dos fatores que, hoje, está entre as causas mais imediatas da violência na cidade. Quando não é a própria polícia que está por trás de determinados delitos, ela simplesmente não sabe combatê-los.

É igualmente verdadeira a tese de que miséria causa violência. Ainda assim, constata-se que nem todos os miseráveis estão automaticamente participando de atividades clandestinas, e ainda se encontra felizmente gente digna entre todas as classes sociais do país. O combate à miséria é sem dúvida uma prioridade nacional, mas é sempre bom lembrar que, embora violência e miséria caminhem juntos, eles não são irmãos gêmeos siameses.

Olhar claramente as dificuldades e apontá-las sem preconceitos é um primeiro passo para resgatar a noção de cidadania - essa sim a verdadeira arma contra a barbárie. Apoiar o movimento Reage, Rio e dele participar são sem dúvida um excelente exercício de cidadania. (Jornal Folha de São Paulo – 28/11/95)

De acordo com Oliveira (2006), há um consenso sobre o fracasso da experiência neoliberal no Brasil, conduzida sobretudo pelo Governo FHC nos seus dois mandatos. O período que se chamou neoliberal operou uma mudança extraordinária na dominação burguesa no Brasil. Em primeiro lugar, a financeirização da economia pré-determina a acumulação possível e o lugar do Estado na economia. Em segundo lugar, as intensas privatizações retiraram do Estado a capacidade de fazer política de produção.

Esse desejo de mudança também pode ser observado nas eleições nacionais de 2002 e a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, buscando equacionar as tensões entre proletariados e capitalistas. Mesmo apresentando redução da violência e das desigualdades, no Rio de Janeiro os resultados foram pouco efetivos e dispersos, provavelmente devido à carência de planejamento de capacidade de gestão. (MORELLATO; SANTOS, 2020).

Para Oliveira (2006), as expectativas criadas não foram totalmente cumpridas, mesmo com a vitória de Lula em 2002.

É uma dominação sem política. É impróprio, pois, teórica e praticamente, falar-se em neoliberalismo: este correspondeu à fase de liquidação da política como nacionalidade. O capitalismo globalizado rejeita a submissão à política, que foi uma invenção especificamente ocidental para tratar as fortes assimetrias instauradas pelo poder econômico do capital. Ele a dispensa, pois a construção da política pelas classes dominadas revelou-se, afinal, uma enorme contradição com capacidade de barrar os processos de exploração de classe. No Brasil, o PT renunciou à alternativa para conformar-se ao figurino tradicional da política brasileira. Pior: com a liderança carismática de Lula, o PT facilita a dominação burguesa sem política. (OLIVEIRA, 2006)

No panorama estadual, o governo de Garotinho (1999 e 2002), com a bandeira de “segurança pública cidadã”, com assessoria da ONG Viva Rio e do Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais (GPAE), implantado primeiramente em favelas como o Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, ocorre como uma ruptura do padrão autoritário anterior, com um policiamento de caráter assistencialista e clientelista, gerando críticas pelas classes conservadoras, prevalecendo a noção de que estavam em proteção ao tráfico nas favelas.

Não só as políticas civilizatórias fracassaram pela resistência das polícias, pela herança centralizadora e militarista e pela desconfiança mútua entre esses atores, mas pelo déficit civilizatório no Brasil, onde o Estado é o grande solucionador dos problemas sociais, e a suposta inclusão social se dá pela reprodução dos tratamentos desiguais dispensados aos moradores de favelas em nome da manutenção da estrutura (SILVA, 2006).

A política do policiamento comunitário foi seguida pelas incursões do chamado “caveirão”, veículos blindados, adaptados com uma torre e fileiras laterais de tiros, que ao invadir as favelas, reafirmavam a estratégia militar de intimidação e extermínio do inimigo. Além disso, ocorriam ameaças e insultos direcionados aos moradores pelos alto-falantes. Esses episódios também foram tratados nas entrevistas do grupo focal.

No nosso primeiro encontro, ainda no primeiro semestre de 2022, conversamos sobre qual organização nas favelas, representam maior insegurança. Para todos os jovens que estavam no grupo, o estado (na representação da polícia militar) foi o mais citado.

“Quando imagino o caveirão subindo essas ruas chego a me tremer todo”. Afirma JOSÉ.

“A polícia lá embaixo e os bandidos aqui em cima, nenhum problema. Fica brabo quando há um confronto. Se a polícia sobe o morro, acaba a nossa paz”, completou ANA.

Convém lembrar que, historicamente, as polícias foram instrumento de proteção do Estado e das elites contra o lumpesinato<sup>44</sup> resultante do processo de acumulação. Mesmo no período imperial, a polícia se ocupava de controlar a capoeira, atos subversivos de escravos e infrações como a vadiagem. A criminalização dessas condutas é estratégia destinada a reprimir e subjugar as massas empobrecidas, em uma tentativa de estabelecer um local específico destinado aos negros e pobres, seja pela segregação socioespacial ou pelo encarceramento. Essa função disciplinadora permanece até os dias atuais, localizando territorialmente o inimigo para o empreendimento da guerra contra a juventude negra. No Rio de Janeiro, entre 2010 e 2013, 79% das vítimas de atos de resistência eram negras e 75% tinham entre 15 a 29 anos (PRADAL; RESENDE, 2018).

Em novembro de 2008, o projeto piloto das UPPs foi instalado na favela Santa Marta, em Botafogo, mesmo sob críticas dos moradores que alegavam que a polícia não estava ali para promover a segurança, e sim, controlar a população. Nesta nova política de estado, o Complexo do Alemão e a favela Nova Brasília ganham destaque.

Com a instalação das UPPs e a perda de território, muitos chefes e gerentes do tráfico concentraram-se na Vila Cruzeiro, que ficou então conhecida por estar sob o domínio do Comando Vermelho. Em 25 de novembro de 2010, em uma megaoperação de guerra envolvendo cerca de quinhentos homens integrantes do Bope, da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core) e fuzileiros navais da

---

<sup>44</sup> Segundo a teoria marxista, termo que designa o proletariado, a camada social desprovida de recursos econômicos, sem emprego formal nem consciência de classe; lumpemproletariado. O termo, que pode ser traduzido, ao pé da letra, como "homem trapo", foi introduzido por Karl Marx e Friedrich Engels, em *A Ideologia alemã* (1845). O Lumpenproletariat seria constituído por quem nada contribuía para a produção, dedicados a atividades marginais, como prostitutas, ladrões, etc.

Marinha, o controle foi “retomado”, e os traficantes evadiram para o Complexo do Alemão. No dia 27, a Força de Segurança Nacional invadiu a região, que permaneceu ocupada militarmente pelo Exército até junho de 2012, quando a polícia assumiu suas funções por meio da instalação de uma UPP (LOPES, 2015).

O emprego das UPPs é singular em comparação com as políticas anteriores em alguns aspectos, principalmente em razão do apoio da grande mídia e do empresariado, essencial à sua própria existência. Afinal, o projeto foi concebido em um contexto em que a cidade do Rio de Janeiro se encontrava sob os holofotes mundiais. Além disso, setores ligados à economia do petróleo, ao capital imobiliário, turismo, comunicações e serviços em geral vislumbraram nas UPPs uma oportunidade para aumentar seu controle sobre esses territórios, o que demonstra que a suposta integração da favela à cidade tinha como objetivo último a instalação de serviços básicos pagos e regras de urbanidade para fortalecer a narrativa asséptica da “cidade maravilhosa”. (MORELLATO; SANTOS, 2020)

No Complexo do Alemão, em especial na Favela Nova Brasília, observa-se que os interesses privados passam a gerir esses territórios, justificando que o uso da força é importante para viabilizar a expansão do mercado neste território. Novos arranjos estabelecidos pela centralidade do mercado são estabelecidos através da inclusão produtiva de moradores, o exercício da cidadania através do acesso ao consumo e também ao empreendedorismo individual, uma atuação da precarização do trabalho formal e suas garantias legais.

Reforço que as políticas urbanas orientadas pela consolidação do modelo capitalista ocorrem desde o fim do século XIX, com as desapropriações de áreas estratégicas para criar novos fluxos de acumulação do capital e a busca pela segurança e escamoteio da pobreza, tratadas como se fossem problemas ambientais e paisagísticos, para tornar o ambiente urbano mais atraente para o mercado.

A partir de 2012, vários fatores indicam o colapso das UPPs, como o aumento da letalidade, o reestabelecimento de traficantes e o retorno das operações militares, além da repressão indiscriminada dos moradores das favelas e da quebra de expectativa no que se refere à corrupção e à atuação policial. Importante também lembrar a crise política e financeira vivida pelo Rio de Janeiro no período.

Neste contexto, a UPP da Nova Brasília também foi extinta. Ela se localizava dentro do mesmo terreno da Escola Estadual CAIC Theóphilo de Souza Pinto, a mesma em que fizemos nossos encontros com o grupo focal. Para acessar a escola, os alunos tinham que passar pelos policiais na entrada. Os tiroteios eram frequentes e o número de alunos reduziu drasticamente neste período. Em muitos casos, os alunos e funcionários eram obrigados a se esconder nos corredores. Eventos como formaturas e feiras de ciências foram canceladas devido ao clima de instabilidade gerada pela presença da UPP na favela e o confronto iminente com traficantes locais. Em 2015, a secretaria de segurança transferiu a unidade para outro local.



**Figura 10:**

**Escola CAIC Theóphilo de Souza Pinto, com fachada cravejada de balas.  
Período em que a UPP da Nova Brasília dividia o mesmo espaço com a escola**

Fonte: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/numero-de-alunos-caiu-pela-metade-em-escola-no-mesmo-terreno-de-upp-no-alemao-15739926.html> acesso em 01/11/2022.

Esta temática também foi abordada nos encontros do grupo focal, pois a questão da segurança da favela faz parte da trajetória de vida desses jovens. O assunto surge quando pergunto o pior e o melhor de morar na favela. Neste momento eles entram em discordância quando LAURA relaciona a segurança. MARIA e JOÃO se posicionam contra, informando que se sentem mais seguros dentro da favela, a não ser quando tem confronto. JOÃO, então, se lembra de quando a UPP estava na escola e afirmou que se ainda estivesse ali, ele com certeza procuraria outra escola. Todos concordaram.

Com o fim dos grandes eventos na cidade, em especial as Olimpíadas de 2016, a crise financeira e política do estado se agrava. A queda na arrecadação tributária e no recebimento de royalties de petróleo, juntamente com a necessidade de garantir as obras olímpicas, provocou a realocação de serviços públicos essenciais de áreas periféricas para as regiões centrais (PUFF, 18/06/2016), conduzindo o estado ao déficit orçamentário de 19 bilhões de reais (AGÊNCIA BRASIL, 19/12/2016). Em meio a um cenário de caos nos serviços públicos, atraso no pagamento de mais de 300 mil servidores (EXAME, 14/06/2016), falta de recursos para manutenção das UPPs (FÁBIO, 15/12/2017) e suspensão dos adicionais salariais das polícias (G1 RIO, 25/01/2016), o governador estadual Francisco Dornelles decretou estado de calamidade financeira em 2016, a fim de receber o crédito de 2,9 bilhões de reais da União para “honrar os compromissos com os jogos Olímpicos” (TERRA, 05/07/2016). Os escândalos de corrupção vinculados às gestões fraudulentas, que culminaram na prisão de todos os quatro governadores eleitos desde 1998 (EXAME, 30/11/2018), também contribuíram para o quadro de falência institucional, fragilizando as autoridades locais na tomada de possíveis medidas menos drásticas no campo da segurança pública. (MORELATTO; SANTOS, 2020 pág. 721).

Na esfera Federal, seguia em curso o golpe articulado contra o governo de Dilma Roussef e as diversas reformas visando à redução de direitos fundamentais, como a flexibilização de garantias trabalhistas, o congelamento de gastos públicos, colocando em prática o projeto conservador neoliberal de retração social e criminalização de projetos sociais, pondo fim à conciliação de classes. Nas conversas do grupo, JOSÉ sempre reforçava a perseguição dos movimentos sociais em defesa da população preta, mulheres e LGBTQIA+ na favela, período em que esses movimentos tentaram ser silenciados. Ao mesmo tempo, ele reafirmava a esperança de que haveria a luta.

Neste cenário de instabilidade, como também em outras da história, levam uma parte da população a ver nas Forças Armadas a única maneira de reivindicar a ordem perdida. Em 2018 é decretada outra intervenção federal, desta vez indo de encontro aos interesses do mercado, aliando-se aos propósitos das elites em proteção à acumulação de capital, já que a classe dominante se sentia ameaçada. Sobre essa intervenção, Morelatto e Santos (2020) afirmam:

O relatório parcial do Circuito de Favelas por Direitos da Defensoria Pública do Rio de Janeiro (DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2018) contém denúncias anônimas de moradores acerca das graves violações de direitos humanos ocorridas durante a intervenção. Dentre elas, estupros, invasões de domicílios, agressões físicas, roubos, proibição de filmagens de abordagens policiais, uso de aeronaves para atirar indiscriminadamente 26, alteração de cenas de crimes, ameaças, perseguições, restrição na livre circulação e tantas outras práticas ilícitas. O documento conclui que essas violações foram recorrentes e sistemáticas. (MORELATTO; SANTOS, 2020, P. 724)

Esta pauta foi recorrente em praticamente todos os encontros do grupo. Ao falar de suas trajetórias, todos eles afirmaram que passaram por abusos policiais em algum momento de sua trajetória.

#### TRANSCRIÇÃO DE UM TRECHO DO ENCONTRO DO DIA 23/09/2022

Contexto: ao conversar sobre a segurança oferecida pelos policiais militares, a conversa tomou a seguinte direção:

JOÃO: *A polícia sempre me para. Impressionante, cara. Tenho certeza que é por que sou preto. Posso estar arrumado, tênis ou chinelo. Sempre vai me parar. Na pista eu não corro nem pra pegar o ônibus, moleque.*

JOSÉ: *Me paravam mais quando o exército estava aqui*

JOÃO: *Papo reto mesmo. Pior época, mano. Era certo me revistar quando me viam.*

JOSÉ: *Não me paravam sempre. Uma vez só me revistaram, mas revistaram minha casa.*

MARIA: *Mulher é mais difícil revistar*

Coro: *Difícil nada*

LAURA: *Entraram na casa da minha mãe e reviraram tudo. Eles são muito abusados.*

JOSÉ: *Várias garotas sendo abordadas também. Com as mulheres é pior, eu acho.*

JOÃO: *A gente não tem um dia de paz, mano. Preto então...*

Em 2018, ocorre a eleição dos candidatos de extrema direita nos âmbitos Federal e Estadual, apoiados pelas elites conservadoras e com o propósito de respeitar a demanda por mais repressão, controle e segurança a qualquer custo, que parece ter alcançado todos os campos sociais, em uma verdadeira gestão policial da vida. Os projetos de neutralização política, a fascistização das relações sociais, a militarização e a vigilância da juventude têm nos conduzido à privatização e à criminalização do pensamento acadêmico, dos movimentos sociais, da sociedade civil organizada e dos direitos humanos. A repressão, o estímulo do medo, a relegação do outro e o discurso conservador de ameaça à propriedade privada se mostram como táticas de atrofiamento das nossas capacidades de se organizar coletivamente e contestar as contrarreformas políticas de recrudescimento socioeconômico da última década. (MORELATTO; SANTOS, 2020)

Para os negros, pobres e moradores de favelas esse processo ainda é muito mais evidente, por meio de dispositivos militarizados de controle. No governo de Wilson Witzel e Claudio Castro (2018 – atual), cenas memoráveis do Witzel comemorando uma execução na Ponte Rio Niterói em 2019, e as chacinas do Jacarezinho em 2021, com 25 mortos, na Vila Cruzeiro, com 23 mortos, e no próprio CPX do Alemão, em julho de 2022, com 18 mortos, reforçam ainda mais que as medidas de assassinatos de pretos e pobres não resulta na redução da criminalidade, inclusive tendendo a aumentá-la, fazendo da favela palco de enfrentamento bélico, arbitrariedades e execuções sumárias. A Organização das Nações Unidas (ONU) apontou que a polícia em geral mata cinco pessoas por dia no Brasil, em um cenário cujos principais alvos são homens jovens e negros<sup>45</sup>.

Intensifica a violência policial e o extermínio da população negra por conta da simbiose entre controle penal e racismo através da “guerra ao crime” que, em última instância, é um projeto político de criminalização da pobreza. (MORELATTO; SANTOS, 2020)

---

<sup>45</sup> Thiago de Araújo (5 de abril de 2016). Revista Exame, ed. «Polícia mais violenta do Brasil mata sete pessoas em 2 dias» - interpretação de dados do Atlas da Violência do IPEA de 2016.

A discussão no grupo sobre a questão das execuções promovida pelo governo do Estado na favela não houve um consenso, como eu imaginei que fosse acontecer. Em alguns momentos eu pude perceber que alguns acreditavam na importância da ação. A própria proposta de grupo focal onde o grupo discute sobre determinados assuntos se encarrega de construir, juntos, uma outra forma de observar, além do modelo construído. Os relatos de MATHEUS e AMANDA representam bem esse antagonismo, algumas vezes vividos por mim como mediador do grupo:

*“Os caras tem que entrar mesmo. Se não entra, os bandidos fazem a festa”.* MATHEUS

*“Eu sei que eles fazem errado, mas é o trabalho deles”.* AMANDA

Esses e outros relatos, muitas vezes proferidos por membros do grupo, certificam os temas já abordados aqui como a produção da favela em um modelo que oprime, limita e esconde/retira das pessoas mais pobres, no caso desta pesquisa os jovens, os seus direitos mais básicos garantidos pela Constituição.

JOSÉ, extremamente politizado<sup>46</sup> e sempre preciso nas observações, muitas vezes ajudava o grupo a ver uma outra forma perceber os acontecimentos. Percebi uma dificuldade muito grande do grupo para romper com as amarras da construção de sociedade imposta durante suas trajetórias. Difícil não se emocionar quando o grupo chega a um consenso, ajudado principalmente por uma fala tão importante de alguém do próprio grupo.

*“O mais estranho é que na guerra a favor de uma suposta paz, apenas os pretos e favelados sejam os responsáveis pela desordem. Grandes traficantes de armas, brancos e políticos corruptos continuam soltos em suas mansões, viajando e curtindo a vida. Não entrem nessa de necessário, gente. É a maior mentira que podemos acreditar.”* JOSÉ.

Vale ressaltar que, por mais que MATHEUS e outros, que se mostraram bastante conhecedores de seus direitos e disposto a lutar por eles, em muitos momentos eles também eram vencidos e se calavam, principalmente quando a havia algum relato mais extremista. Acredito que isso acontecia por não querer gastar energia em alguns assuntos. Posso exemplificar nas conversas sobre política.

As reuniões finais aconteceram no ápice dos debates para as eleições presidenciais de 2022, entre o atual presidente, candidato à reeleição Jair Bolsonaro, representando a extrema direita e o ex-presidente Luiz Inácio, o Lula, que acabara de visitar as ruas do

---

<sup>46</sup> Após o fim dos encontros do grupo, conversei com ele para que pudesse falar sobre como ele se tornou esse jovem de tamanha consciência política e social. Ele esclareceu que, aos 15 anos, cursou Gestão Empresarial no Instituto da Oportunidade Social (IOS). Lá, ele conheceu pessoas privilegiadas e outros, muito à margem disso. Suas orientadoras, por serem líderes negras e de origem humilde, o estimularam a mergulhar no mundo das diferenças de classes e, a partir disso, se reconhecer sua própria identidade e perceber quem ele era perante a sociedade. Hoje ele afirmou que leva esses debates para sua família e sua casa também é politizada, melhorando ainda mais os debates.

Complexo do Alemão<sup>47</sup> em sua campanha. Obviamente esse assunto foi debatido na entrevista.

Apenas uma participante dos 13 não podia votar. CARLA tinha perdido o prazo para solicitar o título de eleitor. Na mediação, avisei que não precisavam declarar o voto nas conversas, reafirmando ser secreto. Mesmo assim, alguns participantes declaram seus votos. Três deles em Jair Messias e dois em Lula. Os que declararam o voto no candidato de extrema direita repetiram discursos baseados em *fakenews*, já amplamente esclarecidos como a questão do aborto, das drogas e da ideologia de gênero nas escolas, questões essas excessivamente disseminadas nas campanhas de Bolsonaro. Também repetiam sobre os processos que levaram à prisão do ex-presidente Lula, o que também já foi esclarecido. Os relatos de JOÃO e JOSÉ, que declararam seus votos em Lula, tentaram promover um debate limpo, baseado no esclarecimento de divulgação de notícias falsas e no desenvolvimento de consciência de classe, só que a energia dos bolsonaristas do grupo e seus discursos enfáticos baseados no ódio prevaleciam e eles então silenciaram.

No final desse dia, JOSÉ esperou que todos saíssem da biblioteca e, de modo informal, já após o encerramento do encontro, me afirmou que as igrejas neopentecostais a quais muitos jovens e suas famílias fazem parte, desenvolvem uma forte propagação desta ideia e que muitos deles acatam a decisão de voto dos seus líderes religiosos.

Transcrevo aqui, o discurso de AMANDA, a favor ao candidato de extrema direita:

*Votarei nele outra vez sim (fazendo referência a já ter votado em 2018). Muita gente aqui disse que Lula vai acabar com a pobreza e não vou acreditar nisso. Durante o governo dele, minha família passou até fome. Minha mãe teve que se virar para conseguir sustentar a casa. O bolsa família era uma miséria. Ninguém ajudou a gente não.* AMANDA

Perguntei quando aconteceu e AMANDA respondeu:

*“2011, eu acho”.*

JOÃO falou:

*“Mas ele nem era mais presidente. Ficou até 2010”.*

JOSÉ corrigiu:

*“2009”.*

---

<sup>47</sup> Ex-presidente percorreu as ruas do conjunto de favelas do Rio de Janeiro no dia 12/10/2022, ao lado de lideranças comunitárias e moradores.

E AMANDA disse:

*“Mas era o PT. Tudo igual”.*

Esse diálogo sugeriu uma clara manipulação de informações e uma ausência de embasamento para o debate entre a maioria dos jovens presentes.

JOÃO argumentou, em defesa do candidato Lula:

*“Não voto em Bolsonaro. Vocês viram o que ele fez durante a pandemia? Muitos mortos e ele imitando gente morrendo e falando que era uma gripezinha. Gripezinha, mano. Ele disse isso”.*

Nos últimos encontros do grupo também tratamos a questão da favela durante a pandemia de coronavírus no ano de 2020 em todo o mundo. Aproveito para tratar disso neste próximo tópico.

## **2.6 A Pandemia De Covid Na Favela Nova Brasília**

Partimos, aqui, da premissa de que o vírus e sua disseminação nada têm de puramente biológico, já que seu conteúdo político e sua base econômica podem ser observados pelo próprio ritmo de sua disseminação, desde as suas primeiras manifestações. (SILVA; ARAGÃO, 2020)

Mesmo não sendo uma novidade para a humanidade, uma pandemia mundial deixa marcas, principalmente na geração que a vivencia. No caso da COVID-19<sup>48</sup> não seria diferente. Silva e Aragão (2020) esclarecem que o novo coronavírus surgido, provavelmente em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, importante nexos produtivo e logístico da China contemporânea, e, cerca de um mês depois, tendo expandido seus domínios por Irã, Itália e Espanha e, pouco mais tarde, pelos Estados Unidos, foi por intermédio desses territórios que o vírus foi trazido à convivência brasileira. Inclusive, um estudo promovido na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo rastreou que 54,8% dos casos importados de COVID-19 para o Brasil, até o dia 5 de março, apenas uma semana após a confirmação do primeiro caso no município de São Paulo, haviam vindo da Itália.

Até o dia 31 de outubro de 2022, o Complexo do Alemão havia registrado 6079 casos confirmados e 196 mortes pelo vírus do COVID-19, de acordo com o Painel Unificador COVID-19 nas Favelas do Rio de Janeiro<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> De acordo com o Ministério da Saúde (<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>), a Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

<sup>49</sup> Este painel criado para coletar e divulgar dados sobre o alcance da COVID-19 nas favelas do Rio de Janeiro, devido à insuficiência de testes e dados públicos adequados, na percepção das entidades envolvidas. Se trata

Ingressando no estágio intitulado pelos estudiosos e autoridades sanitaristas de “circulação comunitária” em meados de março nas duas maiores metrópoles do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro, o ritmo da disseminação do vírus certamente adquiriu o carimbo tipicamente brasileiro, passeando pelas vias das aglomerações e do trânsito cotidiano, com toda a sua desigualdade, violência, humilhação cotidiana e abandono aos empobrecidos. (SILVA; ARAGÃO, 2020)

A crise do paradigma neoliberal ficou ainda mais visível com o tratamento dado às classes menos favorecidas durante a pandemia de COVID-19 nos anos de 2020 e 2021. Segundo relatos dos próprios componentes do grupo, ao perguntá-los sobre o tratamento dispensado a favela Nova Brasília e em todo Complexo do Alemão, os diálogos faziam referência ao descaso.

*“Não teve o “fica em casa” aqui na Brasília. Os moradores tinham que trabalhar. As lojas abriram e todo mundo estava nas ruas” MARIA*

*“Nem máscaras as pessoas usavam. Poucos usavam. Na Brasília não tinha pandemia não, mano” ANDRÉ*

*“Quem foi para o hospital, morreu. Teve gente que não foi e morreu em casa mesmo aqui na favela” BRUNA*

*Teve um período, lá no início, que os caras (em referência aos traficantes) passaram avisando que não era pra sair de casa e que se vissem aglomeração ia ter problemas com eles. Colocaram linhas amarelas na lotérica. Lembra? JOÃO.*

Alguns membros do grupo questionaram que as ações governamentais foram ineficazes na favela, relatando que muitos não conseguiram ou conseguiram muito tarde o auxílio emergencial. Diante do imediatismo da problemática, ações sociais dentro das favelas do Complexo do Alemão foram ineficazes em alguns momentos. As redes de apoio (igrejas, associações de moradores e grupos de amigos) em muitos momentos, se tornaram mais eficazes na distribuição de equipamentos de segurança e higiene (álcool gel e máscaras) e, principalmente, na distribuição de mantimentos e cestas básicas.

---

de uma pesquisa cidadã, cujas fontes são uma rede confiável de mobilizadores, organizações e comunicadores de favela, além de dados públicos. Mais recentemente, utilizando uma metodologia de Zona de Influência de Códigos de Endereços Postais (CEPs), identificando os que melhor representam áreas de favela.

Os dados divulgados provêm de duas fontes: os casos e óbitos confirmados são contados através de uma metodologia de Zona de Influência de Códigos de Endereços Postais (CEPs), identificando os CEPs que melhor representam áreas de favela; além dos dados reportados diretamente por relatores nos territórios de favela, entre eles mobilizadores, organizações e comunicadores locais. Na ausência de testes, utilizamos outras formas confiáveis de mensurar casos altamente suspeitos (através de diagnóstico médico ou observação de sintomas).

*“A fome não espera. Não dava para ficar em casa. Se não fossem os malucos da Associação, nem sei o que aconteceria com alguns moradores”.* JOÃO

Vale lembrar que os professores da escola dentro da Nova Brasília participaram de um mutirão de entregas mensais de cestas básicas. A escola, orientada pelo governo estadual, financiava uma parte das cestas e o grupo, em uma arrecadação promovida pelo professor Guilherme Macedo, que junto com outros voluntários da escola e da comunidade, participavam do catálogo das famílias necessitadas e da distribuição, principalmente para as famílias dos alunos.

Importante ressaltar que, como já foi abordado no prólogo desta pesquisa, a pandemia de 2020 atrasou a preparação desta dissertação naquele ano e, ao mesmo tempo, dificultou a organização dos encontros em 2021. Apenas em 2022, após solicitação de prorrogação de prazo, um novo grupo pôde ser reunido e as entrevistas para a análise das trajetórias de vida dos jovens moradores da favela Nova Brasília puderam, enfim, ser concluídas.

## **2.7 Jovens Da Nova Brasília E A Difícil Ressignificação Da Favela**

No nosso último encontro, ao serem questionados sobre como se viam com 40 anos e se gostariam ainda de estar na favela, as respostas e os debates se entrelaçavam de forma bastante antagônicas: inicialmente todos os presentes relataram uma grande repulsão e um desânimo em acreditar que os moradores de favelas deixariam de ser estigmatizados na sociedade. Ao mesmo tempo, no decorrer do debate, muitos discursos apresentaram uma contradição, na qual os mesmos jovens reafirmavam o carinho pelo local onde vivem atualmente.

De certa forma, os discursos referentes à difícil resignificação da favela para eles se justificam. Desde as tensões geradas pela repressão do Estado, a apropriação do solo urbano na construção de favelas até a violência e a cumplicidade dos moradores com o tráfico geram esses estigmas, colocando todos os moradores de favela como bandidos.

Os moradores das áreas de favelas, muitas vezes, são considerados cúmplices dos traficantes territorializados nessas áreas<sup>50</sup>. Assim, velhos mitos que pareciam superados são novamente aflorados, como o da “marginalidade”, isto é, a noção generalizante de que os moradores das favelas seriam bandidos. Ressurge o que Alberto Passos Guimarães havia denominado outrora de “classes perigosas”, criticando, evidentemente, as estigmatizações a que estavam sujeitos os favelados (apud. VALLADARES, 2008. p 31)

Sobre esses estigmas, Lefebvre (2002) afirma:

Desqualificados, desvalidos, marginais, pobres, desviados, excluídos, classes perigosas são termos recorrentes, utilizados para referir determinado grupo social que, numa perspectiva conservadora, não se estabelece de acordo com padrões considerados normais do ponto de vista da sociabilidade. Em outra linha há a remissão espacial, associada aos lugares onde os grupos residem: guetos, favelas,

---

<sup>50</sup> Moradores das favelas, muitas vezes, são estigmatizados pelo grupo social que se encontra fora dela. Muitos são vistos como marginais ou cúmplices do tráfico, apenas por ser morador ou pertencer a elas.

periferias, *isolats*, *territórios* dominados por grupos de traficantes os quais se tornaram espaços onde o Estado não tem grande penetração, ou suas manifestações ocorrem de forma seletiva, de modo que lacunas sejam perpetuadas. Neste caso, não se deve deixar de mencionar, quando nos remetemos à questão da produção do espaço, que o reforço de investimentos em algumas áreas, em detrimento de outras, traz como seu corolário a segregação sócio-espacial, componente, por assim dizer, da reprodução das relações de produção. (LEFEBVRE, 2002)

O crescimento das favelas passa a ser uma ameaça que paira sobre as demais áreas da cidade. As manchetes e as notícias dos jornais da época, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, reforçam a ameaça do crescimento das habitações informais, no caso da favela Nova Brasília, desde a década de 1950. Na maior parte das vezes, as notícias vinculadas a essa favela estão ligadas aos estereótipos negativos da violência urbana.

Muitas vezes, os moradores convivem com as incursões do Estado, já abordadas neste trabalho, apenas para combater o tráfico, apreender drogas ou armas. Poucas vezes, de forma contínua, o Estado se faz presente de outras formas.

Dois outros casos de incursões desastrosas feitas pelo Estado vêm à tona neste momento. O primeiro deles é o assassinato da menina Ágatha Vitória Sales Félix, de 8 anos, quando voltava para casa com a mãe, em 2019. A criança estava dentro de uma kombi<sup>51</sup>, quando foi baleada nas costas na comunidade da Fazendinha. E o caso conhecido como a chacina da Nova Brasília, do qual a Corte Interamericana de Direitos Humanos (Corte IDH) está acompanhando o cumprimento da sentença imposta ao Brasil. O caso se refere às chacinas ocorridas durante operações policiais na comunidade de Nova Brasília, em 1994 e 1995. No total, foram mortas 26 pessoas e três mulheres foram vítimas de violência sexual cometida pela força policial brasileira.

As notícias são sempre parecidas. Dificilmente outras formas de notícias são apresentadas para fora das favelas do Complexo. Quebrar os estigmas do “lugar apenas violento” também é um dos objetivos desta pesquisa. Todo o tempo em que estive do lado de fora do complexo de favela me chegaram explicações positivas. As notícias que tive de dentro puderam modificar um pouco esse estereótipo, assim como o período da invasão emblemática pelo exército em 2010, a ‘pacificação’ e a inauguração das obras do PAC; não esquecendo a abordagem da telenovela da Rede Globo de Televisão, “Salve Jorge”, que durante os anos de 2012 e 2013, pôde apresentar ao Brasil o Complexo do Alemão de outra forma, ou seja, por outra perspectiva, à qual o mundo externo a ele não estava habituado.

ANA comentou sobre isso em setembro:

*“Durante o período das obras do PAC, todo mundo estava de olho no Complexo. Vários eventos aconteciam aqui. Vinha gente de todo o mundo”.*

Muitas vezes a visão a partir de uma perspectiva interna pode ser muito diferente. O comércio, os eventos e festas organizados por moradores, as competições esportivas organizadas pelas associações, além de eventos e oportunidades elaboradas por instituições privadas, públicas, associações e organizações não governamentais, podem, muitas vezes, trazer novas possibilidades do “ver a favela”.

---

<sup>51</sup> Serviço de transporte de passageiros.

A ocupação dos espaços públicos sem veículos permite que a cidade esteja mais viva nas suas relações dentro das favelas<sup>52</sup>. Sobre essas diferentes visões, Souza (apud ARAGÃO, 2011) afirma:

Sabe-se o que entra nela, através dos meios de comunicação, que difundem notícias sobre as incursões de policiais contra narcotraficantes. Invariavelmente, não se comenta seus resultados nefastos, ressaltando-se essa parte da cidade como o *locus* da violência e da marginalidade. Ampliam-se, desta maneira, as históricas fronteiras físicas e simbólicas a partir de representações sociais que atingem os moradores da cidade, através dos já referidos estigmas negativos, os quais impactam ainda mais as já precárias condições de sobrevivência da população, não apenas das favelas, mas de todo o conjunto da cidade, porque obstaculizam o “urbano para todos”, na medida em que são seus fragmentos que sobressaem, através dos já conhecidos processos de autossegregação e segregação induzida (SOUZA, 2000 apud ARAGÃO, 2001).

Realmente não se deve romantizar as favelas e as condições de vidas dos seus moradores, mas não se pode negar que, em muitos casos, a relação do lugar com seus moradores passaram por um processo de transformação, o que não é visto e nem reconhecido por grande parte da população. O que se vê é a criação de um senso comum influenciado pelos meios de comunicação, escondendo seus processos e consequências, desencadeando repressão, violência e injustiça.

Durante muito tempo os órgãos oficiais ignoraram (e ainda ignoram) as favelas no que diz respeito ao oferecimento dos equipamentos urbanos<sup>53</sup>. Ou escondem a problemática ou amenizam a influência do estado. Moradores e lideranças acabam se ajustando em investimentos em infraestrutura ou dependentes da febre do “onguismo” recente. Vivemos em cidades fragmentadas, onde o planejamento urbano não é pautado pelo direito à cidade, que é direito de todos os cidadãos. É um raciocínio ingênuo dizer que essas cidades não possuem planos urbanísticos, mas a intenção desses planos nos leva a acreditar que os lucros imobiliários e a estrutura fundiária são o que os projetou, realidade que acaba beneficiando uma pequena parcela da população.

O entendimento sobre a metrópole – ou os espaços metropolitanos – na atualidade, deve passar pelo reconhecimento do conceito de produção. A professora Ana Fani Carlos (CARLOS, 2007) sugere que se deve trazer ao debate a crítica necessária para a renovação da ciência geográfica dentro de um percurso que incorpora o materialismo histórico e dialético na sua base de interpretação na relação sociedade/espço.

Para finalizar os esclarecimentos desta etapa da pesquisa, ousou usar o conceito de

---

<sup>52</sup> O estudo sobre moradia e segregação socioespacial nas áreas metropolitanas do Rio de Janeiro é uma temática que nos leva a pensar as cidades metrópoles do país, como unidade espaço-temporais. A cidade vem seguindo a lógica da desigualdade capitalista, estampando-se por meio de uma verdadeira segregação socioespacial, marcada por condomínios e shoppings. As favelas seguem uma produção distinta das cidades, onde a vida cotidiana segue valorizando os espaços a pé (sem veículos automotores) e o comércio local. Se observa uma menor segregação socioespacial nos espaços internos.

<sup>53</sup> É claro que não devemos ignorar que, o período desde a década de 1980 até as obras do PAC, ficou marcado pelo início de um ciclo de políticas voltadas para as favelas, que passaram a considerar em seu escopo a urbanização e a promoção de melhorias no ambiente construído, rompendo com o longo período de remoções e de construção de grandes conjuntos habitacionais que caracterizou as décadas anteriores. Algumas iniciativas foram tomadas pelo Governo Estadual, mas o protagonismo mais evidente foi da prefeitura da cidade Rio de Janeiro.

Metageografia<sup>54</sup> na intenção de justificar, de forma abrangente, os escritos neste capítulo. A Metageografia se configura do seguinte modo: recupera certo marxismo, em especial quando esse sentido amplo da produção sugere múltiplos processos. Assim, torna-se capaz de renovar a teoria social crítica, porque, a montante e a jusante, combate os imobilismos e restitui o *movimento* aos processos sociais. Revela o que está escondido ou simulado, isto é, aparências e simulacros que atravessam a vida social no mundo contemporâneo. (ARAGAO, 2011, p.83)

Aragão (2011, p.83) completa

Põe-se em jogo, assim, a atualidade do Marxismo. Suas ideias, sob muitos aspectos, continuam com uma originalidade surpreendente, porque permanecem as condições que põem frente a frente capital e trabalho, destacadamente em suas relações antagonicas; permanece e até mesmo se acentua a lógica da concentração do capital; generaliza-se a lógica do *valor*, erigida à condição de *espetáculo* e, conseqüentemente, reproduzem-se as suas contradições. Qualquer análise consciente da vida social – sobretudo se esta se dispõe a refletir sobre as possibilidades de sua transformação – deve levar em conta esses pressupostos. Daí a força do real-concreto na busca da unidade entre o “concebido” e o “vivido”. O espaço socialmente produzido permite revelar o que se esconde nesse processo. (Pág. 83)

A contribuição de Carlos (2007) situa esse debate:

[...] a extensão do capitalismo no espaço, ele próprio tornado mercadoria, faz da produção do espaço um pressuposto, condição e produto da reprodução social no mundo moderno; elemento definidor dos conteúdos da prática sócio-espacial, modificando as relações espaço-tempo da vida social, redefinindo antigas contradições e produzindo novas. É assim que à transformação do espaço se alia a necessidade de compreensão pela Geografia desse movimento/momento da realidade, posto que o dinamismo no qual está assentado o processo de conhecimento implica em profundas transformações no pensamento geográfico. Assim, a transformação do espaço exige a transformação da Geografia enquanto processo de superação, e esse processo requer uma explicação (CARLOS, 2007)

Esta reflexão nos leva a colocar em primeiro plano o fato de que a produção e a reprodução incluem o espaço – e assim ali está incluído o processo de alienação.

Com Marx e Engels, o conceito de produção não sai da ambigüidade que faz sua riqueza. Existem duas concepções, uma mais ampla, outra restrita e precisa. Na concepção ampla, os homens enquanto seres sociais produzem sua vida, sua história, sua consciência, seu mundo. Não há nada na história e nada na sociedade que não seja adquirido e produzido. [...] os seres humanos têm produzido formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas, filosóficas, ideológicas. A produção no sentido largo compreende então as obras múltiplas, formas diversas, mesmo que estas

---

<sup>54</sup> Metageografia é o conceito-chave da obra *Metageography* de Martin Lewis e Kären Wigen, na qual eles o interpretam como conceito derivado de metalinguagem. Para Ana Fani Alessandri Carlos, a construção de uma metageografia aparece, num plano teórico, "como momento de crítica necessário ao enfrentamento da crise teórica e prática da cidade". Milton Santos emprega o termo para ressaltar o papel da imaginação espacial individual na cidade (geografia urbana): os desequilíbrios pessoais geram as desigualdades fruto da ótica capitalista em que ele se estriba para organizar uma nova ordem econômica hedonista e materialista; ordem essa, cujos reflexos cabe à Geografia, não só analisar, mas tentar das soluções uma vez que o ápice dessa crise se situa no urbano, que congrega a maior parcela da população mundial.

formas não comportem a marca dos produtores e a produção (como a forma lógica, a da abstração que passa facilmente por intemporal e não-produzida, isto é, metafísica). (LEFEBVRE, 2000, p. 78)

É esse processo que nos levou a determinar a combinação de diferentes mecanismos para entender a produção do espaço metropolitano, com foco na favela Nova Brasília do Complexo do Alemão. Este é um momento desafiador, mas além de construir um confronto com a banalização das referidas questões sociais, é preciso compreender sua essência.

É importante ressaltar a força que as representações na favela a ponto de interagir com as práticas sociais e os metamorfismos aos quais os moradores de favelas são submetidos. Para tanto, faz-se necessário retomar o conceito de alienação e associá-lo à produção do espaço.

Sobre a produção do espaço da Rocinha, Aragão (2011) complementa:

Nesses processos de produção política da sociedade deparei-me com sucessivos processos de alienação imbricados na reprodução das relações sociais de produção. Seus termos atravessaram as práticas sociais presentes na Rocinha. Acontecem em diferentes momentos de uma vida cotidiana que se apresenta em constante processo de degradação de acordo com os desideratos do andamento da acumulação ampliada do capital. Assim, quando mais se desenvolve este processo, mais se acentuam os termos da alienação, onde a maior exploração do trabalho assume o espectro do “negativo”. (ARAGAO, 2011 p.113)

Eles estão mutilados e rasgados, formando uma imagem da vida na favela. Portanto, focar nas dimensões do cotidiano e entrar na vida como forma de superação da representação espacial, apesar de dialogar com o concebido. A ideia desse método é tentar entender o processo pelo qual uma pessoa perde suas características humanas, suas características gerais de existência, e se aliena de seu próprio relacionamento. A particularidade da população que vive nas favelas é permeada por diferentes temporalidades: a princípio ela não faz parte da metrópole, em seguida, pelo pico de acumulação devido à expansão urbana e, finalmente, nega a vivência de seus diferentes atos.

As minhas percepções, evidenciadas pelos debates no grupo focal, permitem evidenciar que esta relação ‘jovem x favela’ está muito bem estabelecida dentro do processo de alienação em que os próprios jovens vivem. Um olhar mais atento me faz entender que esses jovens continuam reproduzindo os discursos baseados na imposição de um modelo opressor. Neste caso, o oprimido não será ouvido, a não ser que haja uma ruptura através de uma conscientização baseada em direitos e justiça social.

Além de vedar as percepções do presente, distorcer as construções do passado, o modelo econômico atual também está bem presente nas percepções de futuro desses jovens, o que será tratado no próximo capítulo.

## CAPÍTULO III: PERCEPÇÕES E DESAFIOS PARA A JUVENTUDE PERIFÉRICA

### 3.1 O Jovem E A Juventude Ao Longo Da História

O que se espera das favelas nos próximos 30 anos? Talvez essa seja uma pergunta bastante relativa, já que levaria em consideração diversos fatores, como o futuro das cidades, as perspectivas de governo, as atuações do Estado, a forma de se pensar os valores e a forma como se olhamos os jovens moradores delas.

Pensar a favela a partir do jovem é pensar o futuro das nas cidades. Busca-se no espaço vivido destes jovens, reunir informações sobre trajetórias de vida e práticas culturais e com isso apontar movimentos de visibilização destes jovens, tais como: as novas representações estéticas que fazem de si e do espaço da favela em que vivem, as estratégias de comunicação e de construção de redes a partir das ferramentas da tecnologia digital, o fortalecimento de uma cultura de rua, mesclando formas e conteúdos novos de participação social e a invenção de novos lugares para si a partir do autorreconhecimento e do reconhecimento mútuo. (SIMÃO, 2016)

O termo juventude é bastante empregado caracterizando indivíduos que se encontram em uma mesma faixa etária. Parte dos especialistas considera que a juventude vem depois da adolescência, ou seja, dos 19 aos 29 anos. Já o órgão oficial de estatísticas, o IBGE, define como jovem a população dos 15 aos 24 anos. Segundo estimativas de 2021<sup>55</sup>, os jovens entre 15 e 29 anos correspondem a 23% da população brasileira, somando 50 milhões de pessoas.

No intuito de promover um debate sobre a juventude, recorreremos a autores que se dedicam ao estudo do tema. Para isso, é importante o entendimento da juventude como uma categoria social e temporalmente variável, modificando seus significados sociais em diferentes contextos históricos e geográficos.

Cassab (2011), ao fazer uma breve apresentação de como as categorias jovem e juventude vêm sendo tratadas ao longo da história, sinaliza como a sua construção é determinada por tempos e processos sociais específicos. Ao retomar os percursos sociais da juventude apresentados pela autora, vemos que na Roma Antiga o passo entre o universo infantil e o adulto era altamente marcado por ritos de passagem e os grupos sociais e de gêneros possuíam funções e posições bem definidas dentro do sistema social. Além disso, apesar de nessa época já haver um recorte etário para definir as fases da vida, esse é bastante díspar em comparação ao recorte adotado na sociedade atual, especialmente no que se refere ao prolongamento da adolescência que, segundo a autora, explica-se pela cultura romana.

---

<sup>55</sup> Informação coletada nas tabelas divulgadas pelo sítio do IBGE em 2018: [https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html] Acessado em 05/12/2022.

Na idade medieval, diferente de Roma, a juventude não era tratada como um rito de passagem para a vida adulta: os jovens eram definidos a partir de critérios morais. Assim, “a juventude na idade média era frequentemente associada à desordem. Os escritos pintam uma juventude turbulenta, ruidosa, violenta e perigosa” (CASSAB, 2011, p. 149), fase esta que se encerrava com o casamento.

Foi especialmente a partir do século XVIII e XIX que a juventude começou a ser compreendida como uma fase da vida, período em que os jovens passam a ser vistos como grupos com atributos específicos<sup>56</sup>. Ademais, é nesse momento que passa a ser interpretada como uma fase na qual se pode gozar de certas regalias, entendida como um momento de preparação: a função do jovem é o estudo; preparar-se para ser um adulto, para o futuro.

No entanto, é importante salientar que tais regalias não se dirigiam a todos os jovens de maneira parelha. A sociedade capitalista é instituída sobre bases de desigualdades e exploração, realidade que se reflete nas classes sociais. Assim, no âmbito de uma sociedade de classes, vemos que o gozo de certos privilégios em ser jovem (como a ida para a escola, por exemplo), se reservava não a todos os jovens, mas aos filhos da burguesia. Aos filhos dos operários, destinava-se o trabalho.

A modernidade inaugura um estágio em que ser jovem é, ao mesmo tempo, ser considerado um indivíduo frágil emocionalmente e perigoso, em particular o jovem pobre. Neste período, especialmente no decorrer do século XIX, a preocupação voltava-se para a delinquência e a promiscuidade atribuída à classe trabalhadora, esquecendo que a intensificação do processo de industrialização e urbanização desenfreada na Europa – e mais tarde em todo o mundo – deve, do mesmo modo, ser notada como um fator preponderante.

Grosso (2004, p. 12) contribui ao dizer que “o próprio impacto desses inúmeros constructos da modernização ‘burguesa’ foi gerador de ainda mais desigualdade e diversidade”. Neste momento, como evidencia Cassab (2011, p. 156), “eram comuns as teses médicas sobre a puberdade, que recomendavam remédios para solucionar ou apaziguar os problemas da juventude”. A juventude era, portanto, forjada como uma fase perigosa; o jovem nesse contexto é considerado um perigo, não apenas para si mesmo como também para toda a sociedade.

É na modernidade que também desponta a utilização dos critérios etários para a delimitação da juventude, possibilitando nortear políticas e práticas relacionadas à cultura, ao lazer, ao mercado de consumo, às políticas institucionais etc. Assim, para Grosso (2004), desde seu início o ‘problema da juventude’ mobilizou quadros intelectuais (cientistas, juristas, políticos, pedagogos, médicos, etc) para a definição de quando a juventude, afinal, começa e termina, para assim orientar a ação do Estado e das instituições sinalizadoras. A idade contada em anos, dado objetivamente determinado, parecia ser o melhor critério para o julgamento das ações individuais e a atribuição de deveres e direitos, dada sua universalidade e caráter quantitativo.

Em síntese, nota-se que na segunda metade do século XIX e século XX constroem-se concepções ainda hoje presentes, no que se refere à juventude: emoções violentas, agressividade, instabilidade emocional, momento de vitalidade, curiosidade sexual sem limites, entre outras. Verifica-se, portanto, que ao longo do tempo as ciências privilegiaram o entendimento da juventude sob uma ótica do negativismo, e os considerados excessos juvenis colocaram em xeque medidas e políticas que visassem um modelo disciplinar.

---

<sup>56</sup> Vale ressaltar que essa historiografia foi construída através de uma percepção eurocêntrica da juventude.

Logo, para Gonçalves (2005, p.208), firmou-se no imaginário social a associação entre a juventude e as grandes questões de cada tempo: “no século XXI quando grassam as preocupações com o individualismo exacerbado e a criminalidade crescente, o jovem emerge como individualista e responsável, em grande parte, pela criminalidade urbana”. Assim, o delinear da juventude perpassa quase que inteiramente a condição de instabilidade. Segundo Sepúlveda (2013), a noção de juventude se organizou categoricamente a partir de uma noção unitária atrelada a atributos que seriam próprios da idade, remetendo a políticas voltadas para o controle e a vigilância do indivíduo inserido nessa “fase da vida”.

Abramovay e Castro (2015) afirmam que os jovens catalisam de forma especial as mudanças de paradigmas, a complexidade destes tempos. Os jovens são os primeiros atingidos por problemas no âmbito da economia política, haja vista que em todos os países envolvidos na chamada crise atual do capitalismo, as mais altas taxas de desemprego se relacionam a esse grupo. Eles também são mais bombardeados por apelos ao consumo e à pluralidade do prazer ou por pressões por viver em “um eterno presente”, sendo sensíveis à ampliação das referências quanto a direitos e à orientação por inventar novos direitos. O paradoxo seria a combinação da proteção, por inclusão social, sem cercear autonomia e possibilidade do exercício da criatividade e modelar projetos próprios.

De acordo com Novaes (2007), o conceito mais aplicado à juventude já não mais a define, pois se reconhece um conjunto de variáveis e variações atuais que colocam em xeque a definição meramente de faixa etária, ou seja, de indivíduos situados entre os 14 e 25 anos podendo este intervalo de tempo ser maior ou não. Sobre a juventude brasileira, a autora já aponta para as grandes diferenças que se apresentam em campos diversos, seja no que se refere à condição econômica até às possibilidades de inserção no mercado.

Por esse motivo, quando pensar as juventudes cariocas, devemos reconhecer as diferenças que atravessam os jovens de favelas, principalmente por compreender a situação de desigualdade e as diferenças em que suas vidas se estabelecem. O discurso dominante sobre a juventude de origem popular tem origem no século passado, sobretudo nos aspectos negativos da condição deste jovem.

Vale destacar que a realidade da desigualdade não se restringe apenas ao jovem da favela, apenas se reconhece que na favela seus moradores vivem em severas restrições de acesso a direitos. Coimbra (2003) chama de mito da periculosidade dos jovens, a recorrente tradução das mídias em referência ao jovem pobre como bandido, conivente do tráfico ou criminosos. Exatamente desta forma se traduz a constituição do espaço urbano, que não garante o conjunto de direitos a uma parcela da população, e se expressa por essa subjetividade cruel e promotora de diversos estereótipos.

Uma observação mais profunda da sociedade nos faz observar que além da desigualdade visível do acesso à moradia, saúde e educação, existe a subjetiva, que estabelece o olhar preconceituoso da própria sociedade para certos indivíduos, selecionando critérios para as condições de estar na sociedade, muitas vezes impedindo até mesmo que jovens exerçam seus direitos de escolha.

### **3.2 O Jovem Da Favela: Percepções E Desafios**

Em um dos assuntos abordados no grupo focal, no tocante ao que se espera do futuro, pareceu claro que as escolhas já estavam traçadas, ou seja, nem todas as opções eram

possíveis para todos. Triste o fato de que quase todos não se viam fazendo ao menos uma graduação. Claro que o grupo não representa a totalidade dos moradores de favelas, mas a minha experiência como professor desde 2011 na escola me fez refletir, todo o tempo, quantos dos alunos que terminavam o Ensino Médio ingressavam em uma universidade. Sempre poucos (ou nenhum).

O grupo também não é um caso isolado. JOSÉ, MARIA e ANDRÉ estão firmes no propósito de ingressar em uma faculdade pública.

*“Serei o primeiro da minha família a ter uma faculdade (...). Quero fazer Pedagogia”.* JOSÉ.

*“Eu também vou fazer faculdade. Ainda vou escolher. Acho que farei Artes Visuais”.* MARIA

*“Vou fazer Educação Física. Só não sei aonde”.* ANDRÉ

A fala dos outros participantes era de grande desânimo quando a referência era continuar os estudos. Referiam-se à falta de oportunidades após a conclusão dos cursos, ao valor das universidades particulares, à falta de bolsas, ao ingresso imediato ao mercado de trabalho.

JOÃO afirmou de forma clara: *“faculdade não é pra mim. Sem condições de estudar mais tempo. Victor está na segunda série do Ensino Médio”.*

MATHEUS disse que já trabalha e não pretende seguir nenhum tipo e carreira: *“Estou doido para terminar os estudos logo”.*

Acredito que falta vivência desses jovens para que possam encontrar novos caminhos. Sobre isso, Simão (2016) completa:

Vamos observando que o espaço restrito de convivência impede este jovem de reconhecer e valorizar outras possibilidades de vida urbana. Os jovens residentes em espaços populares da cidade enfrentam barreiras para se apropriarem da cidade em tudo que esta pode apresentar. (SIMÃO, 2016)

A desigualdade também se apresenta na restrição da capacidade de consumo do jovem da favela. Além do consumo de bens e produtos, percebe-se o afastamento de jovens periféricos da gama de oportunidade de cultura e lazer que a própria cidade oferece. Mesmo o poder aquisitivo de compras também ser um fator restritivo, a redução da mobilidade dos

jovens da favela e o distanciamento dos equipamentos, que já não estão bem distribuídos pela cidade, é revoltante.

Sobre essa análise, o grupo debateu:

*“Só saio da favela para ir a praia e shopping. Baile, feira e praça e até o nosso próprio shopping, se precisar”*. ANA

Quando questionei sobre a ida a museus, bibliotecas, universidades, teatro e até mesmo alguns pontos turísticos da cidade, quase todos responderam que não frequentavam.

*“Eu conversei com a diretora para que pudéssemos usar o espaço da biblioteca da escola para emprestar livros pelo menos para os alunos. Ela me disse que com a obra pronta e uma pessoa para ficar responsável por isso poderíamos fazer. Acho importante dar acesso aos alunos”*. JOSÉ.

Quando perguntei sobre a biblioteca da obra do PAC, eles responderam que era apenas uma figura ilustrativa. Apenas o cinema da Nova Brasília funcionava. Os relatos foram positivos:

*“Tá vendo professor. Nem para ir ao cinema eu preciso sair da favela”*. JOÃO <sup>57</sup>

Ser jovem de origem popular nos grandes centros urbanos é uma vivência condicionada por um tecido urbano esgarçado e completamente desigual em termos de oportunidades e possibilidades. Morar em favelas, conjuntos habitacionais populares, loteamentos irregulares e outros espaços populares urbanos significa estar distante não simplesmente fisicamente, mas culturalmente das ofertas regulares de lazer e cultura. A distinção e a desigualdade territoriais operam na construção de um indivíduo que encontro obstáculos para se relacionar como conjunto de possibilidades que a cidade poderia lhe proporcionar. Em outras palavras, as distâncias físicas estabelecidas por um investimento público e privado desigual na cidade atuam certamente para dificultar que estes jovens alcancem e se apropriem dessa diversidade de opções. (SIMÃO, 2016)

Na citação, Simão (2016) afirma que a condenação da juventude da favela é bastante perceptível pelos segmentos mais conservadores da sociedade. Concordo e reafirmo que isso não se restringe apenas às classes dominantes em termos econômicos. Muitas vezes acontece nas próprias regiões periféricas e, até mesmo, dentro das próprias favelas. Essa distinção tem um caráter muito além do físico, e sim, simbólico, sustentando-se através de narrativas,

---

<sup>57</sup> Vale a ressalva na fala de JOÃO, onde ele faz uma análise da favela de forma positiva. O grupo demorou a fazer essas ponderações de valorização da Nova Brasília. Talvez por estar em um grupo onde as relações começaram menores entre eles e estariam apresentando na mesma ótica da construção social onde a favela é apenas o reduto de grandes problemas. A partir do terceiro encontro, o grupo se sentiu mais a vontade para falar o que realmente pensava sobre sua relação.

imagens, discursos em uma condenação estética da juventude, muitas vezes perversas e discriminatórias. Associam suas práticas sociais e culturais ao imoral, vulgar, violento. Um olhar crítico sobre suas roupas, músicas, tatuagens, *piercings* e outros elementos.

Para Santos (2002, p.143), a globalização que chegou às classes populares veio carregada de uma cultura mercadológica que coloca o dinheiro como centro das relações humanas e as relações humanas como mercadoria indiferente às heranças e às realidades atuais dos territórios e das sociedades.

Santos (2002) também considera que as forças das corporações globais são defrontadas com usos cotidianos do território, conduzindo ao agravamento de conflitos oriundos das imposições e dos interesses dos processos de racionalização instrumental sobre usos, recursos e populações dos territórios em um processo de alienação material e subjetiva.

Para endossar a forma de ver o morador de favela, Nesimi e Botelho (2020) afirmam que fazia sentido, nas décadas de 1960 e 1970, apontar para o “mito da marginalidade” das favelas cariocas demonstrando sua rede de conexões com a economia dos demais estratos sociais. Entretanto, com o desemprego abrangente e a formação de mercados empobrecidos internos às próprias comunidades, as favelas se tornam símbolos expressivos dos excluídos da sociedade do trabalho e rejeitados pela economia de mercado, já que nem mesmo sua força de trabalho é mais passível de mercantilização informal e precária. Esse “excedente populacional”, do ponto de vista da economia capitalista, é tachada como formada por potencialmente criminosos e “vagabundos”, reeditando preconceitos urbanos seculares que são potencializados com o cenário de exclusão: os favelados são os indesejados numa sociedade cada vez mais fraturada social e espacialmente.

As favelas se tornam cada vez mais parecidas com prisões em espaço aberto. Evidentemente, comparar frações do espaço urbano a prisões ou pelo menos a espaços de controle seletivo não é novidade e é um desdobramento do conceito mesmo de segregação urbana: a separação de grupos sociais, seja por critérios raciais, de renda ou mesmo de saúde em espaços determinados. (NESIMI; BOTELHO, 2020)

Quando a temática da discriminação do jovem favelado foi abordada no grupo, todos fizeram seus relatos. Era unânime que eles precisavam mentir sobre suas origens em algum momento da vida. Em muitos depoimentos se sentiam envergonhados de não poder falar onde moravam. Vale ressaltar que neste dia, a conversa do grupo ficou bastante relacionada às questões de trabalho e emprego.

AMANDA afirmou que por ser preta e ter cabelos trançados é complicado encontrar trabalho, principalmente morando na favela. Disse que precisa mentir sempre e informar o endereço de outra pessoa.

CARLA, JOSÉ e JOÃO também concordaram e relataram não falar que moram na favela em entrevistas de emprego, e todos os outros, em algum momento da vida, tiveram que mentir sobre suas origens.

*O que acontece é que, dependendo do lugar que você vai trabalhar, o patrão prefere contratar outra pessoa. Me controlo o tempo todo para não parecer que moro na favela.*  
CARLA

Eu perguntei como assim parecer que mora na favela?

AMANDA contou que estava conversando com um amigo também do Complexo do Alemão e outros dois amigos de um bairro de classe média. Todos falavam palavrões e gírias na conversa, segundo ela, igual a qualquer carioca. Relatou então que, ao descobrirem que eles eram moradores da favela, o olhar mudou e as críticas ao seu linguajar foram mais apuradas.

JOSÉ declarou que não pode ser um estereótipo de morador da favela o falar palavrão. Ele detesta palavrões. Não fala em nenhum momento e acha que vê como uma forma de discriminação também.

Sobre essas diferenciações de classes sociais relatadas pelo grupo, Simão (2016) afirma:

A caracterização comumente utilizada para a juventude de origem popular sobre seus estilos, gostos e práticas culturais está intimamente relacionada à posição destes no espaço social, o que expressa a concepção eminentemente erudita e intelectualizada que define o que é distinto e o que é vulgar, promovendo uma verdadeira diferenciação entre as classes sociais. (SIMÃO, 2016)

Torna-se indispensável compreender que os jovens são diferentes entre si, carregando traços identitários diferentes neles mesmos, e não podem ser reduzidos a uma categoria estereotipada ou generalizada. Inclusive os de origem mais humilde. Jovens são frutos da diferença, marca de onde vivem. Cada hábito, costume, cultura, preferência... Sua construção se dá por relações sociais variadas, produzindo ou não pertencimento ou estranhamento.

A experiência de ser jovem negro, pobre, morador de favela, de circular em espaços geralmente precarizados, impõe a este sujeito uma condição subalternizada e desumana. Portanto, por mais que possamos falar dos abismos sociais de uma sociedade desigual como a nossa, se queremos construir pontes entre a realidade de hoje e uma utopia de justiça social e de direito à cidade, é preciso retomar a dimensão da diferença, como forma de garantir que a vida dos jovens de origem popular não seja reduzida, mas ao contrário, afirmada como direito. (SIMÃO 2016)

A definição do estereótipo do jovem morador da periferia amplamente relatada entre os jovens do grupo focal passa também por uma estetização perversa, sustentada principalmente pelos critérios morais que hierarquizam os indivíduos segundo critérios estéticos largamente difundidos, disseminando uma estética periférica que se contrapõe ao belo e bem feito. Seus hábitos, roupas, músicas, cabelos e comportamentos são caracterizados como vulgares. Há uma estrutura que sustenta diversos elementos externos que traduz os gostos, hábitos e modos de ser por um viés negativo, censurando suas roupas,

suas músicas, sua linguagem, em uma clara tentativa de se anular o que não se pretende estar no espaço urbano.

Todavia, como considera Santos (2002), as “minorias” também podem se apropriar dos meios técnicos e tecnologias utilizadas em benefício da cultura de massa e da cultura hegemônica para promover a revanche da cultura popular: (...) os pobres abrem um debate novo, às vezes silencioso, às vezes ruidoso, com as populações e coisas já presentes, encontrando novos usos e finalidades para objetos e técnicas e também novas articulações e novas normas de vida social (SANTOS, 2002, p. 326).

Os jovens de origem popular experimentam uma diversidade de gostos musicais e lazer, o que muitas vezes é visto apenas como um universo homogêneo, reforçando ainda mais a tensão entre a cultura de dentro e fora da favela, oposição fortemente construída do que seria culturalmente aceito ou legítimo contrastando com o imoral, ilegal e vulgar.

Considerando a força da indústria cultural e sua capacidade em criar e difundir hábitos, os jovens são cada vez mais capturados pelo apelo de serem corporeamente e socialmente adaptados a um modelo hegemônico. Sendo assim, as estéticas de si e do mundo no universo dos jovens populares são cruzadas pelo olhar discricionário e preconceituoso que tende a invisibilizar este corpo e suas construções no contexto urbano. (SIMÃO, 2016)

Dentro do mesmo contexto do jovem morador da favela e o habitar a cidade, é válido relatar também as diferenças territoriais de direitos. No Rio de Janeiro como em outras grandes cidades do Brasil, a distinção territorial de direitos é uma experiência cotidiana e massacrante. Viver na cidade não é garantia de qualidade, de dignidade, de humanização. A cidade produz espaços de restrição de direitos para os jovens, que são qualificados de maneira hierarquizada e distinta.

Durante os diálogos do grupo, os meninos e meninas nas rodas de conversas relataram injustiças na disponibilidade de equipamentos culturais, de lazer, além de relatarem ausências de serviços como transporte, educação e saúde também. Em muitos momentos apresentavam-se como restrito apenas às favelas. Uma clara restrição à mobilidade urbana, hora pela ausência real de todos esses equipamentos e hora pelos entraves gerados pela distância, custo e até mesmo a incompatibilidade com as práticas do lugar.

Em *O Direito à Cidade*, Lefebvre (2001, p. 14) afirma:

A cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso. (LEFEBVRE, 2001, p. 14)

Sem nunca ter lido Lefebvre, em nenhum momento da sua vida, ANDRÉ chama a atenção para os investimentos de transporte, lazer e cultura na Nova Brasília (muitos

construídos nas obras do PAC). Ao perguntar sobre o que os jovens fazem para se divertir na favela, ele foi o primeiro a responder:

*Está tudo quebrado e destruído. Que valor nós temos na favela? Até o teleférico parou de funcionar. Ninguém liga. Apenas os projetos (sociais) fazem atividades de esportes e lazer aqui. Quando passo por outros bairros na zona sul (em referência à zona sul do rio de Janeiro, onde muitos bairros são privilegiados de equipamentos urbanos), fico de bobeira<sup>58</sup>. E tudo vazio. ANDRÉ*

AMANDA e BRUNA fizeram referência às atividades da Vila Olímpica Carlos Castilho, no complexo do Alemão. Elas relataram que os eventos esportivos são gratuitos e de grande qualidade.

Todos do grupo, em seus relatos, demonstraram perceber que vivem em uma distinção territorial de direitos. Todos apresentaram o shopping como a opção cultural e de lazer fora das favelas. Até mesmo a praia<sup>59</sup>, que poderia aparecer como um impedimento físico, devido à distância e à precariedade do transporte urbano, tem outro motivo para não estar entre as primeiras opções de lazer destes jovens: sentem-se constrangidos, algumas vezes, de frequentar os bairros nobres, onde se encontram as praias próprias para o banho.

Em 2005, De Melo e Peres também denunciavam essa desigualdade de distribuição nos equipamentos de lazer na cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>58</sup> Ficar de bobeira: Ficar tão surpreendido, ou impactado, por alguma coisa a ponto de não emitir qualquer reação, apenas parar e assimilar. <https://www.dicionarioinformal.com.br/ficar+de+bobeira/> . Acesso em 02 jan 2023.

<sup>59</sup> Visto que a esmagadora maioria das praias da Zona Norte do Rio de Janeiro foram aterradas pela urbanização da cidade ou encontram-se impróprias para o banho.

**Tabela 5: Distribuição dos equipamentos de lazer na cidade do Rio de Janeiro. (2005)**

Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas	Total	%	Museus	%	Bibliotecas	%	Centros Culturais	%	Parques e Florestas	%	Teatros	%	Salas de Cinema	%
<b>Total</b>	<b>440</b>		<b>66</b>	<b>15,0%</b>	<b>44</b>	<b>10,0%</b>	<b>48</b>	<b>10,9%</b>	<b>16</b>	<b>3,6%</b>	<b>119</b>	<b>27,0%</b>	<b>147</b>	<b>33,4%</b>
Área de Planejamento 1	105	23,9%	33	50,0%	11	25,0%	23	47,9%	2	12,5%	30	25,2%	6	4,1%
I Portuária	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
II Centro	84	19,1%	24	36,4%	6	13,6%	20	41,7%	1	6,3%	27	22,7%	6	4,1%
III Rio Comprido	4	0,9%	1	1,5%	2	4,5%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,8%	0	0,0%
VII São Cristóvão	7	1,6%	5	7,6%	1	2,3%	0	0,0%	1	6,3%	0	0,0%	0	0,0%
XXI Paqueta	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
XXIII Santa Teresa	10	2,3%	3	4,5%	2	4,5%	3	6,3%	0	0,0%	2	1,7%	0	0,0%
Área de Planejamento 2	185	42,0%	23	34,8%	17	38,6%	21	43,8%	10	62,5%	64	53,8%	50	34,0%
IV Botafogo	76	17,3%	13	19,7%	12	27,3%	8	16,7%	1	6,3%	20	16,8%	22	15,0%
V Copacabana	20	4,5%	1	1,5%	1	2,3%	1	2,1%	1	6,3%	12	10,1%	4	2,7%
VI Lagoa	55	12,5%	7	10,6%	2	4,5%	8	16,7%	5	31,3%	19	16,0%	14	9,5%
VIII Tijuca	18	4,1%	2	3,0%	1	2,3%	1	2,1%	1	6,3%	10	8,4%	3	2,0%
IX Vila Isabel	16	3,6%	0	0,0%	1	2,3%	3	6,3%	2	12,5%	3	2,5%	7	4,8%
XXVII Rochinha	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Área de Planejamento 3	60	13,6%	5	7,6%	11	25,0%	2	4,2%	0	0,0%	11	9,2%	31	21,1%
X Ramos	2	0,5%	1	1,5%	1	2,3%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
XI Penha	7	1,6%	0	0,0%	2	4,5%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	5	3,4%
XII Inhaúma	10	2,3%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,8%	9	6,1%
XIII Méier	8	1,8%	3	4,5%	2	4,5%	0	0,0%	0	0,0%	3	2,5%	0	0,0%
XIV Irajá	11	2,5%	0	0,0%	2	4,5%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,8%	8	5,4%
XV Madureira	8	1,8%	1	1,5%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	3	2,5%	4	2,7%
XX Ilha do Governador	11	2,5%	0	0,0%	4	9,1%	2	4,2%	0	0,0%	2	1,7%	3	2,0%
XXII Anchieta	3	0,7%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,8%	2	1,4%
XXV Pavuna	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
XXVIII Jacarezinho	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
XXIX Compl Alemão	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
XXX Maré	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Área de Planejamento 4	70	15,9%	3	4,5%	1	2,3%	2	4,2%	2	12,5%	8	6,7%	54	36,7%
XVI Jacarepaguá	20	4,5%	0	0,0%	1	2,3%	2	4,2%	1	6,3%	1	0,8%	15	10,2%
XXIV Barra da Tijuca	50	11,4%	3	4,5%	0	0,0%	0	0,0%	1	6,3%	7	5,9%	39	26,5%
Área de Planejamento 5	20	4,5%	2	3,0%	4	9,1%	0	0,0%	2	12,5%	6	5,0%	6	4,1%
XVII Bangu	6	1,4%	1	1,5%	1	2,3%	0	0,0%	0	0,0%	4	3,4%	0	0,0%
XVIII Campo Grande	9	2,0%	0	0,0%	1	2,3%	0	0,0%	0	0,0%	2	1,7%	6	4,1%
XIX Santa Cruz	3	0,7%	1	1,5%	2	4,5%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
XXVI Guaratiba	2	0,5%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	2	12,5%	0	0,0%	0	0,0%

ELABORAÇÃO: MELO; PERES, 2005

De acordo com a TABELA 5, até 2005, o Complexo do Alemão, localizado na Área de Planejamento 3 (AP3) não possuía nenhum equipamento urbano de lazer e cultura.

Desde lá, até os dias de hoje, segundo os relatos do grupo, pouca coisa mudou. Os espaços de cultura e lazer que foram construídos estão em péssimas condições de uso. O cinema e a Vila Olímpica foram destaques positivos nesta abordagem e a reportagem de fevereiro deste ano do jornal “Voz das Comunidades” reforça os relatos de abandono dos jovens.

As praças do Complexo do Alemão, que deveriam proporcionar diversão e lazer as crianças, tornaram-se motivo de preocupação. Moradores vêm sofrendo com o descaso dos espaços que estão abandonados. Os brinquedos estão sujos, quebrados e descuidados. Em uma praça dentro do terreno da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do Alemão, brincar se tornou perigoso pela falta de conservação e manutenção dos equipamentos. “Vim pegar um remédio, minha

filha veio brincar, mas não tem como brincar porque está tudo quebrado”, diz Ana Carolina, moradora das Palmeiras, no Complexo do Alemão. (VOZ DAS COMUNIDADES, fevereiro de 2022)

As cidades, na teoria, transformam a vida em uma experiência de encontros e sociabilidades. No caso dos jovens do grupo, a circulação está regida por uma regulamentação maior que restringe, regula e discrimina os cidadãos, principalmente no caso dos jovens do grupo, que se sentem discriminados, quando saem da favela, conforme observado em seus relatos.

Quando se trata do meio virtual de visibilidade, a percepção muda, de acordo com os debates do grupo focal, tema a ser tratado no próximo tópico.

### **3.3 Redes Sociais E Visibilidade Para O Jovem Periférico**

Os jovens de origem periférica, como também no caso da favela Nova Brasília, buscam visibilidade através de novas representações estéticas. Suas falas representam um enorme desejo de se sentirem sujeitos criativos e potencialmente transformadores, na intenção de romper com as representações que os tornam invisíveis.

Torna-se incrivelmente avassaladora a circulação de imagens visuais e sonoras mobilizadas e expandidas em ambientes digitais privados e corporativos (televisão por assinatura, Facebook, sites, telefonia celular) que constituem o mercado cultural em extensão global. Fronteiras culturais mais ou menos rígidas são fragilizadas, travessadas e, até mesmo, diluídas diante da massificação da produção e consumo de signos efêmeros. (BARBOSA, 2020)

É nesse antagonismo, onde o mesmo jovem estigmatizado pelo seu espaço de origem se mostra influente, por meio de mídias digitais e redes sociais, encontrando seu próprio espaço de (re)significação. Enquanto partes dos grandes meios de comunicação colabora para disseminar uma representação do jovem favelado violento e ameaçador, o grupo apresentou-se muito otimista.

Entrar na comunicação digital foi um passo decisivo para sair da situação de viver no gueto e buscar outras experiências mais alargadas de cultura e sociabilidade. Estamos diante de tensões de recodificação de autores e reconfiguração de conteúdos nas mídias virtuais. Nas ruas os jovens e as jovens das favelas e periferias não são reconhecido(a)s como cidadãos plenos e cidadãs plenas. Não possuem sua cidadania reconhecida, seus corpos não estão abrigados e suas vidas são radicalmente desrespeitadas. (BARBOSA 2020)

Entre os relatos, destaco aqui alguns:

*As nossas dancinhas ganharam o Tik Tok. Não apenas as que fazem apologia. As dancinhas maneiras também.* LUCAS

*Tem o Voz das Comunidades, do Renê (Silva), tem o Raul (Santiago). Várias pessoas ganhando mídia também.* BRUNA

*As músicas da favela sempre fazem sucesso na voz do funkeiro e nos passinhos. Por mais que as pessoas tenham preconceito, no Rio não tem jeito, mano. Vai tocar e vai animar a rapaziada. Independente do bairro.* JOÃO

*No Rio, não. No mundo.* ANDRÉ

Sobre esse contexto, Barbosa (2020) afirma que os modos de pensar e agir ainda estão em disputa no contexto da globalização colonizadora de imaginários. O domínio de tecnologias de produção e difusão para mobilizar novas experiências territoriais se tornou fundamental e, no seu desdobramento de realização de ações, faz emergir a construção de territorialidades de diferentes manifestações de existências. É possível identificar a emergência de marcações de pertencimentos em outros repertórios contrapontísticos ao regime hegemônico de produção e consumo de bens e serviços simbólicos massificados. Portanto, movimentos inovadores de construção de visibilidades corpóreas de direitos estão em curso. É neste sentido que as mídias digitais apresentam sua importância na disputa de imaginários no contemporâneo.

É inegável a capacidade que os jovens demonstram em transformar rapidamente as relações virtuais em territorialidade, em corporeidade. As relações travadas no campo do virtual não permitem apenas um modo novo de promover o encontro em meio às dificuldades estabelecidas nos termos da circulação e da mobilidade urbanas. Os jovens travam seus diálogos virtuais, mas os trazem para as ruas. Se na internet podem apresentar seus gostos, seu modo de pensar, suas habilidades, estes elementos ganham as ruas das favelas através de práticas de significação territorializadas e corporificadas. (SIMÃO, 2016)

A internet está cada vez mais disponível para os jovens do Complexo do Alemão. Segundo os dados do IBGE<sup>60</sup>, divulgados em setembro de 2022, mais de 90% dos jovens brasileiros possuem acesso à internet. No nosso grupo não é diferente: todos acessam a internet pelo celular. Algumas vezes falam não ter como colocar crédito para acesso, mas usam no wi-fi de algum lugar gratuitamente. Nenhum deles fica mais de 24h sem acesso.

Entre as redes sociais mais usadas pelos jovens do grupo, a maioria usa WhatsApp e Instagram. Apenas 2 usam Twitter e um usa Facebook. Outras redes sociais não foram citadas. Também indaguei sobre suas percepções sobre outros jovens da Nova Brasília e o uso do celular e internet. Todos afirmaram que a imensa maioria dos jovens de lá possuem celular e acesso à rede. Na visão dos jovens do grupo focal, raramente e de forma temporária

---

<sup>60</sup> Pesquisado em outubro de 2022 no sítio eletrônico do IBGE em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

isso não se confirma. Apenas JOSÉ afirmou que usa o smartphone para estudar. Os outros apenas para entretenimento e relações pessoais.

Com a popularização da internet e o acesso as redes digitais, os jovens apresentam um ativismo em redes digitais que confirma coletivos políticos da cena urbana em seu sentido plural, não se tratando apenas de movimentos de identidade em causa única e sim da multiplicidade de desejos encarnados em uma prática de pertencimento sociocultural expostos em suas danças, pinturas, músicas, poesias e todo estilo retraduzido de culturas globais. Desta forma que as diferenças socioculturais podem emergir como potência de mudança e disposição, contrapondo aos regimes de hierarquização social.

Trata-se, portanto, de uma redescoberta do sentimento de pertencimento ao território colocando em questão a alienação cultural ou a marginalização pelo consumo impulsionado pela globalização. É desse movimento que emergem novas construções identitárias de (re)encontros com tradições culturais e de (re)traduções estéticas contemporâneas. É por essa via que galeras vinculadas às rodas culturais de hip hop, do slam e dos bailes funks reverberam seus repertórios para além de sua geografia local, apresentando suas performances estéticas para além das vivências territorializadas em suas comunidades de morada. (BARBOSA, 2020)

Por fim, a realidade dos jovens do grupo está muito mais calcada no cotidiano da rua. Churrasco, futebol, bate papo no portão, namoros, festas se apresentam como redes de sociabilidades tecidas no cotidiano da rua. Os poucos espaços públicos e a questão da mobilidade urbana atrapalham, na visão deles, a experiência da vivência cultural na rua. Os jovens encontram muita dificuldade em decodificar a cidade como um todo e ter uma maior autoria da sua vida diante dos estigmas e de uma sociedade que tende o que pode ser ou não aceitável.

Pensar igualdade e diferença como referenciais na construção de uma sociedade mais justa e democrática, onde os jovens se sintam acolhidos e valorizados para se projetarem.

### **3.4 Drogas, Tráfico E Confinamento Sob O Olhar Jovens**

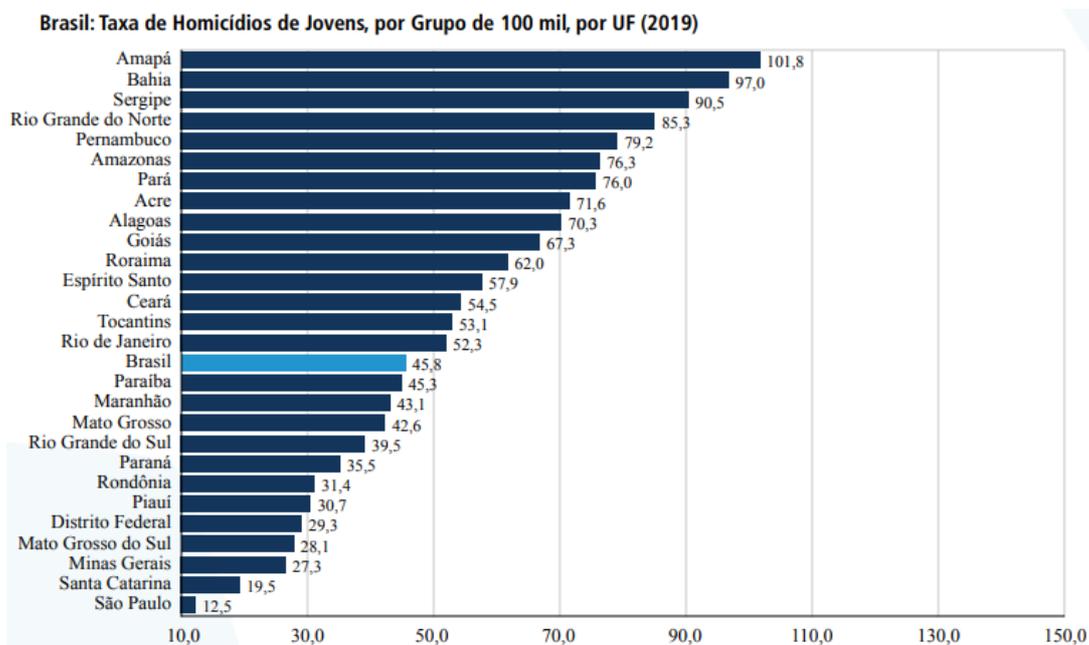
De acordo com o Atlas da Violência publicado em 2021 pelo IPEA, no Brasil, os jovens de 15 a 29 anos são os que apresentam mais riscos de serem vítimas de homicídios no mundo. No contexto do continente americano, os fatores estruturais que causam essa mortalidade violenta são os conflitos frutos da ação do crime organizado e das mortes decorrentes do uso de armas de fogo, que acordo com o mesmo estudo.

No Brasil, a violência é a principal causa de mortes dos jovens (IPEA, 2021). A cada 100 jovens entre 15 e 24 anos (idade dos participantes do grupo focal) que morreram no país em 2019, 39 foram vítimas da violência letal. Perfaz uma média de 64 jovens assassinados por dia no país.

O Estado do Rio de Janeiro em 2019 estava com a taxa de homicídios de jovens de 52,3 para cada grupo de 100 mil, acima da média nacional, que foi 45,8. Ainda assim, o Estado do Rio de Janeiro apresentou queda desses homicídios no período nos últimos 10 anos. (IPEA, 2021). O gráfico a seguir apresenta a comparação com outras Unidades da

Federação e a tabela com os números absolutos do próprio estado, de acordo com o Atlas da Violência do IPEA.

**Tabela/Gráfico 6:  
Brasil: Taxa de Homicídio de Jovens, por grupo de 100 mil, por UF (2019)**



Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica e MS/SVS/CGIAE – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Considerou-se jovens indivíduos entre 15 e 29 anos. Elaboração: Diest/Ipea, FBSP e IJSN.

**Tabela/Gráfico 7:  
Brasil: número de homicídios de jovens  
na Faixa Etária de 15 a 29 anos de idade,  
por UF (2009 a 2019)**

**Brasil: Número de Homicídios de Jovens na Faixa Etária de 15 a 29 anos de Idade, por UF (2009 a 2019)**

	Número de Homicídios de Jovens											Variação %		
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2009 a 2019	2014 a 2019	2018 a 2019
<b>Brasil</b>	<b>28.267</b>	<b>28.562</b>	<b>27.930</b>	<b>30.609</b>	<b>30.689</b>	<b>32.436</b>	<b>31.264</b>	<b>33.590</b>	<b>35.783</b>	<b>30.873</b>	<b>23.327</b>	<b>-17,5%</b>	<b>-28,1%</b>	<b>-24,4%</b>
Acre	78	74	73	101	119	111	105	194	297	235	174	123,1%	56,8%	-26,0%
Alagoas	1.115	1.287	1.321	1.231	1.313	1.243	1.049	1.079	1.134	843	620	-44,4%	-50,1%	-26,5%
Amapá	108	168	122	164	147	162	165	233	236	279	251	132,4%	54,9%	-10,0%
Amazonas	540	634	791	732	659	678	809	782	943	859	917	69,8%	35,3%	6,8%
Bahia	3.427	3.571	3.221	3.662	3.338	3.553	3.559	4.358	4.522	4.141	3.599	5,0%	1,3%	-13,1%
Ceará	1.196	1.494	1.568	2.329	2.705	2.831	2.450	2.102	3.348	2.812	1.285	7,4%	-54,6%	-54,3%
Distrito Federal	523	452	493	517	465	453	382	409	325	271	244	-53,3%	-46,1%	-10,0%
Espírito Santo	1.164	1.036	1.005	969	985	958	830	707	848	618	569	-51,1%	-40,6%	-7,9%
Goiás	977	1.088	1.201	1.518	1.598	1.568	1.618	1.675	1.601	1.442	1.188	21,6%	-24,2%	-17,6%
Maranhão	775	837	820	952	1.171	1.311	1.257	1.212	1.112	976	801	3,4%	-38,9%	-17,9%
Mato Grosso	469	462	474	544	541	636	529	516	463	425	366	-22,0%	-42,5%	-13,9%
Mato Grosso do Sul	354	292	307	291	265	322	264	274	275	239	191	-46,0%	-40,7%	-20,1%
Minas Gerais	2.062	1.956	2.250	2.512	2.595	2.573	2.378	2.513	2.217	1.626	1.349	-34,6%	-47,6%	-17,0%
Pará	1.717	1.935	1.758	1.799	1.785	1.821	1.936	2.266	2.451	2.418	1.791	4,3%	-1,6%	-25,9%
Paraíba	710	834	915	901	893	869	828	699	709	652	441	-37,9%	-49,3%	-32,4%
Paraná	2.078	1.970	1.786	1.870	1.538	1.473	1.471	1.574	1.361	1.155	960	-53,8%	-34,8%	-16,9%
Pernambuco	2.281	1.977	1.928	1.815	1.709	1.881	2.143	2.512	3.167	2.269	1.882	-17,5%	0,1%	-17,1%
Piauí	205	195	223	269	329	392	328	367	313	310	243	18,5%	-38,0%	-21,6%
Rio de Janeiro	2.841	3.020	2.409	2.397	2.693	3.027	2.761	3.386	3.576	3.724	2.013	-29,1%	-33,5%	-45,9%
Rio Grande do Norte	455	439	596	649	883	1.002	939	1.129	1.366	1.067	760	67,0%	-24,2%	-28,8%
Rio Grande do Sul	1.081	983	1.018	1.149	1.078	1.323	1.391	1.608	1.639	1.291	996	-7,9%	-24,7%	-22,9%
Rondônia	231	226	187	230	212	229	261	261	228	184	154	-33,3%	-32,8%	-16,3%
Roraima	52	52	39	70	78	56	77	92	100	224	99	90,4%	76,8%	-55,8%
Santa Catarina	429	380	389	407	369	402	442	475	527	393	338	-21,2%	-15,9%	-14,0%
São Paulo	2.940	2.671	2.505	2.875	2.552	2.751	2.333	2.017	1.955	1.461	1.316	-55,2%	-52,2%	-9,9%
Sergipe	324	351	371	474	520	623	716	869	767	663	556	71,6%	-10,8%	-16,1%
Tocantins	135	178	160	182	149	188	243	281	303	296	224	65,9%	19,1%	-24,3%

Fonte: MS/SVS/CGIAE – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CID's 10: X85-Y09 e Y35, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Considerou-se jovens indivíduos entre 15 e 29 anos. Elaboração: Diest/Ipea, FBSP e USN.

Para o jovem morador de favelas no Rio de Janeiro, além de conviver com problemas como a pobreza, a falta de acesso aos equipamentos sociais suficientes e adequados, a violência entre a venda de drogas e a polícia também pode ser fazer presente em suas vidas.

O tráfico de drogas no Rio de Janeiro não coincide com o estabelecimento das favelas na cidade. De acordo com Nesimi e Botelho (2020), o tráfico ganha fôlego na década de 1980 com a entrada da cocaína nos mercados de drogas situados nas favelas. A organização de facções do crime se deve ao fluxo de dinheiro decorrente do varejo da droga exercido nessas comunidades: voltado a consumidores de classe média, a operação de venda final de um produto que percorre um circuito internacional compensa os riscos da ilegalidade e da violência envolvida na tarefa. Um verdadeiro exército de trabalhadores do crime se articula a esse circuito do varejo montado nas principais e maiores favelas do Rio de Janeiro.

Para Zamora (1999), os moradores das favelas nada têm a ver com o comércio de drogas e nem com o conflito gerado por ele, podem ser limitados em sua circulação ou terminar em situação de confinamento em suas próprias casas.

Para sobreviver nessas circunstâncias, muitos moradores obedecem à “lei do silêncio” e às leis instituídas pela facção do tráfico dominante no local, não reconhecendo nas instâncias protetoras do Estado a garantia dos seus direitos fundamentais. Não só o Estado tem sido falho em cumprir com sua parte no contrato social, como o comportamento da polícia apresenta um histórico de violência letal e corrupção, fazendo com que sejam temidos e detestados nas localidades pobres (CANO, 1997).

Muitas vezes, confrontado pela escassez de emprego viável e estável, o tráfico se torna uma alternativa para muitos adolescentes e crianças, notadamente um recrutamento cada vez mais cedo. Algumas vezes a pressão social e familiar para largar a escola e trabalhar colabora para que esses jovens passem a ser responsáveis pela sua sobrevivência pessoal e de suas famílias corroboram para esse contexto.

A inserção precoce de crianças e adolescentes no mundo do trabalho é uma realidade que vem sendo debatida por pesquisadores de diversos países. A exploração da mão de obra infanto-juvenil está atrelada a diversos fatores, dentre os quais sobressaem a miséria, o desemprego, a desigualdade social, falta de políticas públicas voltadas para o bem-estar social. Além disso, pode ser associada a padrões culturais muito presentes em nossa sociedade que ressaltam o caráter dignificante do trabalho, independentemente da idade ou sexo. Há também outros determinantes na inserção precoce no trabalho, que envolvem a necessidade, referida pelos adolescentes, de liberdade, de autonomia, de poder, de acesso a bens de consumo, possibilitados pelo trabalho e pelo dinheiro. (VILHENA, ET AL, 2004)

Um relatório de pesquisa, realizado com jovens, aponta que 41,2% dos jovens em atendimento no sistema aplicado de proteção no Rio de Janeiro iniciaram no tráfico por necessidades econômicas. Desenvolviam diversas atividades desde a venda, gerência ou segurança da “boca de fumo”, as quais “garantiam aos jovens remuneração bastante superior a que eles poderiam arrecadar em suas atividades laborais no chamado “mercado comum da sociedade” (ENSP/Fiocruz, 1999, p.144).

Este tópico também foi abordado, de forma cautelosa, entre os jovens do grupo focal. Ao abordar a citação de Vilhena et al. (2004) em nosso encontro, que diz que

“Apesar dos aspectos negativos atribuídos à participação no tráfico (morte, violência policial, punição pelos companheiros, etc), esses jovens atribuem um sentido positivo que ultrapassa a aquisição de dinheiro e bens de consumo, relacionado ao poder e respeito adquiridos na comunidade (mesmo por coerção e porte de armas de fogo) e o acesso às mulheres. Dessa forma, observa-se que outros elementos comparecem na dinâmica do tráfico, os quais sustentam práticas, reforçam o envolvimento e premiam o jovem envolvido. Mercadorias amadas, fetichizadas: tênis, mochila, roupas, tudo “de marca”, motel, mulher, pó, armas, restaurantes... os meninos do tráfico também querem as festas do consumo!”

Ao abordar esse assunto na reunião do grupo, questionei se tal afirmação seria verídica. No início, percebi o grupo não estava seguro para falar deste tema. Muitos se esquivaram. Depois que ANDRÉ falou sobre o tema, ele encorajou outros a também relatarem suas experiências. Vale lembrar que, no fim deste encontro, duas situações aconteceram: primeiro que eles reafirmaram a necessidade do anonimato nos relatos. Também pela declaração de MARIA, que falou apenas quando todos saíram.

Quando indagados sobre quando o tráfico vira uma opção para jovens moradores de favela, destaco aqui:

*“Não é totalmente verdade e nem totalmente mentira. É preciso coragem para fazer parte do bicho. Meus amigos estão lá. Uns já até morreram em confronto. Não consigo ver que seja isso tudo tão positivo assim”* MATHEUS

*“Essa realidade a gente vê todo dia, gente. Não dá pra ser hipócrita não. Claro que acontece na nossa cara. Eu não quero essa vida.”* JOÃO

*“Minha mãe me mata antes. Ela vai me buscar onde eu estiver, filho.”* ANDRÉ

*“Poder comprar uma roupa maneira, um tênis bolado, até uma moto mesmo... é uma tentação. Mas não vale a pena não.”* JOÃO.

*Muita gente entra pra boca por esses motivos mesmos. Vai arrumar o que lá fora? Parou de estudar, trabalha desde cedo, não tem nenhuma ideia do que fazer da vida. Se o cara tiver coragem, vai mesmo.”* MARIA disse após todos saírem<sup>61</sup>.

Esta análise não fica apenas nos aspectos econômicos da questão. O quadro não se explica adequadamente quando não se aprofunda também sobre as relações familiares e sociais, nas quais se estabelece a situação de pobreza que assola as favelas e as periferias das grandes cidades, marcadas pela exclusão social e a violência.

Realmente, os conflitos associados ao mercado ilegal das drogas têm um impacto direto e indireto nas vidas diárias de moradores de favelas e eles são uma ameaça ao bem-estar, desenvolvimento integral e mesmo à sobrevivência das crianças e jovens. Ocorre, nessas condições, uma clara perda do tempo, do sentimento de infância, da possibilidade de troca com seus iguais, de se enriquecer com a aprendizagem coletiva, de circular livremente, enfim, de brincar. Há um retraimento da vida social nas favelas que definimos como confinamento e que está estreitamente relacionado com a violência cotidiana, condicionado principalmente pelo narcotráfico e a ação policial, com o enfraquecimento de sociabilidade e solidariedade (ZAMORA, 1999). Nesse sentido, buscamos ressaltar que as vidas de

---

<sup>61</sup> Confirmei se esse relato poderia constar, ela disse que sim. Disse que não falou na frente dos outros já que a maioria iria discordar.

crianças e jovens em favelas cariocas são impactadas pela violência, em suas diversas formas de manifestação, presentes no cotidiano, a qual articula as relações familiares e produz padrões subjetivos e de sociabilidade muito particulares, como observado nos próprios relatos do grupo.

Ao mesmo tempo em que o assunto se tornou tenso e preocupante no grupo, os jovens participantes deixaram claro, que por mais tentador que fosse, os caminhos escolhidos por eles seriam diferentes dos amigos e familiares que não resistiram. Sem dúvida, o tráfico de drogas confere aos jovens um status de poder, cativando-os a viver em um mundo de ganhos fáceis, ameaçando a vida dessas jovens em idade tão precoce.

Embora difíceis, suas trajetórias mostram que é possível a ruptura, quando essas pessoas, munidas de vontade, expectativas e sonhos, procuram mediações e estratégias de transformação. As dificuldades reais de mudança e as possibilidades de retorno ao crime ficaram patentes. Os casos de retorno ou recaída de jovens que não veem outro caminho a não ser o que já trilharam são emblemáticos para se discutir as necessidades de apoio e de referências fortes no seu meio social. (MEIRELES; GOMEZ, 2009) É preciso também dar relevância às experiências impactantes que marcaram a vida desses jovens, sobretudo o seu confronto com a morte e com a crueldade humana. Qualquer projeto de futuro, sem dúvida, terá como pano de fundo tais vivências. Mais que nunca, os egressos do tráfico precisam de uma rede de proteção social em torno de si, para amparar e tornar realidade sua enorme vontade de dar uma virada na vida, de olhar, pensar e sentir o mundo com outros valores e conceitos e, acima de tudo, descobrir que podem novamente sonhar.

### **3.5 As Dificuldades Na Inserção Do Trabalho E A Falácia Do Empreendedorismo Individual**

Outro ponto a ser debatido nesta etapa da pesquisa são as mazelas do modelo neoliberal, não somente nas favelas, como em toda sociedade capitalista moderna. Observa-se que, nas últimas décadas, as condições de vida de uma grande parte da população brasileira (sobretudo nas favelas), foram alteradas por fatores como o aumento do trabalho informal, os baixos salários e a ausência de programas habitacionais efetivos.

Sobre isso, Aragão (2011, p. 20) afirma:

Na atualidade, tal situação parece-nos agravada, ainda que se tenham registrado elevados níveis de crescimento nesses períodos (como os que se manifestaram na década de 1970), quando a economia era orientada pelos PNDs, sustentados por investimentos estrangeiros e forte intervencionismo estatal. Nos anos seguintes, acredita-se, não houve uma ruptura com os períodos anteriores, mas sim uma continuidade, dir-se-ia, perversa. Dessa maneira, a luta pela sobrevivência passou a ser cada vez mais marcada pela precariedade do acesso às ocupações, à moradia, entre outros direitos sociais. (ARAGÃO, 2011, p. 20)

Concomitantemente ocorre a exploração do trabalho, acentuam-se determinados padrões de acesso a renda e moradia e elege-se a primazia do mercado e do consumo. Aragão (2011, p. 20) complementa:

Neste percurso, emerge a interpretação de que, o que subjaz em torno de um crescimento econômico que não encontra paralelo com os desideratos da justiça social, é a reiteração do processo de acumulação e suas condições de manutenção (Pág. 20).

A exploração do trabalho se contrapõe à ausência de tempo livre, degradação da vida cotidiana e a passividade despolitização da vida social do outro. Neste cenário, é importante ressaltar o Estado como reprodutor da exploração, mascarando e garantindo esse papel. O Estado aparece como reprodutor ideológico também, conforme afirma Hirata (1980).

Na forma de existência social do capitalismo, o Estado capitalista não é um instrumento da classe dominante nem um estado de sujeito: o seu grau de autonomia baseia-se na expressão dos interesses totais do capital, podendo mesmo violar os interesses capitalistas individuais. É essa jurisprudência da externalização do capital que permite ao Estado cumprir sua função ideológica no processo de seu desenvolvimento como capital social total para realizar sua reprodução. Pela função da ideologia, entendemos a capacidade do Estado de se apresentar como representante de todos os interesses e como instância universal, desde que seja o lugar onde as contradições reais se expressam no modelo consensual. Este papel integrado do Estado oculta o comportamento predatório dos capitalistas individuais em assuntos sociais e é essencial para garantir a “reprodução das relações de exploração” e o estado regenerador de capitais múltiplos.

Sobre os espaços das favelas, Aragão (2011, p.27) afirma:

Em outras palavras, certos espaços da cidade, considerados “subnormais”, são resultantes da própria lógica do processo de valorização do capital em seu *movimento*. Assim, parece-nos possível recuperar não apenas os termos da alienação, mas a partir de uma crítica, refletir sobre as possibilidades de sua superação, sobretudo nos momentos em que os espaços favelados, vistos como problema, assumem representações com consequências negativas sobre os trabalhadores que nelas vivem; que também são momentos em que as soluções para a equação dos problemas, quase sempre de cunho burguês apontam para longe, envolvendo remoções, repressões de toda a sorte a até mesmo atrocidades até hoje não explicadas. De forma geral, na maioria das definições, sobretudo nas oficiais, a favela é conceituada por suas carências e ausências, esquecendo-se, inúmeras vezes, de que tais carências resultam do próprio processo de produção do espaço urbano. Por essa razão, a favela não deve ser vista como a anticidade, mas sim como um componente cuja funcionalidade contribui para que o sistema de acumulação se reproduza (ARAGÃO, 2011, p. 27)

E conclui com a contribuição de Lefebvre (apud ARAGÃO, 2011):

[...] Essas contradições desencadeiam ou aprofundam tensões entre o “instituinte” e o “instituído”, embora estejam incluídas na lógica da acumulação de capital, a partir de certas apropriações do espaço. O *seu outro* – ou se quisermos, o seu negativo – subjaz na alienação dos produtos do trabalho. Em terceiro lugar, nesse processo de (re)produção política, destacamos a ideia de que a dialética entre as representações e o real possui um papel importante, o que implica o desvendamento da lógica da distribuição conforme a crítica à economia política levantada por Marx na sua concepção trinitária. A lógica formal da economia política, simplificadamente, aponta que do produto do trabalho resulta o salário, do uso da terra, a renda fundiária, e do capital, o lucro e o próprio estado,

através de diversos mecanismos, que abafa essas contradições (LEFEBVRE, 1976 apud ARAGAO, 2011).

Quando se realiza um planejamento para as entrevistas em grupo focal, o pesquisador deve estar preparado para os obstáculos e as novas trilhas que as entrevistas possibilitam abrir. Inicialmente, este tópico sobre empreendedorismo individual não havia sido previsto no questionário preparado para as conversas do grupo focal. Talvez não desta forma. As conversas com o grupo engrandeceram de tal forma este assunto que, por coerência, achei melhor explaná-lo com a mesma prioridade em que o assunto foi debatido nas conversas.

O grupo focal composto por jovens moradores do Complexo do Alemão, de idade entre 18 e 28 anos acabou levando, em todas as reuniões, os assuntos abordados para o caminho do trabalho e emprego. Para falar sobre esse tema, faz-se necessário levantar dois questionamentos:

O primeiro é considerar as diferenças entre os jovens de diferentes classes sociais. As condições socioeconômicas em que vivem os 34,1 milhões de jovens brasileiros entre 15 e 24 anos (IBGE, 2011), à semelhança do quadro geral da população brasileira, também são muito desiguais. Isso implica desigualdades no acesso desses sujeitos ao estudo e ao trabalho. Quando falamos em juventude no Brasil, então, faz-se necessário flexionar tal substantivo em número: há juventudes brasileiras, plurais.

Os jovens mais pobres ingressam mais cedo no mercado de trabalho, em condições geralmente precarizadas, e também abandonam os estudos mais cedo quando comparados aos jovens das camadas mais ricas. Esses dedicam-se exclusivamente ao estudo durante um período maior de anos, frequentemente acessando o ensino superior, e ocupam cargos de maior prestígio e maior qualificação no mercado de trabalho. (CORROCHANO et al. 2008; CORBUCCI et al. 2009).

A desigualdade social aparece significada como um dado natural da organização social e justificada como fruto de um esforço pessoal e/ou de uma herança familiar. Está claro para todos os sujeitos, independente de suas camadas sociais, que há uma desigualdade na distribuição concreta de recursos em nossa sociedade. Não obstante, isso é legitimado por uma lógica centrada no sujeito, como todas as explicações fundadas no pensamento liberal: pelo esforço, pela força de vontade de cada um. Não se olha, de fato, para esse sujeito tal como ele é: constituído no mundo, em suas relações sociais. (MOURA E POSSATO, 2012). Pensa-se em um sujeito abstrato, definido a partir de características e de potencialidades naturais e individuais.

Inevitavelmente faço uma comparação sobre as questões que envolvem trabalho e futuro em conversas com outros jovens de classe média alta e posso observar o abismo que separam as perspectivas de futuro no qual estão inseridos os jovens de ambas as realidades. O que nos leva ao outro questionamento: na referência do grupo focal, percebi a falta de perspectiva de futuro, onde a maioria do grupo já projetou suas expectativas apenas ao “terminar os estudos e trabalhar”, sem o desejo de alcançar outras realidades através da educação.

Dos 10 jovens que estão para terminar o Ensino Médio neste ano (2022), apenas três estão inscritos no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio): MARIA, JOSÉ e ANDRÉ.

Todos os outros pensam em parar de estudar para trabalhar. Em uma construção no identitário capitalista neoliberal, esse é o projeto: ‘o trabalho engrandece o homem’ ou ainda, em uma atualização desse dizer, ‘ganhar dinheiro engrandece o homem’ – quando não necessariamente ocorre pelo meio do trabalho, e sim, por investimentos. Ouvi esse ditado por pelo menos dois participantes nos encontros. Relataram a dificuldade enfrentada na percepção de fazer uma graduação. Sempre afirmavam que precisavam trabalhar.

Em diversos momentos eles relatavam a dificuldade de se encontrar emprego. Muitos afirmavam que precisavam parar de ser sustentados pelos pais e possuir independência financeira. Toda preocupação se justifica pela situação econômica que atravessam os mais pobres no país. Durante os anos que se estenderam o projeto de governo neoliberal, protagonizado pelo atual presidente Jair Bolsonaro e endossado pelo ministro da economia Paulo Guedes, o poder de compra e a inflação reduziram as condições de vida da maior parte dos moradores de favelas. O conjunto desses fatos faz com que se cumpram as expectativas criadas para os mais pobres da sociedade: o mercado de trabalho.

Em uma busca conceitual sobre a atual realidade restauraremos os escritos de Antunes (2009). Para demonstrar o metabolismo social do capital, ele utiliza-se da teoria pensada por Mézaros (filósofo húngaro de vertente marxista 1930-2017) para amparar as suas ideias. Ele começa com a relação entre homem e natureza de o homem como sendo as origens do trabalho para prover as suas necessidades elementares, que segundo o autor não dependia de nenhuma estrutura hierárquica ou de subordinação. Uma segunda ordem de mediação surge e introduz o fetiche e a alienação como controle social e busca expandir o valor de troca e introduzir gradativamente esta mediação em todas as necessidades do indivíduo, tornando-as mercantilizáveis. A expansão do capitalismo se aprofunda em atingir não só a precarização do trabalho, mas também o meio ambiente, pois o produto em si tem valores muito inferiores ao de suas embalagens ou do orçamento de propagandas (ANTUNES, 2009). Dessa forma, o capitalismo não se satisfaz em moldar somente a forma de se trabalhar, mas imbrica-se em todas as outras esferas de vida do indivíduo.

Atualmente os direitos sociais constitucionais vêm sofrendo desgastes da ofensiva neoliberal. Para Pereira (2008), o neoliberalismo econômico se pauta em uma autorresponsabilização e uma proteção mínima do Estado que, aliada ao conservadorismo, e busca disciplina forte, resgate de valores tradicionais, como família patriarcal propriedade privada, patriotismo, bons costumes e moral, configurando em síntese a Nova Direita brasileira. Por meio do conceito de empregabilidade, que introduz aos poucos a ideia de os próprios sujeitos devem responsabilizar-se pela adequação de novas dinâmicas do mercado de trabalho, dessa forma, o desemprego e a pobreza seriam a explicação do déficit da natureza individual, seja pela falta de qualificação, competências e disposições da pessoa. Assim, para os devotos do empreendedorismo, a pobreza deve ser combatida com remédios individualistas educacionais, desenvolvendo comportamentos empreendedores aos indivíduos, atingindo resultados melhores do que políticas públicas de criação de empregos. A crítica aos adeptos ao empreendedorismo é que a sua lógica enquanto paradigma de criação de empregos e diminuição da pobreza é a transferência dos riscos da atividade empresária como a flutuação dos mercados, recairia sobre os próprios trabalhadores (CAMPOS; SOEIRO, 2016). Pereira (2008) corrobora, afirmando que “o resultado de uma política neoliberal conservadora é a limitação social do Estado, que não é mais capaz de garantir os direitos sociais, priorizando o livre-mercado em detrimento dos direitos historicamente conquistados pelos trabalhadores”.

Esta proposta de fomento ao empreendedorismo vem se destacando nos discursos da mídia e do próprio governo como solução para vários males, ou seja, da falta de postos de trabalho ao dinamismo da economia. Para Campos e Soeiro (2016), os empreendedores

de palco que lotam auditórios apresentam um discurso mais próximo de autoajuda, de um pastor evangélico que de um professor de economia, com falsas promessas e receitas rápidas baseadas no senso comum. Autores críticos da área da sociologia e economia duvidam das explicações fatalistas para fenômenos sociais complexos e de respostas individuais para problemas como desemprego e precariedade, problemas de ordem coletiva. Os autores completam afirmando que “o empreendedorismo é a palavra da moda, nas políticas públicas de muitos países, nos discursos dos governantes e na boca de dirigentes de organizações e projetos sociais, nas reportagens de jornais e programas de televisão”.

Falamos novamente sobre o mito das cavernas quando se falava em empreender. Alguns dos jovens do grupo manifestaram interesse pela logística do empreendedor individual, quando falamos no futuro. Enquanto um grupo afirmava que essa é a melhor saída do jovem carente, de ser dono do seu próprio negócio (assunto esse muito disseminado pelas mídias em geral) e que gostariam de, ao terminar os estudos, se organizar para isso, a outra parte do grupo voltara para o Mito da Caverna, apresentando ao restante do grupo a falácia do empreendedorismo de quem consegue ver por fora da caverna.

*“Eles querem que sejamos responsáveis pelo nosso fracasso e nossa derrota. O Estado quer que sejamos nós mesmos por nós mesmos. Se tudo der errado, eu não me esforcei o suficiente. Sempre assim”. JOSÉ*

*Sem falar que nem poderemos ficar doente ou ter nenhum tipo de auxílio. Meu primo trabalha 18 horas por dia em cima de uma moto. Ele até ganha dinheiro, mas se ele cai e morre, meu filho, ninguém quer saber. AMANDA*

Foi importante neste encontro discutir o trabalho, que como natureza social está calcado na coletividade, na luta de melhores condições, mas, atualmente, o neoliberalismo tem uma lógica discursiva apontando a responsabilização de cada sujeito pela sua qualificação e a sua adequação ao mercado de trabalho. Como discurso o empreendedorismo surge como uma nova ordem para o mundo, criando um novo homem, baseada no individualismo e na razão para forjar um novo trabalhador, com novas competências para ter sucesso.

O empreendedorismo, como solução para a falta de postos de trabalho, em primeiro momento, aparece como uma ideia criativa e generosa na possibilidade de altos ganhos e flexibilidade de jornada, acaba contrastando com precariedade de condições materiais, economia em crise, falta de estudo gerenciais, o que resulta em dívidas e empobrecimento, elevadas jornadas de trabalho, ou seja, servidão no trabalho. Conclui-se que o empreendedorismo se mostra como uma falácia sobre a possibilidade de substituir o trabalho formal, alicerce em que foi construída nossa sociedade, porta de entrada para o acesso a cidadania e a possibilidade de dignidade. O empreendedorismo como discurso de possibilidade de trabalho e renda para todos fracassa, pois inviável para a grande maioria dos desempregados que não tem acesso aos meios de produção, tão pouco de capital cultural para desenvolver atividades comerciais ou prestação de serviço sem nenhum amparo do Estado. O empreendedorismo como substituo do trabalho formal realiza o desserviço de enfraquecer os direitos sociais, e cria um exército de trabalhadores individualizados, precarizados jogados a própria sorte, isentando o Estado de políticas públicas de acesso ao trabalho formal, que possibilita a que o trabalhador

previna-se de situação indesejadas ou possa prever o seu futuro e sua identidade, como o seguro desemprego, auxílio doença, aposentadoria, aquisição da casa própria e outros direitos sociais historicamente conquistados pela classe trabalhadora. (DIAS JUNIOR E NOGUEIRA 2021)

No último encontro, utilizamos a temática “E O FUTURO?” e voltamos a falar sobre a questão de trabalho, emprego e oportunidades. Antes, conversamos sobre tudo o que está sendo imposto na ótica do neoliberalismo antes e que, perante a essa ótica, quais as possibilidades estão sendo oferecidas para eles, que são moradores da favela. Tema que abordarei no tópico que segue.

### **3.6 Caminhos Para O Futuro Do Jovem Periférico**

Os debates sobre trabalho e futuro eram os temas que dominavam as conversas entre os jovens do grupo, o que se justifica, em parte, no caso de jovens pobres que, muitas vezes, sem apoio familiar, devem ingressar imediatamente no mercado de trabalho: hora para ajudar no sustento da família e hora para realizar os fetiches do consumismo aplicados a eles.

O participante JOSÉ chamou a atenção ao afirmar que quando se fala do mundo de pessoas que vivem em favelas, algumas funções já estavam reservadas.

*“Impossível romper com isso.” ANDRÉ*

Estava ainda no começo da reunião e o silêncio prevaleceu alguns segundos. Talvez pela dificuldade de pensar através de outra perspectiva. Em seguida as ideias surgiram. Não consigo afirmar se todos compreenderam a lógica desta conversa, mas comparando as conversas iniciais e relatando as aflições sobre futuro e trabalho dos jovens do grupo, penso que eles reformularam a forma de enxergar o tema.

Castro *et al.* (2009) afirmam que o que tem sido observado na contemporaneidade é o prolongamento da juventude, pois essa passagem para a vida adulta acontece tradicionalmente com a saída da escola, a inserção profissional e a constituição de uma família. Com a dificuldade de se inserir no mercado de trabalho opta-se por passar mais tempo na escola e isso prolonga todo o processo até a vida adulta. Apesar das transformações sofridas ao longo da história, essas dimensões ainda ocupam lugar central e essencial no processo de autonomia e independência dos jovens.

O desejo de refletir sobre essas questões relacionadas à juventude e ao mercado de trabalho, como os jovens lidam com a insuficiência dos postos de trabalho, as dificuldades que encontram ao tentar se inserir no mercado de trabalho e como se sentem quando não obtém êxito foi o que motivou o desenvolvimento deste último encontro.

Nos encontros, os jovens sempre estavam relatando as dificuldades de se conseguir empregos e a carência de oportunidades na região. Em um dos encontros, JOSÉ chegou a falar que estava fazendo curso profissionalizante em outro bairro, distante uns 15 km de sua

casa. Reclamaram da carência de equipamentos educacionais na região, que pudessem orientá-los sobre profissões e futuro.

ANDRÉ e JOÃO, decepcionados com as poucas opções que são oferecidas aos jovens da favela, se mostraram indignados com as opções que restaram para eles:

*“Querem que a gente faça apenas as obras das casas dos ricos”*. JOÃO

*“As pessoas precisam de alguém para atender no shopping e passeador de cachorrinhos. Sobrou pra gente mesmo”*. LUIZA

*“Não que seja ruim fazer isso, mas só sobrou isso pra gente”*. BRUNA

Ao mesmo tempo, JOSÉ questionava o porquê de não ver políticas públicas de trabalho apresentadas a eles.

*“Só vejo propagandas. O pouco que é feito acontece desde quando minha mãe era jovem, tipo o CAMP Mangueira<sup>62</sup>”*

LUCAS e CARLA também afirmaram que conseguiram trabalhar, principalmente através de associação de moradores e por promoção de políticos na região. CARLA afirmou mais de uma vez a importância da ONG do Almir Napoleão<sup>63</sup>.

Para Castro *et al.* (2009), perante as dificuldades de inserção no mercado de trabalho vivenciada pelos jovens, ficam algumas alternativas. De um lado, priorizar as políticas de incentivo à inserção ao mercado de trabalho desenvolvendo cursos profissionalizantes e aperfeiçoamentos voltados ao mundo do trabalho. Por outro lado, investir em educação e assim postergar a entrada deste jovem no mercado de trabalho, porém com mais chances de sucesso quando isso ocorrer. Ainda existe um terceiro tipo, que é aquele que busca conciliar o reforço escolar com a atuação no mercado de trabalho. Infelizmente, desde muito cedo a educação profissionalizante tem sido pensada para os jovens pobres, constituindo-se em medidas paliativas e um mecanismo de educação para o trabalho.

---

<sup>62</sup> O CAMP Mangueira – Círculo de Amigos do Menino Patrulheiro da Mangueira é uma associação sem fins lucrativos que atua na comunidade da Mangueira, no Rio de Janeiro/RJ. Fundada em agosto de 1988, tem por finalidade a assistência social, com atendimento relacionado a serviços e programas destinados à proteção do adolescente e jovens em situação de vulnerabilidade. Pautada pela Lei Nº 8.741/1993 todo e qualquer atendimento aos usuários nos serviços oferecidos pela instituição ocorre de FORMA GRATUITA. Com programas voltados a integrar adolescentes e jovens ao mercado de trabalho, o CAMP fornece capacitação e auxílio para que adolescentes e jovens tenham o contato com o mercado de trabalho facilitado. Dessa forma, o CAMP os auxilia a encontrar o caminho do trabalho, superando problemas familiares e vulnerabilidades sociais.

<sup>63</sup> Vereador eleito pelo partido DC na cidade do Rio de Janeiro, em 2020 e, segundo CARLA e LUCAS, organiza uma rede de apoio ao jovem que ingressa no seu primeiro emprego.

Zaluar (1994) pontua que os programas e projetos esportivos e de educação pelo trabalho tinham como pretensão complementar ou até mesmo substituir os processos educativos formais, em especial para as classes mais pobres. Outra política desenvolvida pelo governo foi a de incentivo à contratação que consiste em reduzir os custos para a contratação do jovem.

Outro modo de incentivo utilizado é a isenção de algumas normas trabalhistas do contrato de trabalho, como por exemplo, o pagamento não integral do salário mínimo. Também temos a Política Nacional de Estimulo ao Primeiro Emprego, que consistia em subsidio de meio salário mínimo no primeiro ano. Mesmo com essas políticas de incentivo à inserção e qualificação profissional os resultados não foram muito positivos já que os postos de trabalho estão escassos. (CASTRO *et al.*,2009)

Sperotto *et al.* (2005) pontuam que o baixo crescimento da atividade econômica nos últimos anos limitou bastante a geração de novos empregos, prejudicando todos os trabalhadores. Porém, para os jovens, essas dificuldades de inserção se inscrevem ainda maiores, pois estes apresentam menor experiência no momento da disputa pelo posto de trabalho. Esses jovens vivem o dilema: precisam de experiência para conseguir um trabalho ao mesmo tempo em que precisam trabalhar para conseguir experiência, esse paradoxo contribui para a precarização das relações de trabalho e os impelem aos subempregos para pelo menos manter um certo status de trabalhador e minimizar os sentimentos de incapacidade e inutilidade para si mesmo e para a sociedade.

Mesmo com todas as políticas de emprego para os jovens, se observa muitos pontos falhos. Mesmo sendo de caráter universal, há uma linha de corte de acordo com a renda familiar do jovem em muitos projetos. Outro fator que deve ser considerado é a conscientização em que o estudo é engrenagem necessária para quem almeja um futuro promissor, já que em muitos programas, quando se aumenta o grau de escolaridade, menor a procura.

Após indagar sobre as necessidades, as dificuldades e a esperança para o futuro de cada um, destaco cinco casos abordados pelos jovens do grupo que, de forma direta, explicam toda a relação juventude x trabalho x favela.

CARLA diz que precisa trabalhar. O padrasto está desempregado e a mãe não consegue trabalho todos os dias como diarista. O trabalho para ela é uma questão de sobrevivência. Se ela não começar imediatamente, ela pode não ter condições de ter todas as refeições. Não há dinheiro para investir em seu futuro e no de sua irmã. Se aparecesse um emprego agora ela, inclusive, largaria a escola.

LUCAS se sente envergonhado de não estar trabalhando ainda. Os amigos estão. Ele precisa rápido do diploma para conseguir trabalhar em uma loja de eletrodomésticos que fica no shopping mais próximo. O seu melhor amigo disse que consegue a vaga pra ele.

LAURA trabalha para um candidato político. Durante esse ano, trabalhou em prol de sua eleição, o que aconteceu. Todos os dias, principalmente durante o período das eleições no primeiro turno, estava em alguma cidade fazendo campanha para ele. Por isso, faltou muitas vezes a escola. Ela tem uma filha de 5 anos, cujo pai não é presente. Na casa de Laura moram seu pai, sua mãe e seus 5 irmãos. Ela precisa trabalhar agora, já que é a responsável pela criação da filha.

JOSÉ ainda mora com a mãe, mas as brigas são constantes. Ainda está na segunda série do Ensino Médio e quer trabalhar para ter sua independência financeira. Sente dificuldade de arrumar empregos já que ainda está na escola, é preto e mora na favela. Vive de bicos pelo Complexo para pagar suas contas. Quer terminar logo os estudos para poder encontrar um emprego melhor.

AMANDA já trabalha em um salão. Diz que ser independente é libertador. Pode comprar o que quiser e não é julgada pelas pessoas, já que tem emprego e se vê realizada no que faz. Pensa que precisa investir em um negócio sozinha para aumentar a sua renda. Pretende parar de estudar logo.

Bauman (2008, p.73) aponta que “numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação” e ainda complementa: “Nessa sociedade, o consumo visto e tratado como vocação é ao mesmo tempo um direito e um dever humano universal que não conhece exceção”.

Desta forma, a necessidade de consumir é ditada como sendo fonte de felicidade e satisfação, de tal modo que o não consumir torna-se passível de discriminação ou visto como forma de não adequação ao modelo imposto. Destarte, o despertar do desejo pelo consumo acontece em todas as camadas sociais e quem não tem possibilidade de consumir, quase sempre se depara com a frustração. Assim, faz sentido pensar que os jovens, sem ter acesso ao mercado de trabalho formal, submetem-se facilmente aos subempregos com baixas remunerações e precárias condições de trabalho, já que precisam consumir a qualquer custo. Mesmo nestas condições, precisamos recordar que alguns jovens não conseguem inserção nem mesmo no trabalho informal. Isto nos faz pensar: Como esses jovens, sem rendimentos, conseguem sobreviver inseridos na sociedade do consumo? Essa angústia parece clara nos cinco relatos de Victor e Elisa, mostrando a necessidade de consumir para se tornar parte da sociedade. E ainda faz uma ponte com a relação com o trabalho no tráfico de drogas. Ambos atendem a mesma necessidade.

Com uma estrutura familiar diferente, e orientados de outra forma, apresento também os relatos de MARIA e JOSÉ.

MARIA quer cursar universidade pública. Não sabe exatamente o que vai cursar, acha que Artes Visuais. Sua mãe e sua avó lhe dão todo o apoio. Por também ser minha aluna, percebo um melhor envolvimento nas dinâmicas escolares. É aluna representante e bastante politizada. Sabe o seu lugar no mundo e, como mulher, negra e moradora de favela, entende que sua luta está apenas começando.

JOSÉ está decidido: quer cursar Pedagogia na UERJ. Disse que estudou em escolas públicas toda a vida e que seus professores são os seus maiores ídolos em toda sua vida. A cada um que passava por sua vida, concretizava a certeza do que queria ser: Professor de Ensino Fundamental I. Mora com os pais e eles oferecem todo o suporte para que ele possa se especializar. Ele contou que o pai disse que ele pode ser formar e não precisa trabalhar. O que trouxe maior segurança para ele.

Toda essa pluralidade quando se trata de futuro trouxe algumas reflexões para engrandecer as discussões o a pesquisa. Primeiro, sobre os reflexos das políticas públicas baseadas no modelo neoliberal – os reflexos sociais das últimas transformações no mundo do trabalho, bem como das políticas públicas baseadas no modelo neoliberal, segundo Gohn (2002) são visíveis: desemprego, qualidade de vida rebaixada e, quando não, ausente, acesso diferenciado das classes sociais à educação, lazer, informação, aumento da violência, desagregação familiar, envolvimento no mundo do crime, dentre outras.

Neste sentido, Salazar (2009) aponta que os impactos das transformações societárias se manifestam mais intensamente no mundo do trabalho, devido à precarização das condições de trabalho e do desemprego, que atinge todas as camadas sociais. Porém os segmentos das classes sociais subalternas vivem em processo de maior destruição dos direitos sociais e particularmente do direito ao trabalho.

Ainda neste mesmo modelo, outra realidade preocupante é a apontada por Zaluar (1994), que mostra que desde muito cedo a educação profissionalizante no Brasil tem sido pensada para os jovens pobres, constituindo-se em medidas paliativas e um mecanismo de educação para o trabalho. Essa mentalidade foi observada:

*“Quanto mais cursos profissionalizantes eu fizer, melhor vai ficar meu currículo para o trabalho”* MATHEUS

E também já apresentamos aqui que a mídia tem grande influência nesse olhar negativo colocado sob os jovens da periferia. Umbelino (2007) pontua que esses jovens convivem diariamente com a invisibilidade ou também com a distorção da autoimagem proporcionada pela mídia que na grande maioria das vezes relaciona os jovens da periferia com os eventos envolvendo violência e marginalidade. Araújo (2001) afirma que ser ou não reconhecido enquanto morador da periferia coloca o jovem em dilema: assumir habitar na periferia pode dar um lugar enquanto se está no próprio bairro; por outro lado, esse reconhecimento pode trazer constrangimentos frente à possível discriminação da sociedade ao reconhecer aquela região como lugar pobre.

O estigma parece fazer com que o outro não seja reconhecido em sua individualidade. Assim trata todos os jovens da periferia, por exemplo, como se fossem todos iguais. E, como já vimos anteriormente, infelizmente a representação que a periferia tem diante da sociedade é ligada à marginalidade e à violência. Desta forma, permite-se pensar que este estigma está posto sobre todos os jovens moradores da periferia. A experiência vivenciada nesta pesquisa apontou o contrário. As pessoas que vivem lá, em geral, são sonhadoras, batalhadoras, cordiais e solidárias.

É urgente ver os jovens como sujeitos com direitos e necessidades, não só para o país, mas para a sociedade como um todo, pois, ao mudar a perspectiva, pode-se ver todo o potencial que os jovens têm e juntar-se a eles. São necessárias melhorias estruturais em políticas públicas voltadas para o público jovem, principalmente o jovem pobre periférico.

## CAPÍTULO IV: ANÁLISES DE RESULTADOS

A análise dos dados procedeu-se de acordo com as recomendações para as pesquisas que utilizam GF e a abordagem qualitativa. Primeiro, ocorre uma leitura exaustiva sobre os depoimentos; em seguida, há a indexação dos dados, que consiste na ordenação e categorização dos dados a partir do tema e padrões recorrentes. Minayo (2007) afirma que essa indexação é indutiva, e as categorias surgem da absorção hermenêutica do analista do texto.

Após a categorização dos dados, os temas descritos foram submetidos a uma análise específica, com a releitura de cada categoria e construção dos subtemas. Vale ressaltar que as imersões dos subtemas e suas abordagens não estariam restritas apenas a esse capítulo, de análise de resultados. A interpretação dos dados e a aproximação com os autores que subsidiaram todo referencial teórico dessa pesquisa também foram distribuídas nos capítulos anteriores. Essa experiência permitiu que, durante as explanações com os temas basilares deste trabalho pudessem ser enriquecidas com os relatos e sentimentos debatidos nas reuniões do grupo focal.

Como já afirmado anteriormente, uma das etapas mais difíceis da técnica do grupo focal foi análise dos resultados, pois não é suficiente repetir ou transcrever o que foi dito. Para Dias (2000), o objetivo da pesquisa e o guia de entrevista podem ser utilizados para estruturar o relatório, o qual deverá conter, além da transcrição das fitas gravadas ou do que foi registrado pelo anotador, um resumo dos comentários mais importantes, conclusões e recomendações do moderador.

Utilizou-se a abordagem qualitativa de análise de conteúdos (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 226): O pesquisador decide prender-se às nuances de sentido que existem entre as unidades de análise, aos elos lógicos entre essas unidades ou entre as categorias que as reúnem, visto que a significação de um conteúdo reside largamente na especificidade de cada um de seus elementos e na das relações entre eles, especificidade que escapa amiúde ao domínio do mensurável.

Adotou-se, a seguir, a estratégia de associar os dados a um modelo teórico – a Psicodinâmica do Trabalho – com a finalidade de compará-los e melhor compreender as representações construídas pelos participantes. Buscou-se examinar as unidades de sentido, as inter-relações entre essas unidades e entre as categorias em que elas foram reunidas.

O procedimento aproxima-se da estratégia descrita por Laville e Dionne (1999, p. 227), denominada “construção iterativa de uma explicação” que se presta particularmente aos estudos de caráter exploratório. Frases representativas da fala dos participantes foram selecionadas, compondo o quadro de análise das categorias. Esta estratégia foi utilizada com o propósito de resgatar o significado e o colorido afetivo das manifestações dos participantes, ofuscados pelas diversas reduções inevitáveis no processo de tratamento dos dados e de análise do conteúdo.

Para iniciar as análises dos participantes do grupo, vou começar apresentando as características dos voluntários convidados a participar desta pesquisa:

Foram convidados 13 jovens moradores da Nova Brasília ou proximidades.

- 1- ANA, 18 anos, mora com a mãe e irmãos. Trabalha como trancista. Reside na Nova Brasília desde que nasceu.
- 2- LUIZA, 18 anos, mora com a mãe, os irmãos e a sobrinha. Foi contratada como vendedora temporária. Reside na Nova Brasília há 9 anos.
- 3- LAURA, 18 anos, mora com a mãe, irmãos e a filha. Trabalhou para um candidato político durante as eleições. Reside na Nova Brasília há 9 anos.
- 4- AMANDA, 28 anos, mora com o filho. Sua renda é o auxílio governamental. Reside na Nova Brasília há 7 anos.
- 5- BRUNA, 19 anos, mora com os pais. Não possui renda e reside nas proximidades da Nova Brasília desde que nasceu.
- 6- ANDRÉ, 19 anos, mora com a mãe e o irmão. Não trabalha e reside na Nova Brasília há 12 anos.
- 7- MARIA, 18 anos, mora com a mãe, o padastro e a irmã. É artesã e reside na Nova Brasília há 10 anos.
- 8- JOÃO, 18 anos, morava com a mãe e agora mora sozinho. Trabalha em uma provedora de internet e reside na Nova Brasília desde que nasceu.
- 9- LUCAS, 19 anos, mora com o pai e a mãe. Não trabalha e reside na Nova Brasília desde que nasceu.
- 10- JOSÉ, 18 anos, mora com os pais e irmãos. Não trabalha e reside na Nova Brasília há 8 anos.
- 11- MATHEUS, 19 anos, mora com a mãe e irmãos. Trabalha com eventos e reside nas proximidades da Nova Brasília há 14 anos.
- 12- JOANA, 23 anos, mora com a mãe, os irmãos e a filha. Não trabalha e reside na Nova Brasília há 4 anos.
- 13- CARLA, 19 anos, mora com a mãe e irmãos. Não trabalha e reside na Nova Brasília desde que nasceu.

É importante lembrar que está sendo respeitado o caráter confidencial, formalizado por meio do TCLE. Suas identidades estão mantidas em sigilo e os nomes relatados aqui são fictícios.

Seguindo a recomendação de Laville e Dionne (1999), as manifestações obtidas através dos relatos dos participantes nos encontros de grupo focal, após análise de audios e do diário de anotações, foram catalogadas de acordo com o planejamento inicial, organizada pelo moderador, relacionando três grandes eixos temáticos, para que fosse possível a análise de suas trajetórias de vida:

- 1- O jovem e a favela
- 2- O jovem e o Estado
- 3- O jovem e o futuro

Alguns relatos dos jovens participantes, pré-selecionados de acordo com o impacto causado e a influência no desenvolvimento desta pesquisa e que estavam relacionados ao eixo temático número 1 (O jovem e a favela), feitos principalmente nas reuniões de julho e agosto, foram citados na elaboração do capítulo segundo desta pesquisa.

Os relatos pré-selecionados dos encontros que diziam respeito ao eixo temático 2 (O jovem e o Estado), feito nas reuniões de setembro principalmente, também ajudaram na construção do capítulo segundo desta pesquisa. As citações de impacto neste trabalho também estão mencionadas neste capítulo.

O eixo temático 3 (O jovem e o futuro), discutido nos meses de setembro e outubro,

foram base para a construção do capítulo terceiro desta pesquisa e suas citações de impacto estão devidamente mencionadas neste capítulo.

Há uma preocupação de que a explanação dos resultados nesta parte da pesquisa caracterize uma pesquisa de análise quantitativa, com uma apresentação de caráter técnico das informações obtidas no encontro. Para que isso não ocorra, vou seguir a mesma apresentação sintética dos resultados de acordo com a definição dos eixos temáticos pré-estabelecidos.

#### **4.1 Na perspectiva do jovem e a favela**

Nos primeiros encontros, ao falar sobre a relação deles mesmos com a favela Nova Brasília e com o Complexo do Alemão, a grande maioria dos jovens não apresentou qualquer interesse em relatar uma ligação. Pelo contrário, os jovens apresentaram um certo repúdio, ou até mesmo vergonha, de falar sobre o local onde moravam. Talvez por estarem se conhecendo naquele primeiro encontro, ou certamente, pela imposição do estabelecimento de critérios dentro de um modelo econômico em que moradores de favela são inferiorizados diante de uma construção social.

Todos os jovens relataram, nestes primeiros encontros, querer morar em outro lugar assim que possível e tinham dificuldades de relatar aspectos positivos de suas trajetórias ao morar nas favelas.

A grande maioria mora há bastante tempo na região e todos frequentaram colégios públicos nas redondezas. Dos jovens do grupo, apenas dois residiam com o pai e a mãe. Toda vez que o assunto estava relacionado à paternidade, a maioria dos participantes demonstrava repúdio, muitas vezes se referindo ao pai como ignorado.

A maioria das relações familiares se apresentou de forma instável. Os jovens entrevistados relataram convívio problemático em suas casas, além de, quase todos, relatarem dificuldades financeiras.

Todos relataram terem passado por provações financeiras em suas trajetórias até agora. Nesses relatos incluíam despejo de residência, fome, ausência de produtos básicos de higiene e vestuário. Dentro das percepções dos entrevistados, passar as festas de fim de ano e datas com aniversário no meio dessas provações financeiras marcou e ainda marca as suas vidas.

Os relatos sobre a relação desses jovens com a favela começaram a melhorar a partir da percepção da dicotomia “favela x cidade”. A partir desse debate, os participantes começaram a levantar aspectos que representam momentos felizes dentro da favela. Talvez porque já estavam mais íntimos e se sentiram mais à vontade de relatar esses aspectos, ou talvez pela ajuda do participante JOSÉ, que em muitos dos seus relatos, apresentava uma nova forma de olhar a vida do jovem periférico.

Os relatos de racismo na construção/desconstrução do estereótipo do jovem morador da favela os tornaram mais conectados a uma história em comum. No fim desta etapa, os jovens se sentiram muito mais pertencente à Nova Brasília, além de muito mais conhecedores de suas histórias e memórias.

O grupo foi enfático quando relataram ter que provar civilidade a todo tempo. A exigência por ser morador da favela é maior. Fora da favela, eles não podem andar mal vestidos, não podem falar de qualquer forma. Todas essas exigências recaem no peso de ser morador da favela, quando estão fora dela.

Vale ressaltar que, principalmente através das explanações de JOSÉ, os outros participantes se tornaram muito mais conscientes de seu lugar na sociedade, além de cidadãos mais críticos, estabelecendo, mesmo que de forma bem incipiente, uma consciência sobre a estrutura de dominação burguesa no país.

## 4.2 Na perspectiva do jovem e o Estado

Muito mais entrosados na discussão, os jovens se sentiram bastante à vontade para discutir a presença do estado na Nova Brasília. Críticas fundamentadas em uma análise de exclusão das áreas periféricas na distribuição dos equipamentos públicos foram enriquecedoras. Os jovens puderam debater, através de suas experiências de vida, sobre os abusos de autoridades das forças de segurança, sejam elas quais fossem. Revelaram suas angústias e compartilharam suas experiências de abuso de poder por esses agentes.

Também foi possível discutir os benefícios e críticas às obras do PAC e a presença das UPPs na Nova Brasília e em todo CPX, apresentando cada vez mais um grupo maduro e de formação de jovens conscientes e conhecedores de seus direitos e deveres.

Todos os jovens relataram não se sentirem seguros com a presença das forças de segurança, visto que é recorrente pessoas inocentes morrerem e jovens pretos e pobres serem julgados e condenados à morte por militares no comando de invasões letais.

Todos reconhecem a ausência de áreas de cultura e lazer no bairro e se sentem desprivilegiados quando comparam a estrutura e os serviços oferecidos através do Estado nos bairros nobres. Além disso, relataram que os investimentos estatais devem se concentrar na educação e no encaminhamento dos jovens ao mercado de trabalho.

Nos relatos que envolviam saúde e saneamento, os jovens criticaram a atuação do governo no combate a COVID-19 durante a pandemia. Eles reconheceram que o Estado foi ineficiente quando se tratava das favelas no combate a propagação do vírus.

## 4.3 Na perspectiva do jovem e o futuro

O assunto mais polêmico debatido neste eixo temático para a análise da trajetória dos jovens é a relação desses próprios jovens com o tráfico. Talvez, neste momento, todos os jovens não tenham falado tudo o que pensam. De certa forma, essa atitude é compreensível, já que a presença do tráfico nas favelas ainda se apresenta em uma relação de poder.

De qualquer forma, os jovens se apresentaram divididos quando o questionamento era quando o tráfico seria uma opção para o jovem morador de favela. No início, os que responderam relataram que nunca. Depois foi observada uma mudança na percepção de alguns jovens, informando que a opção de jovens pelo tráfico pode ocorrer devido à ilusão de ter certo status ou liberdade financeira.

As conversas sobre o futuro e o trabalho na trajetória de jovens da Nova Brasília renderam bons debates nas conversas do grupo. Era nítida a preocupação de todos os jovens voluntários da pesquisa com o futuro.

Os jovens apresentaram as poucas possibilidades de projeção para o futuro, em que a maioria precisaria trabalhar imediatamente, ora para ajudar no sustento de suas casas, ora por já possuírem filhos e ora para satisfazer a ótica do mercado e ingressar, por conta própria, na sociedade de consumo. Apenas 3 participantes revelaram o interesse em fazer graduação para seguir em uma profissão. Os outros informaram que seguirão profissões sem graduação.

Quando o grupo foi questionado sobre como querem estar com 40 anos, as respostas da maioria pareciam estar relacionadas a um delírio capitalista, em que a maioria respondeu “rico e viajando pelo mundo”. Na realidade, parecia que os jovens do grupo não fizeram uma projeção para tão distante. O agora é a maior preocupação.

Ressalto a utilização do “Mito da Caverna” pelo grupo em diversos momentos, em alusão ao enxergar a sociedade, principalmente de dentro de uma perspectiva econômica neoliberal, em que a sociedade foi forjada em detrimento aos pobres moradores de periferia. A partir de uma ótica de quem vê de fora da caverna, para eles, muitos dilemas passaram a

fazer mais sentido.

Na última conversa, mesmo já tendo encerrado a gravação de áudio, o grupo continuou debatendo sobre questões importantes como racismo, xenofobia, feminismo. Vale pontuar outros temas também importantes que tangenciaram nossos encontros como LGBTfobia, segregação social, entre outros. O grupo acabou saindo junto neste dia. Firmaram uma relação de amizade. Mesmo as conversas do grupo focal tendo acabado, a ideia de se debater sobre questões sociais e econômicas, ao que me parece, irão permanecer no grupo criado por estes jovens que só se conheciam na escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trajetórias de vida narradas por diversos jovens da favela Nova Brasília, apresentadas através da metodologia de entrevistas em grupo focal nesta pesquisa, apontam para a necessidade de compreender a juventude em sua complexidade e diversidade. O olhar para a questão do jovem periférico também é fundamental para quebrar os estereótipos postos sobre eles.

As inúmeras dificuldades impostas aos jovens moradores de periferias, especialmente nas favelas, pelo descaso governamental e pela opressão capitalista são inquestionáveis. O que não parece mais concebível na discussão sobre jovens de classes populares é a desconsideração de suas escolhas individuais, de suas trajetórias múltiplas, por mais restritos que sejam seus “campos de possibilidades”. Se no passado a vida social nas favelas se desenvolvia principalmente pela padronização e generalização gerada pela contingência socioeconômica, o ambiente vivenciado hoje é claramente capaz de autodiferenciação e afirmação pessoal<sup>64</sup>. Talvez isso seja resultado da difusão da tecnologia, que globalizou o acesso a todo tipo de informação, levando a uma visão individualista da vida.

Ao relembrar a análise de todo período de consolidação da favela Nova Brasília enquanto pertencente à cidade, principalmente a partir do fim da ditadura militar e na redemocratização do estado, a implementação do modelo neoliberal e as ineficientes ações de segurança pública esbarram e moldam as atitudes, a perspectiva e a trajetória de todos os moradores, em especial dos jovens. A importância do debate firmado em nossos encontros tornou-se fundamental para que os mesmos jovens pudessem olhar para suas trajetórias, e, a partir disso, fomentar uma análise mais apurada do quanto seus direitos constitucionais, suas liberdades e suas escolhas são usurpadas, dia a dia, ora pela imposição da mentalidade de uma classe dominante que mais vê os seus interesses, ora pelas políticas públicas implementadas que visam também os interesses desses mesmos grupos.

Os diálogos desenvolvidos nos debates não deveriam ser um privilégio apenas do grupo. As escolas, principalmente nas favelas, deveriam fomentar ainda mais e de forma mais enérgica, grupos de debates a partir de seus programas, em que os jovens possam se reconhecer como potentes agentes de reconhecimento, luta e transformação.

Revela-se, através desta pesquisa, a importância de se debater entre os jovens, os temas sobre a imposição do modelo neoliberal, o que possibilita discutir o individualismo predominante, as armadilhas do empreendedorismo individual, a questão do descaso com a saúde pública, a carência projetos educacionais para jovens carentes. Além disso, também se debatem o papel das igrejas nas favelas, dos direitos das mulheres, do respeito à diversidade de gênero, as dificuldades das famílias, a crise do capitalismo e tudo aquilo que os jovens apenas reconheciam como o “correto e intocável”. Tudo a partir do que aprenderam dentro de suas cavernas e que após os debates puderam expandir suas análises.

---

<sup>64</sup> Apresenta, certamente, uma relação com a transição do paradigma de acumulação do fordismo para a acumulação flexível, conforme Harvey nos apresentou lá no distante ano de 1989, em “A Condição Pós-Moderna”.

O espaço em que se vive é aquele que se vê entrelaçado na ação, por isso é também a ideia e as relações que ali se projetam. Neste sentido, o espaço social da juventude da Nova Brasília pode ser compreendido como um lugar diferenciado daqueles que estão em melhor posição geográfica e socioeconômica. Ao abordar a favela, seus discursos dizem que o progresso e a ascensão estão associados a esse espaço, cabendo a eles o esforço próprio, cabendo a eles viver integrados ao espaço. A inserção desses jovens de favela na cidade se dá pelo embate, já que precisam lutar contra os estereótipos, reelaborando as representações de si e do lugar.

Todavia, é exatamente a partir dessas práticas que se delineiam outras perspectivas de produção, interpretação e significação do espaço e da cidade. Em especial, outros olhares sobre as juventudes das periferias são necessários e implicam profundidade crítica, para se evitarem os estereótipos que as vinculam sobremaneira à violência. Assim, possibilita-se revelar o espaço também por suas próprias narrativas: as múltiplas vivências e sentidos do lugar.

Por fim, espera-se que esse estudo possa contribuir no âmbito social e acadêmico por tanger temáticas que necessitam cada vez mais de exploração e compreensão sobre o jovem/sujeito em processo de formação, bem como as crenças e projeções que permeiam o seu universo futuro. Faz-se necessário o debate sobre sociedade civil x Estado e o seu papel de promoção e defesa de seus direitos na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam, CASTRO, Mary Garcia e WAISSELISS, Júlio. *Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: Por que frequentam?* MEC/OEI/FLACSO, Brasília 2015.

ABREU, M. A. *Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro*. Espaço & debates, v. 37, p. 34-46, 1994.

ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, Boitempo, 2009.

ARAGÃO, Luciano Ximenes. *Um prato bonito com beiradas quebradas – a produção do espaço na Rocinha (RJ)*. Tese de Doutorado – USP. 2011.

ARAÚJO, C. (2001). *As marcas da violência na construção da identidade de jovens da periferia*. Educação e Pesquisa, Rev. Da Faculdade de Educação, 27(1),141-160. São Paulo.

ARAUJO, Francimara Carneiro. *O Jogo é doido. A violência nas trajetórias de jovens do Parque Santa Filomena*. UNICAP. São Paulo. 2010

BARBANI, Rosângela. *Mapeando o discurso teórico latino-americano sobre juventude(s): a unidade na diversidade*. Revista Textos e Contextos. Porto Alegre. V. 06. N. 01. 2007.

BARBOSA, JORGE LUIZ. *Juventudes de favelas e periferias em suas estéticas de atitude*. CULTURA É TERRITÓRIO, p. 96.2020.

\_\_\_\_\_. *Território e territorialidades em redes de culturas globais: juventude de favelas e periferias em suas estéticas de altitude*. Ar@cne. Revista Electrónica de Recursos en Internet sobre Geografía y Ciencias Sociales. Vol. 24. 2020.

BARBOUR, R.S.; KITZINGER, J. *Developing focus group research*. London: Sage, 1999.

BARROS, Matheus Alves de. *Ambientalização do Urbano: O caso do Complexo do Alemão na zona norte da cidade do Rio de Janeiro*. (Dissertação de Mestrado/PPUR/UFRJ). Rio de Janeiro. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro, Zahar. 1999.

\_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BRITO, Marcos Roberto Cotrim. RENNÓ, Alexandre Nicolás. *A favela da Geografia*:

- análise e uso do conceito de favela*. Observatório Geográfico América Latina. 2009.
- BUENO, Laura Machado de Mello. *Projeto Favela: metodologia para projetos de urbanização*. 2000. 176 p. Tese (Doutorado) – Curso de FAU USP, São Paulo, 2000.
- CALASANS, José. *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*. Bahia: Tip. Beneditina, 1959.
- CALDEIRA, Cesar. “Segurança pública e sequestros no Rio de Janeiro (1995-1996)”. *Tempo Social*, vol. 9, n. 1, pp. 115-153, 1997.
- CAMPOS, Adriano, SOEIRO, José. *A falácia do empreendedorismo*. Lisboa: Bertrand Editora, 2016.
- CANO, I. Letalidade da Ação Policial no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. ISER. 1997.
- CARDOSO, Adalto Lúcio. DENALDI, Rosana. *Urbanização de favelas no Brasil: Um balanço preliminar do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)*. Letra Capital. 1ª ed. Rio de Janeiro, 2018
- CARLOS, Ana F. *A Geografia Crítica e a crítica da Geografia*. Scripta Nova. (Barcelona), v. XI, p. 3, 2007
- CASSAB, C. *(Re) construir utopias: jovem, cidade e política*. 2009. 228f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- CASTRO, J. A., AQUINO, L. M., e ANDRADE, C. C. (orgs.). (2009). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: IPEA.
- CATTI, Bernadete Angelina. *Grupo Focal em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro Editora. 2005.
- COIMBRA, Cecilia. *Operação Rio: o mito das classes perigosas: um estudo sobre violência urbana e a mídia impressa e o discurso de segurança pública*. Rio de Janeiro. Oficina do Autor. 2001.
- \_\_\_\_\_. NASCIMENTO, Maria Livia. Jovens Pobres: o mito da periculosidade. In: FRAGA, P. C. P. & LULIANELLI (orgs.), A. S. *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003
- COUTO, P. A., e RODRIGUES, R. I. (2015). *A gramática da moradia no Complexo do Alemão: história, documentos e narrativas*. Texto para Discussão. IPEA.
- CORBUCCI, Paulo Roberto et al. Situação educacional dos jovens brasileiros. In: CASTRO, Jorge Abraham; AQUINO, Luceni Maria Cordeiro; ANDRADE, Carla Coelho (Org.). *Juventudes e políticas sociais no Brasil*. Brasília, DF: IPEA, 2009. P. 91-108.
- CORROCHANO, Maria Carla et al. *Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Ação Educativa: Instituto Ibi, 2008. 91 p.

CRUZ, H. D. *Os morros cariocas no novo regime: notas de reportagem*. Rio de Janeiro: S/E. 1941. 102p.

DALL'AGNOL, CM, TRENCH, MH. *Grupos focais como estratégia metodológica em pesquisas na Enfermagem*. ver *Gaúcha Enferm*. 1999 Jan; 20(1):5-25.

DIAS, C. A. (2000). *GRUPO FOCAL: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas*. *Informação & Amp; Sociedade: Estudos*, 10(2). Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/330>

DIAS JÚNIOR, Vilmar Pina. NOGUEIRA, Vera Maria Ribeiro. A falácia do empreendedorismo como política pública de emprego e renda. *Revista da Jornada de Pós-graduação e Pesquisa*. ISSN: 2526-4397 Submetido: 20/09/2021 Avaliado: 15/10/2021. Congrega Urcamp, vol. 17, nº17, ano 2021.

DISTRITO FEDERAL. Prefeitura do Distrito Federal. *Cidade do Rio de Janeiro: extensão, remodelação, embelezamento*. [s.l.]: Foyer Bresilien, 1930.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA – ENSP/FIOCRUZ. *Adolescentes envolvidos pelo tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. 1999.

FERNANDES, Raquel Brum. *Os jovens e o futuro. Diferentes percepções sobre as camadas médias e os moradores de favelas*. *Caderno de Aplicação*. Porto Alegre. V. 34. N. 1. 2021.

GAMACHO, Nola Patrícia. HEIDRICH, Álvaro Luiz. A gente é da vila, mas não é bandido! O lugar e a juventude nas representações sociais dos jovens do bairro Guajuviras – Canoas / RS – Brasil. *Para onde?* Vol. 6. Número 1. 2012.

GASKEL, G.; BAUER, M. W. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GOHN, M. G. (2002). *Movimentos sociais e educação*. 5ª ed. São Paulo: Cortez.

GONÇALVES, H. S. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. *Tempo social - Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 207-219, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12476/14253>>.

GROPPO, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação do Cogeime*, Rio de Janeiro, ano 13, n, 25, p. 9-22, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/cap0125.pdf>>

HARVEY, David. *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. Trad. João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

HIRATA, Helena. *O Estado como Abstração Real*. São Paulo: Estudos CEBRAP, 1980.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). *Atlas da violência 2021*. Rio de Janeiro: Ipea; FBSP, 2021.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *História das favelas do Complexo do Morro do Alemão. Relatório final de pesquisa*. Rio de Janeiro: Ipea/FAPERJ, 2012.

\_\_\_\_\_. (2013). *História das Favelas do Complexo do Morro do Alemão. Relatório Final de Pesquisa*. IPEA/Faperj. Rio de Janeiro: mimeo.

KITZINGER, J. Focus groups with users and providers of health care. In: POPE, C.; MAYS, N. (Org.). *Qualitative research in health care*. 2. ed. London: BMJ Books, 2000.

\_\_\_\_\_. Introduction: the challenge and promise of focus groups. In: Kitzinger J, Barbour RS, organizadores. *Developing focus group research: politics, theory and practice*. London (UK): Sage; 1999. p.1-20.

LAMEGO, Adinalzir Pereira. *Santa Cruz, a Fazenda e o Bairro: Fontes para o Estudo de sua História*. FEUC, Ano 2014.

LANDER, Edgardo. *A Colonialidade do Saber – eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Clacso. 2005.

LAVILLE, Christian; Dionne, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed : Belo Horizonte: Editora UFMQ 1999. 339 p.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão

\_\_\_\_\_. *O direito à cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. *Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LEITE, Márcia Pereira. “Da ‘metáfora de guerra’ ao projeto de pacificação: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro”. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, vol. 5, n. 2, pp. 374-389, 2012.

LEVI, G., & SCHMITT, J. C. (1996). *História dos Jovens* (Vol. 1). São Paulo: Companhia das Letras.

LOPES, Vinicius Esperança. “O complexo para Jesus”: Exército e religião na ocupação militar do Complexo do Alemão. *Métis História & Cultura*, vol. 14, n. 28, pp. 219-242, 2015.

MAGALHÃES, Felipe Nunes Coelho. A dimensão simbólica na cidade neoliberal: notas

sobre a construção de subjetividades na produção social do espaço do neoliberalismo. *R. B. Estudos Urbanos e Regionais* V.17, N.1, P.11-22, Abril 2015.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2008.

MEIRELLES, Zilah Vieira. GOMEZ, Carlos Minayo. *Rompendo com a criminalidade: saída de jovens do tráfico de drogas em favelas do Rio de Janeiro*. FIOCRUZ. Rio de Janeiro. 2009.

MELO, Victor Andrade de. PERES, Fábio de Faria. ESPAÇO, LAZER E POLÍTICA: DESIGUALDADES NA DISTRIBUIÇÃO DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Revista Digital - Buenos Aires* - Año 10 - N° 93 - Febrero de 2006. Disponível em <http://www.efdeportes.com/>

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10ª edição. São Paulo. 2007

\_\_\_\_\_. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MORELLATO, Ana Carolina Batista. SANTOS, André Felipe Pereira Reid dos. *Intervenção Federal e a guerra contra os pobres na cidade do Rio de Janeiro*. Dilemas. Volume 13. Número 3. Rio de Janeiro. 2020.

MORGAN, D. L. *The Focus Group Guidebook*. Thousand Oaks: Sage, 1998.

MOURA, Reidy Rolim de. POSSATO, Suelen. As dificuldades de inserção no mercado de trabalho e suas repercussões na vida dos jovens: apontamentos a partir de uma experiência em comunidade periférica de Ponta Grossa – PR. *Revista Eleuthera*. Vol. 7. 2012.

MOURA, V. T. *Esboço de um plano para estudo e solução do problema das favelas*. Rio de Janeiro: DAD/COC, 1940.

\_\_\_\_\_. *Favelas do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Academia Carioca de Letras, 1943. p. 255-272.

NESIMI, Mariana dos Santos. BOTELHO, Maurilio. Das Favelas às prisões: transformações na segregação urbana no Rio de Janeiro. *Revista Continentes (UFRRJ)*. Rio de Janeiro. 2020.

NOVAES, Regina. *Nada será como antes: notícias das juventudes sul-americanas*. Publicação do Observatório da Cidadania, 2007.

OLIVEIRA, Bruno Coutinho S. *Políticas públicas e participação popular na implementação do PAC Social no Complexo do Alemão, RJ*. Departamento de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

OLIVEIRA de, Francisco. A dominação globalizada: estrutura e dinâmica da dominação burguesa no Brasil. En publicación: Neoliberalismo y sectores dominantes. Tendencias globales y experiencias nacionales. Basualdo, Eduardo M.; Arceo, Enrique. CLACSO,

*Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*, Buenos Aires. Agosto 2006. ISBN: 987-1183-56-9  
Disponível em:  
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/basua/C08DeOliveira.pdf>

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In. Almeida, Maria Isabel; Eugênio, Fernanda. (orgs). *Culturas Jovens*. Rio de Janeiro. Zahar. 2006.

PIZZOL, S. J. S. Combinação de grupos focais e análise discriminante: um método para tipificação de sistemas de produção agropecuária. *Rev. Econ. Sociol. Rural*, Brasília, v. 42, n. 3, p. 451-468, 2004.

PRADAL, Fernand Ferreira; RESENDE, Noelle. “2018: 50 anos entre permanências e o recrudescimento da violência de estado”. *Revista Direito e Práxis*, vol. 9, n. 2, pp. 1122-1144, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

RESSEL, Lúcia Beatriz. BECK, Carmem Lúcia Colomé. GUALDA, Dulce Maria Rosa. HOFFMANN, Izabel Cristina. SILVA, Rosangela Marion da. SEHNEM, Graciela Dutra. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto Contexto Enferm*. Florianópolis. 2008.

\_\_\_\_\_. *Vivenciando a sexualidade na assistência de enfermagem: um estudo na perspectiva cultural* [tese]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo. Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem; 2003.

PEREIRA, Potyara. Discussões conceituais sobre política social como política pública e direito de cidadania. In. BOSCHETTI, Ivanete et al. *Política Social no capitalismo: tendências contemporâneas*. São Paulo: Cortez, 2008.

RIBEIRO, Ludmila. “O nascimento da polícia moderna: uma análise dos programas de policiamento comunitário implementados na cidade do Rio de Janeiro (1983-2012)”. *Análise Social*, vol. 212, n. 2, pp. 272-309, 2014.

RODRIGUES, Arlete Moysés. *Moradias na cidade*. Brasileiras. 10ª ed. SP. Contexto. 2003.

RODRIGUES, RUTE. *Os parques proletários e os subúrbios do Rio de Janeiro: aspectos da política governamental para as favelas entre as décadas de 1930 e 1960*. Ipea. 2014.

\_\_\_\_\_, COUTO, Patrícia, *A gramática da moradia no Complexo do Alemão: história, documentos e narrativas*. Ipea, 2015.

\_\_\_\_\_, *Do Morro da Misericórdia ao Complexo do Alemão: notas sobre o papel do governo na construção das favelas*. IPEA, 2016.

\_\_\_\_\_, COUTO, Patrícia. *A gramática da moradia no complexo do alemão: história, documentos e narrativas*. Ipea, 2016.

ROSA, G. de F. *Corpos jovens como superfície de inscrição de textos culturais: recados*

para a educação escolar. Porto Alegre: UFRGS, digitado, 2004 (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS).

SALAZAR, S. N. (2009). A centralidade da categoria trabalho na contemporaneidade. *Revista em debate*, Revista eletrônica do departamento de serviço social, 7. Acessado em 10 de abr de 2011, a partir de [http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev\\_emdebate.php?strSecao=input0](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev_emdebate.php?strSecao=input0)

SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço*. Ed. USP. 4ª edição. 2002.

\_\_\_\_\_. *A urbanização Brasileira*. 5ª ed. São Paulo. EDUSP, 2008.

SEPÚLVEDA V., L. Juventud como transición: elementos conceptuales y perspectivas de investigación en el tiempo actual. *Ultima Década*, Santiago/Chile, v. 21, n. 39, p. 11-39, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v21n39/art02.pdf>>.

SILVA, Heitor Ney Mathias da. *Política e estruturação do território: PAC e UPPs no Complexo do Alemão*. (Tese de Doutorado PPRU/UFRJ). Rio de Janeiro. 2015.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. “‘Violência urbana’, segurança pública e favelas: O caso do Rio de Janeiro atual”. *Caderno CRH*, vol. 23, n. 59, pp. 283-300, 2010.

SILVA, Márcio Rufino. *A renda da terra em Marx e a moradia urbana em Engels*. Universidade de São Paulo – DG/FFLCH/USP. 2008.

\_\_\_\_\_. ARAGÃO, Luciano Ximenes. *Duque de Caxias e Rio das Pedras: reflexões sobre as particularidades e universalidades da COVID-19*. , [S.l.], n. 16, p. 427-452, jun. 2020. ISSN 2317-8825. Disponível em: <<https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/278>>

SILVA, M. L. P. *Favelas cariocas 1930-1964*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SILVA, Sabrina Souza da. *Polícia para quem precisa: Um estudo sobre as práticas de tutela e repressão utilizadas pelo GPAE no Morro do Cavalão (Niterói)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SILVA, T. T. da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SIMÃO, Mário Pires. Jovens e favelas: em busca de visibilidade política. *Ensaio de Geografia*, v. 4, n. 8, p. 7-27, 10 jan. 2016.

SOUZA, Luís Antônio Francisco de. “Dispositivo militarizado da segurança pública: Tendências recentes e problemas no Brasil”. *Sociedade e Estado*, vol. 30, n. 1, pp. 207-223, 2015.

SPEROTTO, A. N., et al. (2005). *Juventude: Diversidades e desafios no mercado de trabalho metropolitano*. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos DIEESE – estudos e pesquisas, nº 11.

SPOSITO, Eliseu Savério. *Geografia e Filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004, 218p.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos Focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisa de saúde. *Physis Revista da Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro. 2009

TURRA NETO, Nécio. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. *RAEGA - O Espaço Geográfico em Análise*, [S.l.], v. 23, nov. 2011. ISSN 2177-2738. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/24843>>.

UMBELINO, T. L. R.(2007). Rappers do senhor em busca de visibilidade. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais da UFJF*, Ano 1, Edição 2, Novembro de 2007. <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/csonline/article/viewFile/353/327>

VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

VAZ, L. F. *Modernidade e moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro, séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

VEIGA, L.; GONDIM, S. M. G. *A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político*. Opin. Publica, Campinas, v. 7, n. 1, p. 1-15, 2001.

VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VILHENA, Junia. Da vida dos jovens nas favelas cariocas. Drogas, violência e confinamento. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*. Rio de Janeiro. 2004.

ZALUAR, A. *Cidadãos não vão ao Paraíso*. São Paulo: Editora Escuta, UNICAMP, 1994.

ZAMORA, Maria Helena. *Textura áspera. Confinamento, sociabilidade e violência nas favelas cariocas* (Tese de Doutorado). PUC – Rio de Janeiro. 1999.

## SÍTIOS ELETRÔNICOS

Anuário da Educação Básica 2019:

[https://www.todospelaeducacao.org.br/\\_uploads/\\_posts/302.pdf](https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/302.pdf)

Censo da Educação Superior (INEP): <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>

Forte Jor < <http://www.forte.jor.br/2010/11/25/tv-globo-mostra-fuga-me-massa-detrificantes-armados/>>

Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE): <https://ibase.br/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

Instituto de Economia e Pesquisa Aplicada (IPEA): <https://www.ipea.gov.br/portal/>

Instituto Pereira Passos (IPP): <https://www.data.rio/>

Jornal Extra: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/numero-de-alunos-caiu-pela-metade-em-escola-no-mesmo-terreno-de-upp-no-alemao-15739926.html>

Jornal Folha de São Paulo: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/11/28/opiniao/1.html>

Jornal Voz das Comunidades: <https://www.vozdascomunidades.com.br/>

Ministério da Saúde (<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>),

Painel Unificador COVID

<https://experience.arcgis.com/experience/8b055bf091b742bca021221e8ca73cd7/>

Portal GEO RIO:

[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/mapasefotos/bairro\\_alemao.jpg](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/mapasefotos/bairro_alemao.jpg)

Revista Exame: <https://exame.com/brasil/rio-tem-maior-taxa-de-mortes-por-policiais-diz-estudo/>

Sistema de Indicadores de Cidadania (Incid): <https://incid.org.br/sistema-de-indicadores/>

Verdejar: <https://www.verdejar.org/o-macico>

# ANEXOS

## Anexo 1: Autorização para utilização do espaço da escola



**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
**PPGGEO – PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

### Autorização de uso de espaço

Prezado (a) Senhor (a),

Meu nome é Eloir Bravim Júnior e estou realizando a pesquisa acadêmica aplicada sobre o tema “**Trajetória de vida de jovens da favela Nova Brasília – CPX do Alemão/RJ: uma análise por grupo focal**”. Esta pesquisa compõe a minha dissertação de mestrado realizada no PPGGEO/UFRRJ, sob orientação do Prof. Dr. Marcio Rufino Silva.

Solicito o uso dos espaços da escola estadual CAIC THEÓPHILO DE SOUZA PINTO, entre os meses de junho e novembro de 2022, para realização de encontros para pesquisa de grupo focal com alunos maiores de 18 anos.

Os alunos convidados concordaram em participar voluntariamente e todos já estão com o TCLE devidamente assinado, formalizando o consentimento voluntário de participante.

**Nome completo (Legível):** \_\_\_\_\_

**Tels: ( )** \_\_\_\_\_

**Email:** \_\_\_\_\_

ASSINATURA DA DIREÇÃO

\_\_\_\_\_

## Anexo 2: TCLE



**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
**PPGGEO – PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Prezado (a) Senhor (a),

Meu nome é Eloir Bravim Júnior e estou realizando a pesquisa acadêmica aplicada sobre o tema “Trajetória de vida de jovens da favela Nova Brasília – CPX do Alemão/RJ: uma análise por grupo focal”. Esta pesquisa compõe a minha dissertação de mestrado realizada no PPGGEO/UFRRJ, sob orientação do Prof. Dr. Marcio Rufino Silva. As informações a seguir destinam-se a convidá-lo (a) a participar voluntariamente deste projeto na condição de fonte, ou seja, o sujeito que fornece as informações primárias para a pesquisa em curso.

Para tanto é necessário formalizarmos a sua autorização para o uso das informações obtidas nos seguintes termos:

- A sua participação é totalmente voluntária;
- Pode se recusar a responder qualquer pergunta a qualquer momento;
- Pode se retirar da pesquisa no momento da coleta de dados e dá-la por encerrada a qualquer momento;
- A coleta de dados tem caráter confidencial e seus dados estarão disponíveis somente para a pesquisadora autora do Trabalho Final de Curso (TFC) e para seu orientador;
- Partes do que for dito poderão ser usadas no relatório final da pesquisa, sem, entretanto, revelar os dados pessoais dos entrevistados, como nome, endereço, telefone, etc. Dessa forma, as informações obtidas não serão divulgadas para que não seja possível identificar o entrevistado, assim como não será permitido o acesso a terceiros, garantindo proteção contra qualquer tipo de discriminação ou estigmatização;
- Os dados e resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em congressos, publicados em revistas especializadas e da mídia, e utilizados na dissertação de mestrado, preservando sempre a identidade dos participantes;
- Fica, também, evidenciado que a participação é isenta de despesas;
- Se desejar, o participante poderá receber uma cópia dos resultados da pesquisa, bastando assinalar ao lado essa opção: ( ) **SIM, desejo receber cópia do relatório final.**
- Em casos específicos de pesquisas em que se requer o uso de vídeos e fotos dos informantes (*grupo focal, pesquisa ação, etc*), o informante deverá assinalar que concorda e libera o uso de imagem para divulgação em ambientes midiáticos ou em ambientes científicos como congressos, conferências, aulas, ou revistas científicas, desde que meus dados pessoais não sejam fornecidos:  
( ) **SIM, concordo com a cessão de minhas imagens por livre e espontânea vontade /OU /**  
( ) **NÃO, o uso de minhas imagens em forma de vídeos ou fotos não é permitida.**

Ao concordar com os termos descritos e aceitar participar do estudo, pedimos que assine o termo em sinal de que o TCLE foi lido, formalizando o consentimento voluntário de participante.

Nome completo (Legível): \_\_\_\_\_

Tels: ( ) \_\_\_\_\_

Email: \_\_\_\_\_

ASSINATURA

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_.

### Anexo 3: questionário aplicado aos voluntários do grupo focal

#### QUESTIONÁRIO – GRUPO FOCAL

Grupo de pesquisa organizado para investigação de trajetória juvenil no Complexo do Alemão

Pesquisa de dissertação de metrado de Eloir Bravim Júnior / PPGGEO UFRRJ

NOME COMPLETO: \_\_\_\_\_

DATA DE NASCIMENTO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_. CIDADE DE NASCIMENTO: \_\_\_\_\_

EMAIL: \_\_\_\_\_

LOCALIDADE DE MORADIA ATUAL: \_\_\_\_\_

TEMPO NA ATUAL MORADIA: \_\_\_\_\_

LOCALIDADE DE MORADIA ANTERIOR (se houver): \_\_\_\_\_

ATUALMENTE MORA COM QUEM: \_\_\_\_\_

POSSUI FONTE DE RENDA? QUAL? \_\_\_\_\_

RENDA APROXIMADA DE TODOS OS MORADORES DA CASA: \_\_\_\_\_

ESCOLA(S) EM QUE CURSOU O ENSINO FUNDAMENTAL: \_\_\_\_\_

ESCOLA(S) EM QUE CURSOU O ENSINO MÉDIO: \_\_\_\_\_

HÁ QUANTO TEMPO RESIDE NO COMPLEXO DO ALEMÃO: \_\_\_\_\_

ALÉM DE VOCÊ, QUAIS OUTRS PARENTES TAMBÉM MORAM NO COMPLEXO DO ALEMÃO:

O QUE PRETENDE FAZER QUANDO TERMINAR O ENSINO MÉDIO: \_\_\_\_\_

CONTE SOBRE SUA MÃE. SE MORA COM ELA, SE É CASADA COM SEU PAI, COM QUE TRABALHA, SE ESTUDOU, SE TEM OUTROS FILHOS...

CONTE SOBRE SEU PAI. SE MORA COM ELE, SE É CASADO COM SUA MÃE, COM QUE TRABALHA, SE ESTUDOU, SE TEM OUTROS FILHOS...

POSSUI ALGUMA INSPIRAÇÃO DENTRO DO COMPLEXO DO ALEMÃO? E FORA? MOTIVO:

Autoriza o uso de seus dados na referente pesquisa: ( ) sim ( ) Não Assinatura \_\_\_\_\_